

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**OS *BLACK STARS* CHEGAM AO MERCADO: O JOGADOR GANÊS NA
GEOPOLÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE INGLATERRA
E GANA NO PÓS COLONIALISMO (1996-2014)**

**GUARULHOS
2018**

JONATHAN DIAS PORTELA

**OS *BLACK STARS* CHEGAM AO MERCADO: O JOGADOR GANÊS NA
GEOPOLÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE INGLATERRA
E GANA NO PÓS COLONIALISMO (1996-2014)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História Contemporânea
Orientação: Profa. Dra. Patrícia Teixeira Santos

**GUARULHOS
2018**

Dias Portela, Jonathan.

Os *Black Stars* chegam ao mercado: O jogador ganês na geopolítica das relações internacionais entre Inglaterra e Gana no Pós Colonialismo (1996-2014)/ Jonathan Dias Portela. Guarulhos, 2018.
117 f.

Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Teixeira Santos.

Título em inglês: The "Black Stars" hit the market: The Ghanaian player in the geopolitics of international relations between England and Ghana in Post Colonialism (1996-2014).

1. Neocolonialismo. 2. História da África. 3. Futebol. I. Título.

Jonathan Dias Portela
Os *Black Stars* chegam ao mercado: O jogador ganês na geopolítica das relações internacionais entre Inglaterra e Gana no Pós Colonialismo (1996-2014)

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História Contemporânea

Aprovação: 29 / 08 / 2018

Prof.^a Dr.^a Patrícia Teixeira Santos
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Raquel Gryszczenko Alves Gomes
Universidade Estadual de Campinas

Aos meus pais, Júlio e Raquel, e à minha orientadora, Patrícia Teixeira Santos

AGRADECIMENTOS

Sempre ouvira, já em meu último ano de graduação a aprovação para o mestrado, que este degrau caucionaria uma portentosa oportunidade de aprendizado e conhecimento que inauguraria um formato mais sólido de minha vida intelectual e profissional. Que o desenvolvimento da pesquisa e o aprofundamento das questões teóricas ligadas aos métodos investigativos da vida material dirigiram-me à um caminho de sucesso intelectual que poderia ser materializado em um currículo *Lattes*, talvez. Conjugando este parágrafo no futuro do pretérito não indica, necessariamente, que estas projeções culminaram em uma realidade não concretizada, mas, certamente, não foi o maior legado deste processo.

Tive, sem medo ao dizê-lo, os piores anos de minha curta vida, entre 2015 e 2018. Na verdade, isto pouco teve relação com este mestrado, não obstante, suas consequências tangenciaram este momento de minha formação acadêmica. Logo, como geralmente é impulsionada em momentos de adversidades, a gratidão, que aqui cristaliza-se neste costumeiro tópico de teses finais de pós-graduação, fez muito mais sentido para mim. Sêneca, famoso advogado romano do início do período “pós-Cristo”, disse que “aquele que acolhe o benefício com gratidão, começa a pagar a sua dívida”. Eis aqui a tentativa de saudar tal débito.

Agradeço a minha família: Júlio e Raquel (papai e mamãe), que foram portos seguros e tempestades também, mas que buscaram lidar da melhor forma com um pós-graduando muitas vezes problemático que teve de amadurecer para saber lidar consigo mesmo ao passo que tentava entender o seu papel como filho em tão turbulentos tempos. Serão sempre essenciais; meus irmãos, Ellen, Luiz e Julinho, que são exemplos de amizade e que me desconstroem no quesito “Parceria” toda vez que eu sou turrão demais.

Patrícia Teixeira Santos, orientadora, conselheira e querida amiga. Motivadora principal para a materialização deste trabalho que, uma vez terminado, deve-se muito mais a você do que a mim. As lições que tiro dos seus ensinamentos são muito mais pessoais do que os relacionados a História da África, mesmo sendo referência no assunto. A outra metade de minha família acadêmica, Marcos Amorim, um pensador, historiador primoroso, filósofo de bar inspirador e militante que, apesar de muitas vezes pessimista, traz-me muito calor ao coração. Obrigado. Pensar o espaço acadêmico com vocês é muito mais confortante.

Verônica Calsoni, miga, referência como historiadora, colega dos estudos sobre Inglaterra e parceira nas histórias que fizeram os últimos anos valerem a pena. Escrever sua biografia e a orelha dos seus livros serão, sem sombra de dúvidas, os momentos de glória da minha carreira. Que seus passos ainda cruzem com os meus. Neste mesmo modo, não posso esquecer de Giuliana Cori, que fez com que Joverana e Evaristo concretizassem uma simbólica benquerença firmada em filmes de questionável qualidade. Que sua riqueza, outrora planteada em narrativas de viagens à Roma, possa ser vista contemplada também em tua simplicidade. Aqui também vale: que seus passos ainda cruzem com os meus.

Celeste Baumann, Patrícia Moreira, Amauri Caldeira, Priscila Andrade e Lucilayne de Toledo, que me ensinaram, sob duras penas, valiosas lições sobre amizade e companheirismo em um momento crítico. Vocês têm uma contribuição muito grande na concretização desta dissertação. Muitas ressignificações que estruturam o que entendo por “relacionamento” foram possíveis por meio das dores que vocês me ajudaram a carregar. Juliana Carvalho e Mauricio Dias, obrigado pelo suporte emocional quando pouco o é esperado. Que os carnavais e shows dominicais possam ainda ser contemplados por nós.

Um especial agradecimento não pode faltar ao amigo e parceiro na música, Luiz Fernandes Neto. Que você continue sendo este admirável compositor e sócio que ainda me faz todo dia acreditar em uma vida ligada a música. O seu apoio e cumplicidade também me impulsionaram para o término deste trabalho.

Aos professores Antônio Simplício, Janes Jorge, Rosângela Leite e Samira Osman, um muito “Muito Obrigado” por incentivos diretos e indiretos para que eu acreditasse nesta profissão. Individualmente, suas contribuições para a minha trajetória não podem ser esquecidas. Assim como o querido professor e tutor Fábio Franzini, quem foi o meu primeiro orientador, aquele que aturou um pesquisador que, em seu primeiro ano de graduação, tinha muito mais entusiasmo do que habilidade ou bom senso para lidar com o universo da pesquisa. Tê-lo em minha banca, 8 anos depois, é um presente. Espero que possa ver um pouco daquilo que me ensinou, desta vez em um pesquisador mais habilidoso (e talvez menos entusiasmado).

Por fim, um agradecimento aos queridos amigos que a UNIFESP me proporcionou: Ed (oi, Ed), Bruno, Gigi, Rafaela, Michelle Carolino, Aline Ribeiro e os “Amotinados”. A vida universitária foi mais colorida porque vocês foram elementos constituintes dela.

“Não importa o quão longe meus olhos vão, eu posso ver que vocês estão aqui em seus milhões. E meu último aviso para vocês é que vocês devem permanecer firmes atrás de nós para que possamos provar ao mundo que quando o africano tiver uma chance, posso mostrar ao mundo que ele é alguém! Nós despertamos. Nós não vamos mais dormir. Hoje, a partir de agora, há um novo africano no mundo!”. Kwame Nkrumah, *Discurso de independência de Gana* (1957)

[“It does not matter how far my eyes go, I can see that you are here in your millions. And my last warning to you is that you are to stand firm behind us so that we can prove to the world that when the African is given a chance, I can show the world that he is somebody! We have awakened. We will not sleep anymore. Today, from now on, there is a new African in the world!”]

RESUMO

Esta dissertação de mestrado visa analisar a trajetória de atletas ganeses inseridos no futebol inglês entre 1996 e 2014, sob o olhar da imprensa britânica. Procura-se, deste modo, refletir sobre o discurso neocolonial por meio do esporte, especialmente no que concerne as construções das hierarquizações dos jogadores provenientes das antigas colônias africanas, tendo em vista o contexto esportivo inglês e a perspectiva geopolítica da Inglaterra contemporânea nas suas relações com as áreas africanas do antigo Império colonial.

Palavras-chave: Neocolonialismo, Pós Colonialismo, África, Gana, Império Britânico, Futebol.

ABSTRACT

This master's thesis aims to analyze the trajectory of Ghanaian athletes inserted in English football between 1996 and 2014, under the British press sight. In this way, it is sought to reflect on the neocolonial discourse through sport, especially in what concerns the constructions of the hierarchizations of the players from the old African colonies, in view of the English sport context and the geopolitical perspective of contemporary England in their relations with the African areas of the former colonial empire.

Keywords: Neocolonialism, Post Colonialism, Africa, Ghana, British Empire, Football.

SUMÁRIO

LISTA DE TERMOS ESPECÍFICOS DO FUTEBOL	09
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: O “Novo Mundo” sob uma bola em pedaços: Kwame Nkrumah e o ideário pan-africanista na perspectiva do futebol ganês	21
1.1. Estrela de Kwame Nkrumah: Independência e o futebol no plano pan-africanista da Nova Gana	21
1.2. O Novo Mundo em espaços	25
CAPÍTULO 2: Non-black stars: o que passa a ser um ganês na Inglaterra e um africano na Europa sob a perspectiva do futebol?	31
2.1. Novas mercadorias, velhos fetiches: A questão racial na Inglaterra e o delinear de um discurso neocolonial	31
2.2. O exemplo que não queremos: O caso de Nii Lamptey e o discurso neocolonial do abandono do insucesso	39
CAPÍTULO 3: Um jogo de deuses: O futebol inglês como religião da redenção colonial	53
3.1. Realocando valores e reajustando espaços: Michael Essien e os africanos que protagonizaram novos projetos da <i>Premier League</i>	53
CAPÍTULO 4: Conquistando nações e nacionalidades: A barganha de identidades no jogo neocolonial	65
4.1. A redefinição do projeto identitário dos novos ganeses na Europa: Danny Welbeck, irmãos Boateng e Mario Balotelli	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS: Celebrando uma festa que não é nossa e a tutela do futebol europeu na erradicação do africanismo	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
Bibliografia	93
Áudio-Visual	97
Fontes escritas	97
<i>Dados e Estatísticas</i>	97
<i>Mídia jornalística e livros</i>	98
ANEXOS	102

LISTA DE TERMOS ESPECÍFICOS DO FUTEBOL

Fédération Internationale de Football Association (FIFA): é uma organização que se descreve como um órgão internacional de associação de futebol, futsal e futebol de praia. A FIFA é responsável pela organização dos principais torneios internacionais do futebol, principalmente a Copa do Mundo, iniciada em 1930, e a Copa do Mundo Feminina, iniciada em 1991.

The Football Association: é a entidade que controla o futebol na Inglaterra. Foi criada em 1863 e é a mais antiga associação de futebol do mundo tendo, inclusive, desenvolvido as regras do esporte.

Premier League: Principal competição do futebol inglês masculino disputada por 20 clubes de Julho à Maio.

FA Cup ou Copa da Inglaterra: é uma competição anual de futebol inglês masculino no sistema Knock Out. Jogada pela primeira vez durante a temporada de 1871-72, é a mais antiga competição nacional de futebol do mundo.

Football Association Community Shield ou Supertaça da Inglaterra: é uma competição inglesa realizada pela *Football Association* disputada entre os campeões da *Premier League* e Copa da Inglaterra em todo começo de temporada.

UEFA Champions League: é uma competição continental anual de futebol de clubes organizada pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) e disputada por clubes europeus de primeira divisão. É um dos torneios mais prestigiados do mundo e a mais prestigiada competição de clubes do futebol europeu, disputada pelos campeões nacionais (e, para algumas nações, um ou mais vice-campeões) das mais fortes federações nacionais da UEFA.

UEFA Europa League: é uma competição anual de clubes de futebol organizada pela UEFA desde 1971 para clubes de futebol europeus elegíveis. Os clubes se qualificam para

a competição com base em seu desempenho em suas ligas nacionais e competições de copa.

Copa do Mundo: é o mais importante torneio intercontinental entre seleções. É disputada a cada quatro anos.

Eliminatórias da Copa do Mundo: é a fase inicial da Copa do Mundo. Trata-se de competições continentais que visam classificar os países para a fase mundial do torneio.

Janela de transferência: é o período do futebol europeu, geralmente entre Julho e Agosto, em que se é possível efetuar transações envolvendo atletas entre os clubes da UEFA.

Valor do passe: remete-se a um valor virtual de mercado de cada atleta.

INTRODUÇÃO

Em 29 de maio de 1968, em um icônico e lotado estádio em Wembley, Londres, após 120 minutos de uma disputada partida e de uma atuação marcante do “cavaleiro inglês” Bobby Charlton¹, que marcara dois gols, o *Manchester United* conquistava, frente ao português Benfica, pela primeira vez, um título da *UEFA Champions League*, torneio de clubes mais importante na Europa até então.² Este feito marca o encetamento de um processo de ruptura no futebol europeu, reflexo direto do predomínio do capitalismo monopolista financeiro sobre o capitalismo industrial, que estabelece o fim da hegemonia de clubes latinos na competição³ e o início de um domínio de ingleses, alemães e, por um período, holandeses que se estendeu até a temporada 1983/84 quando o *Liverpool FC* sagrou-se o campeão.⁴

Outro interessante coeficiente deste evento que também ecoa das convulsões econômicas na Europa é o número de estrangeiros presentes nos clubes. O *Manchester United* possuía 12 jogadores, além do *coach* Matt Busby e do assistente técnico Jimmy Murphy, vindos de outros países em um elenco com um total de 23 atletas. O português *SL Benfica*, equipe que disputou a final do torneio supracitado contra os *Red Devils*, nome popular da equipe inglesa, contava apenas com um adventício, o moçambicano Zeca, assim como o escocês *Celtic FC*, campeão da competição na temporada anterior. O mesmo é visto na final da primeira edição da *UEFA Europa League*, disputada por duas equipes inglesas: *Tottenham Hotspur* e *Wolverhampton Wanderers*. Nesta oportunidade, onze estrangeiros compunham os elencos daquela que foi uma das maiores demonstrações de soberania do futebol bretão.⁵

¹ Apelido dado pela imprensa internacional que agregava o status de herói nacional na Inglaterra graças à carreira trilhada na seleção inglesa, que atingiu o seu ápice na conquista da Copa do Mundo de 1966.

² A gravação da partida pode ser encontrada na íntegra no arquivo digital “My Football Library”, sob o link: <https://www.youtube.com/watch?v=fhbdChxo2vQ>

³ Entre 1955, ano em que o torneio passa a ser disputado, e a temporada 1956/66, a Espanha obteve 6 títulos com o *Real Madrid* (nas temporadas que se iniciaram em 1955, 1956, 1957, 1958, 1959 e 1965), Portugal conquistou 2 com o *SL Benfica* (1960 e 1961) e Itália 3 com *Milan* (1962) e *FC Internazionale Milano* (1963 e 1964). Dados disponíveis no arquivo digital da *Uefa Champions League* em: <http://www.uefa.com/uefachampionsleague/history/index.html>

⁴ Entre 1967 e a temporada 1983/84, a Inglaterra conquistou 9 títulos com *Manchester United* (na temporada que se iniciou em 1967), *Liverpool FC* (1976, 1977 e 1980), *Nottingham Forest* (1978 e 1979) e *Aston Villa* (1981); A Holanda triunfou 4 vezes com *Feyenoord* (1969) e *AFC Ajax* (1970, 1971 e 1972); E Alemanha 4 vezes com *FC Bayern München* (1973, 1974 e 1975) e *Hamburger SV* (1981). Dados disponíveis no arquivo digital da *Uefa Champions League* em: <http://www.uefa.com/uefachampionsleague/history/index.html>

⁵ Da mesma forma em que se deu na “competição irmã” de mais fama e prestígio, a *UEFA Europa League* também pode ser utilizada como um espelho para o sucesso dos países saxões. Entre 1971 e 1984 a Inglaterra conquistou 5 títulos sendo dois deles com o *Tottenham Hotspur* (nas temporadas que se iniciaram

Neste contexto, podemos lobrigar duas perspectivas deste esporte na Inglaterra que desdobrarão para o modo em que sua geopolítica será estabelecida no escoar da década de 1990.

Na primeira, denotamos como espectador, imprensa e economia mudam a partir da inserção de imigrantes africanos no futebol inglês. Estes dois primeiros, postos claramente como colunas de aporte ao terceiro, estabelecem um paralelo no que se posta o caráter de consumo para o primeiro e produtivo para o segundo.

Tratando-se da popularidade do esporte, a década de 1990 traz a retomada da massificação do consumo do futebol enquanto entretenimento que tivera acentuado declínio a partir de 1971 e alcançou o estágio mais crítico de sua derrocada no decorrer da década de 1980. Para Szymanski e Kuypersisto, tal queda se devia, entre outros fatores, ao *hooliganismo*, que terá o seu paralelo traçado com o momento de migração africana ao futebol inglês no primeiro capítulo deste trabalho, e a grande melhora qualitativa que outras atrações esportivas passaram a ter⁶, algumas delas após um forte processo de internacionalização. Fato é que, ao refletir sobre esta íngreme retomada da popularidade da *Premiere League* na Inglaterra, a aplicação da teoria convencional dos consumidores ao esporte não é direta, uma vez que fatores básicos de investimentos não satisfazem o esclarecimento deste fenômeno.⁷

A globalização no futebol inglês na década de 1990 franqueou uma estrutura do bem-estar entre espectadores e espetáculo. Enquanto muitos teóricos, buscando o ponto coaduno entre a nova realidade do esporte na Inglaterra com os fatores econômicos, se concentraram em enfatizar o efeito homogeneizante em todo o mundo, mantendo sintonia com os novos conceitos de *globalization*, viram este (globalização) como a expansão da economia de mercado em muitas regiões diferentes do mundo, inclinando-se a enfatizar a homogeneidade, os clubes reconheceram que a diferenciação (heterogeneidade),

em 1971 e 1983), *Liverpool FC* (1972 e 1975) e *Ipswich Town FC* (1980); a Alemanha triunfara por 3 momentos com *Borussia Mönchengladbach* (1974 e 1978) e *Eintracht Frankfurt* (1979); A Holanda em 2 oportunidades com o *Feyenoord Rotterdam* (1973) e o *PSV Eindhoven* (1977); Itália, Suécia e Bélgica integralizaram esta lista com *Juventus* (1976), *IFK Göteborg* (1981) e *RSC Anderlecht* (1982). Dados disponíveis no arquivo digital da *Uefa Europe League* em: <http://www.uefa.com/uefaeuropaleague/history/index.html>

⁶ SZYMANSKI, S. e KUYPERS, T. *Winners and Losers: The Business Strategy of Football*. Viking: London, 1999.

⁷ Rob Simmons indica que a teoria econômica simples sugere que a demanda por espectadores no futebol se concretiza em êxito em claros investimentos determinantes que, no caso inglês, pode-se citar o preço do evento (o que inclui os gastos de viagem), dos produtos relacionados aos times e ao aumento do nível de competitividade ao passo em que os clubes gastavam mais para se reforçar. SIMMONS, Rob. *The demand for spectators sports*. In ANDREFF, Vladimir; SZYMANSKI, Stefan. *Handbook on the economics of sport*. Northampton: Edward Elgar, 2006. Pg, 78.

existente nas margens da economia global, seria um dos argumentos para voltar a criar empatia entre consumidor e produto.

Neste sentido, estabelecemos uma questão que vai além das tradicionais problemáticas nos discursos presentes nas relações internacionais envolvendo simples barreiras geográficas. Ao mesmo passo em que as questões econômicas, que passaram a reger a migração de atletas de outros continentes à Europa, eram cada vez mais inerentes as diferenças socioculturais e variáveis como religião, idioma e amarras coloniais e “pós-coloniais”, a relação do atleta migrante para com o país europeu sofre uma metamorfose. Como Matthew Taylor estabelece, para muitos jogadores que estavam nesta situação de migração para a Europa, fatores como cultura, língua e herança eram, no mínimo, tão relevantes quanto considerações econômicas provenientes de um bom contrato.⁸

O novo status de relacionamento que se dará entre o espectador do futebol com os seus atletas imigrantes na Inglaterra já não é aquela que fora vista entre o norte americano e os jogadores europeus e sul americanos que chegaram na *Major League* (Liga nacional de futebol no Estados Unidos) na década de 1970, muito menos como o dos torcedores espanhóis, italianos, franceses, belgas e alemães que começavam a ver seus times sendo formados com profissionais advindos da “Cortina de Ferro” na década de 1980. O cidadão inglês, apreciador de futebol, vê no jogador africano um elemento de resquício da tradicional empatia colonial travestido em todos os adereços das novas relações de trabalho o que, em certa medida, estruturará um novo pacto de bem-estar. E a conquista da admiração e deferência do público europeu pelo atleta africano estabelece um elemento histórico novo nesta relação: a resolução social do que Albert Memmi coloca como “o amor pelo colonizador e o ódio de si”.⁹ Há um processo lógico, quase matemático, nesta ascensão profissional em que o autor sumariza da seguinte forma:

“A primeira tentativa do colonizado é mudar de condição mudando de pele. Um modelo tentador muito próximo se oferece e se impõe a ele: precisamente o do colonizador. Este não sofre de nenhuma de suas carências, tem todos os direitos, desfruta de todos os bens, beneficia-se de todos os prestígios; dispõem das riquezas e das honras, da técnica e da autoridade. Ele é, enfim, o outro termo da comparação, que esmaga o colonizado e o mantém na servidão.

⁸ TAYLOR, Matthew. Football, migration and globalization: The perspective of history. *School of social, historical and literary studies*, p. 9, 2007.

⁹ MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Pg. 162..

A ambição primeira do colonizado será igualar este modelo prestigioso assemelhar-se a ele até nele desaparecer.”¹⁰

Sob tal perspectiva, o método também se evidencia como um espelho do mundo colonial. O teórico e crítico literário Homí.Bhabha, ao pensar as relações da cultura da metrópole com os indivíduos de sua colônia, enxerga no que ele chama de “mímica” o elemento efetivo de ação de alguns agentes na história para assentar este cenário de equiparação da estética do prestígio. Identifica este recurso como:

“...objeto de representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é assim o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do Outro ao vislumbrar o poder”.¹¹

No campo administrativo das federações de futebol africanas, esta linha analítica traçada entre Memmi e Bhabha ganha conformação mais clara e manifesta, mais especificamente no tocante a atuação de técnicos europeus nas seleções nacionais do continente africano.¹² A obsessão pela técnica e conhecimento tático do esporte dos países outrora metrópoles levou a um questionamento do pesquisador Jimmy Kainja, professor na Universidade do Malawi e colunista do *The Guardian*, em um artigo intitulado “*Why do African countries hire non-African football coaches so much?*” (“Por que países africanos contratam tantos treinadores de futebol não-africanos?”).¹³ Nele, o autor traz uma análise estatística dos treinadores brancos ao assumirem seleções africanas, notando uma tendência das federações nacionais de futebol de contratarem técnicos europeus com histórico de fracassos no continente de origem. Kainja traça um paralelo comparativo com

¹⁰ Ibidem, pg. 163

¹¹ BHABHA, Homí.K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Pg. 130.

¹² Tal massificação pode ser ilustrada em uma análise de série histórica debruçada sobre a Copa do Mundo. No mundial de 1994, disputado nos Estados Unidos, dos três comandantes de seleções africanas, dois eram europeus: o francês Henri Michel (Camarões) e o holandês Clemens Westerhof (Nigéria). Quatro anos depois, na França, com o aumento no número de participantes do continente africano de três para cinco seleções, a regra se manteve. Os franceses Claude Le Roy (Camarões), Henri Michel (Marrocos), Philippe Troussier (África do Sul), o sérvio Bora Milutinović (Nigéria) e o polonês Henryk Kasperczak (Tunísia). Nas quatro copas seguintes, já com o modelo de participação com 5 seleções africanas, 13 técnicos europeus (além de um sul-americano) comandaram 20 participações individuais do continente no torneio. Informações encontradas no acervo digital da FIFA referente as Copas do Mundo disponível em: <http://www.fifa.com/fifa-tournaments/archive/worldcup/index.html>. Último acesso em 07/06/2017.

¹³ KAINJA, Jimmy. *Why do African countries hire non-African football coaches so much? Africa is a Country*, Brooklyn (New York), Fev. 2010. Acessível em: <http://africasacountry.com/2013/02/why-do-africancountries-hire-white-football-coaches-for-their-national-teams>. Data de acesso: 09/06/2017.

a tradição que se inicia na década de 1990 e percorre a primeira década do século XXI com a economia da África dizendo que “apesar dos abundantes recursos e talento humano, sempre está buscando ajuda do ocidente”.¹⁴

O segundo prisma que fica exposto a partir destes acontecimentos é a guisa em que o cosmopolitismo no futebol tornar-se-á um espaço de disputa, uma vez em que ele passa a ser concebido como um modo de “respeito aos estranhos” e o reconhecimento universal de indivíduos independente de algum contexto cultural ou racial, de cidadania ou herança. Deste modo, esportes hegemônicos, como parte da cultura de massas, irão desempenhar um papel crucial na formação coletiva mais inclusiva de identidades, pelo menos na teoria.¹⁵

Ainda sob esta perspectiva, segundo o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, o respeito igualitário que passa pelo cerne das culturas mundiais seria regulamentado em sistemas de consonâncias transnacionais, ainda que os marcos institucionais para tal fossem inexistentes, graças a um processo de eclosão de uma esfera pública global e funcional em que envolver-se-ão atores da sociedade civil mundial e cidadãos cosmopolitas e, acrescenta o autor, a União Europeia se estabelece como modelo para estas negociações.¹⁶ Neste cenário, o futebol perpassa por esta ideia atuando como um “marco institucional incorpóreo” que auxiliará a presidir tais negociações no plano sociocultural.

Sob esta função, uma vez que o esporte incorpora este “respeito aos estranhos” e regulamenta estas tensões, acaba por tomar pra si, por meio de mecanismos do cosmopolitismo, uma espécie de um “monopólio cultural da virtude pluralista”. Esta dá-se por uma concepção de Thomas Hill que reconhece o pluralismo mesmo que defende reflexão racional e deliberação como meio de resolução de conflitos, abrindo o caminho para a consideração de um quadro de entendimento comum no âmbito do qual teria lugar o pluralismo.¹⁷

Assim, ao refletirmos acerca deste discurso do pluralismo trazendo-o para o contexto de migração e estabelecimento de atletas africanos na Europa a partir da década de 1990, tonificar-se-á a máxima dita e disseminada nas sociedades ocidentais liberais

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ MARKOVITS, Andrei; RENSMANN, Lars. *Going Global: Sports, Politics, and identities*. In *Gaming the World: How Sports Are Reshaping Global Politics and Culture*. New Jersey: Princeton Press, 2013. Pg. 2.

¹⁶ HABERMAS, Jürgen. The constitutionalization of international law and the legitimation problems of a constitution for world society. *Constellations*, v. 15, n. 4, p. 443-455, 2008.

¹⁷ HILL, Thomas E. Jr. "Kantian Pluralism". *Ethics* 102, p. 743-762, 1992.

desde o fim da segunda guerra mundial de que fundamentais estruturas coloniais, como o racismo, não passavam de resíduos ou de uma patologia que já não coadunavam com o *ethos* moral da democracia e que o “acolhimento” e oportunidade do estrelato para estes africanos na terra de seus ex-colonizadores enfatizaria a “tolerância” como discurso intrínseco das sociedades europeias. Neste sentido, Wendy Brown diz:

“A tolerância emerge, assim, como parte de um discurso civilizacional que identifica a tolerância e o tolerável com o Ocidente, rotulando as práticas e as sociedades não liberais como candidatas a um barbarismo intolerável que é assinalado pela suposta intolerância que governa estas sociedades.”¹⁸

Um claro corolário deste processo, e que vai estabelecer uma forte dicotomia entre os países do Reino Unido e o restante da Europa, dá-se na composição das seleções nacionais no “Velho Continente” a partir de 2000, quando a incorporação e filiação de atletas africanos passam a ser mais corriqueiras e comuns, assim como a “europeização” nos cargos de treinadores das equipas da África (este processo com início já bem mais pretérito do que o primeiro). Pioneiros nesta prática, Portugal e França mantiveram uma latente tradição na segunda metade da década de 1990 em convocar atletas africanos, em sua maioria provenientes de ex-colônias, para atuar em suas seleções. Em 1996, a seleção portuguesa disputara as “*World Cup Qualifiers*” (Eliminatórias para vagas à Copa do Mundo) com jogadores de Luanda, Cabo Verde e Moçambique, enquanto a França se tornava campeã mundial em seu território contando com membros de Guadalupe, Zaire (República Democrática do Congo), Senegal e Martinica.¹⁹ Países de predominância branca que historicamente possuíam estilos táticos e técnicos mais conservadores, como Suíça, Áustria, Polónia e Dinamarca, também passaram a adotar a prática de agregar esportistas da África em seus plantéis nacionais, o que influenciou até as grandes potências do continente no esporte a fazerem o mesmo, como Alemanha, Itália, Bélgica e Holanda, ao ponto em que, na Copa de 2014, mais da metade dos selecionados da equipe francesa (12 jogadores de um total de 23) eram africanos ou de ascendência africana.

Na contramão deste decurso, os países do Reino Unido abriram os seus mercados, mas não a possibilidade de verem suas seleções, símbolos do patriotismo britânico,

¹⁸ BROWN, Wendy. “Tolerance as a Discourse of Depoliticization”, in Wendy Brown (org.), *Regulating Aversion. Tolerance in the Age of Identity and Empire*. Princeton University Press: New Jersey, 2006. p. 1-47. (Tradução minha)

¹⁹ No caso francês, considerar também filhos de imigrantes africanos, não apenas os nascidos no continente.

correrem o risco de ter na imigração africana a instituição de uma ameaça às suas identidades culturais. Os poucos atletas oriundos da África que chegavam a servir a seleção inglesa juvenil (sub 21 e sub 20) raramente chegavam ao plantel principal, com destaque para o nigeriano John Salako, primeiro atleta africano a ser convocado para o *English Team*, em 1991.²⁰

Em 1993, Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales selam um acordo que desconsideraria o regulamento estabelecido pela FIFA de que o jogador que vivesse no território relevante por pelo menos cinco anos seguidos após completar 18 anos poderia atuar por sua seleção nacional. O novo tratado estabelecia que apenas os garotos que recebessem cinco anos de educação, antes dos 18 anos, nesses países teriam o direito de fazê-lo, o que limitaria consideravelmente as chances de um imigrante africano vestir a camisa de uma destas equipes.

Em outubro de 2013, após o debate acerca da inclusão ou não de Adnan Januzaj, jogador belga do *Manchester United*, na seleção inglesa, um dos principais jogadores do país, Jack Wilshere, do *Arsenal*, alegou: “Se você é inglês, é inglês, e pode jogar pela Inglaterra... O único povo que pode jogar pela Inglaterra é o povo inglês” e completa “...Se você morar cinco anos na Inglaterra, isto não te torna um inglês”.²¹ A fala se dá em um momento em que surge uma discussão acerca da legitimidade na inserção de 5 atletas ao principal plantel britânico, três deles africanos (nenhum ganês): Wilfried Zaha (Costa do Marfim), Saido Berahino (Burundi) e Nathaniel Chalobah (Serra Leoa). A citação de Wilshere denota como o *english proud* (orgulho inglês) é instrumentalizado na fala patriótica ligada ao futebol enquanto discurso xenofóbico aprofundado no início do século XXI; prova cabal disto é a inexistência de técnicos africanos no futebol inglês e europeu, de modo geral, uma vez que, após aposentados, estes jogadores perdem a sua “utilidade humanitária”.²² Pensar nos desdobramentos deste discurso de dentro para fora neste período de migrações direciona-nos a compreender o que passou a significar ser um africano na Europa, mais do que isto, ser um ganês na Inglaterra em um possível modelo de novas relações sob a perspectiva de futebol, jogadores, sociedade e estado.

²⁰ Importante estabelecer que este dado é posto considerando os atletas africanos negros, uma vez que, entre as décadas de 1920 e 1930, alguns atletas brancos da África do Sul atuaram pela seleção inglesa, como Reg Osborne, Frank Osborne e Gordon Hodgson, além de outros, entre a década de 1970 e 1980, como Colin Viljoen e Brian Stein.

²¹ WINTER, Henry. Jack Wilshere fuels debate over foreign players after insisting Adnan Januzaj should not represent England. *The Telegraph*, Londres, 8 out, 2013.

²² KING, Colin. *Playing the White Man*. New York: Berg, 2004. p 1– 74.

Para além das questões que se dão no fluxo “Europa – África”, denotamos problemáticas minudenciadas no sentido oposto. Os movimentos operários africanos, e trabalhistas em geral, também foram apanhados numa armadilha ideológica, neste caso, pela lógica do nacionalismo no momento de transição democrática de seus modelos de estado. Tornou-se mais difícil para eles afirmarem que o padrão metropolitano de salários e benefícios deveria aplicar-se a todos os trabalhadores, ou mesmo para enquadrar sua posição política em torno da noção de que os trabalhadores - e outros grupos - existiam tanto dentro da nação quanto em todo o mundo. A condição de "trabalhador" colocava problemas que exigiam atenção específica, tanto dentro como entre as nações. A tensão entre as reivindicações dos trabalhadores aos direitos definidos globalmente e as afirmações dos africanos sobre os direitos políticos como africanos foi, durante a década de 1940 e 1950, um poder criativo e empoderador. Mas quando a "construção da nação" se tornou um projeto de estado e a identidade nacional foi mantida para subsumir todas as outras formas de afiliação, essa tensão foi afastada da arena da política. Sua perda foi parte da tragédia do modo africano de descolonização.²³

Neste sentido, o discurso sobre a cidadania é particularmente difícil de conter, pois os apelos dos excluídos em uma situação reafirmam o valor que a inclusão atribui à cidadania. Escancaram-se, desta forma, os discursos de controle estatal que não permaneceriam: o governo francês não poderia mais impedir que sua noção formalista de cidadania generalizada em todo o seu império em 1946 abrisse questões de igualdade material do que o governo britânico poderia invocar o conceito de desenvolvimento para desviar a atenção dos trabalhadores de suas preocupações específicas.

Fato é, que o exercício de manutenção estética desta identidade nacional perpassou por elementos de permanência por meio de símbolos nacionais. No caso do futebol, a figura de Arthur Wharton é cognoscível como estampa embrionária da massificação de elementos regulamentadores de um sistema neocolonial. Ele, primeiro atleta profissional negro de futebol, ganense de Jamestown (Accra), se mudou para a Inglaterra aos 19 anos, em 1882, para ser um atleta metodista e, mais tarde, atuar como goleiro de grandes equipes britânicas como o *Darlington*, *Stockport County*, *Stalybridge Rovers* e o *Preston North End*.

O símbolo “Wharton” é emblemático como um modelo de sucesso, aclamado em sua terra natal, em um campo de consumo pré-massificado e culturalmente em um campo

²³ COOPER, Frederick. *Descolonization and African society*. Cambridge: Cambridge University press, 1996. Pg. 468

de pertencimento de países colonizadores. Mais do que isto, Arthur Wharton é um modelo de sucesso em um esporte declaradamente usado no discurso imperialista britânica na virada do século XIX ao XX.

Ao vislumbrar esta perspectiva, o historiador James Anthony Mangan, em seu célebre trabalho “*Athleticism In The Victorian And Edwardian Public School The Emergence And Consolidation Of An Educational Ideology Sport In The Global Society*” (1981), explora diversos poemas produzidos entre 1887 e 1922 a fim de ilustrar esta relação do futebol britânico ao domínio imperial, como este chamado “*The Football Player*”:

“... o uso em campos de jogo pacíficos
De membros flexíveis e olhos sempre acelerados
Ganhe para ele louros num jogo mais severo
Dando recurso e força que nunca cede,
Fazê-lo de tal forma que ele preferiria morrer
Do que o solo a honra do nome de seu país.”²⁴

Neste e em outros poemas analisados por Mangan, que perpassam por questões como “força moral”, honra, orgulho e autossuficiência como elementos necessários para se fazer um exemplar “*English boy*” por meio do futebol, a devoção ao imperialismo, assim como a disposição em defendê-lo até a morte, são intrínsecos a prática do esporte. Sob a égide do discurso colonizador, jogar futebol não era apenas praticar um esporte, mas sim celebrar uma identidade britânica. Não por menos, Arthur Wharton fora extremamente celebrado pela mídia inglesa e jogadores da *Premiere League* como elemento de um discurso em prol a britanicidade.

Em 2014, após empreitada da *Arthur Wharton Foundation*, uma estátua do goleiro ganês foi erguida no St George’s Park ganhando muitas páginas dos periódicos ingleses que enalteciam o ato como um grande gesto de representatividade para os futebolistas negros. Como bom exemplo desta afirmação, no *Dailymail*, o jornalista Laurie Whitwell produz um artigo sobre o acontecimento encomiando o ato e elencando a participação de jogadores negros como questão medular na homenagem à Wharton.²⁵

²⁴ MANGAN, James Anthony. *Athleticism In The Victorian And Edwardian Public School The Emergence And Consolidation Of An Educational Ideology Sport In The Global Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. Pg. 192 (Tradução minha).

²⁵ WHITWELL, Laurie. Arthur Wharton recognised at St George's Park as statue is unveiled in memory of the world's first black professional footballer. *The Dailymail*, Londres, 14 out, 2014.

Neste editorial, o autor, embasado nas estatísticas da *Premiere League*, concatena a importância do culto à memória ao arqueiro de Gana ao ínfimo número de técnicos negros na competição. À época, apenas dois treinadores negros trabalhavam na primeira divisão do campeonato inglês: Chris Powell e Keith Curle, ambos não nascidos em países africanos.

A reportagem ressalta também a importância dos convidados no evento de inauguração do monumento: Além de Powell, Whitwell destaca a participação de Chris Ramsey (ex-jogador de futebol e técnico do *Queens Park Rangers*, um clube da segunda divisão da Inglaterra), Dave Regis e Leslie Ferdinand. Todos ex-jogadores de futebol, todos negros, nenhum ganês, nenhum africano.²⁶

O tom de celebração em torno de Arthur Wharton fora homogêneo nos principais nomes de sessões esportivas em Londres: Apelo aos questionamentos sobre a pouca presença negra nas camadas superiores das relações de poder nos clubes de futebol britânicos, mas marginalizando qualquer identidade ganesa do personagem.

O “ser ganês” e o “ser africano” ganharão espaço ábdito dos protagonismos midiáticos que dão sustento ao processo de “dignificação heroica”, típico da mídia esportiva, a não ser quando podem se tornar produtos de revitalização das manifestações (neo)coloniais no novo mundo do século XXI. As relações simbólicas ganham novos formatos e novos discursos.

E sob esta nova perspectiva, a historiadora Ana Lopes debruça-se nos novos laços estabelecidos em uma cultura nacional e diz:

“As “novas metrópoles” distintas das antigas não se configuram mais em sedes governamentais com políticas de Estado empreendedoras, mas em empresas e empreendimentos que têm entre seus investidores chefes de Estado, financiadores de campanhas políticas e interesses disseminados que não equacionam as necessidades dos espaços neocolonizados nem necessitam de uma legislação unificadora. Com isso, o sistema neocolonial perde uma referência fixa, um nome, se torna mais perverso.”²⁷

²⁶ Ver anexo 1.

²⁷ LOPES, Ana M. H. “Neocolonialismo na África”. *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. São Paulo, nº 8, pg. 15. Dez./ 2011.

CAPÍTULO 1 - O “NOVO MUNDO” SOB UMA BOLA EM PEDAÇOS: KWAME NKRUMAH E O IDEÁRIO PAN-AFRICANISTA NA PERSPECTIVA DO FUTEBOL GANÊS.

“Este meio do século 20 é da África. Esta década é a década da independência africana. Avançando então para a independência, para a independência agora, amanhã os estados unidos da África”

Kwame Nkrumah, discurso de independência em Accra no dia 6 de março de 1957.

1.1 - Estrela de Kwame Nkrumah: Independência e o futebol no plano pan-africanista da Nova Gana²⁸

Era muito difícil encontrar uma casa em Accra, Kumasi, Bolgatanga, Tamali, ou qualquer outro grande município ganês, que não estivesse imersa no rádio no dia 21 de Novembro de 1965. Apesar do conturbado e delicado momento político, que havia atingido seu fastígio quando Nkrumah propusera uma emenda constitucional que tornara o CPP (*Convention People's Party*, partido de cunho socialista fundado por Nkrumah em 1949) o único partido legal de Gana no final do ano anterior, a atenção nacional estava voltada para o Stade Chedli Zouiten, na Tunísia, onde os *Black Stars*, que já não ostentavam a simbólica estrela negra em seus uniformes, disputavam o título de campeão africano contra a seleção dona da casa. A torcida, que já acompanhava a partida em sua prorrogação (2x2), estava completamente silenciada até que, na marca do minuto 96, o meia Frank Odoi, que já havia marcado o primeiro tento da equipe, recebe um cruzamento dentro da grande área, vindo da direita, e com um chute certo faz o gol da vitória levando a claque ganesa ao delírio.²⁹ O documentário “*Kwame Nkrumah & Ghana's Black Stars*”, ao retratar o jogo, revela que Nkrumah, pessoalmente, prometera uma casa para cada atleta, caso o time ganês triunfasse garantindo seu segundo título africano.³⁰

²⁸ A palavra “estrela” no título faz menção ao apelido recebido pela seleção nacional ganesa no período em Kwame Nkrumah fora presidente: *Black Stars*. O nome parte da referência ao barco em que vários negros afro-americanos embarcaram nos Estados Unidos para desembarcar em Gana na década de 1920.

²⁹ Dados e estatística retirados das atas oficiais das partidas da Copa das Nações Africanas de 1965 disponíveis em: <http://www.rsssf.com/tables/65a.html> Último acesso: 17/12/2016

³⁰ Nkrumah & Ghana's Black Stars. [Filme-vídeo]. Accra, Miracle Films Ghana Limited, 2010. Stream, 24 minutos.

A conquista representava muito mais do que um júbilo no esporte, mas era a defesa de um símbolo de prestígio histórico da gestão de Kwame Nkrumah. E, de fato, os *Black Stars* eram embaixadores da Nova Gana e do evangelho pan-africanista de seu novo líder político.

Em 1960, Gana figura como ponto chave para entender o discurso das relações internacionais em um momento de construção de novos estados, logo de novos nacionalismos e identidades que, no caso africano, tinha no patriotismo um mecanismo fundamental neste novo processo.

O patriotismo ganês possui uma clara dimensão histórica, uma vez que Gana foi o primeiro país a alcançar a independência na África negra, em 1957, com evidentes inclinações pan-africanistas de seu primeiro presidente Kwame Nkrumah o que levou este patriotismo para fora do estreito quadro da nação-estado.³¹

Nkrumah buscou transformar a seleção nacional de futebol, por meio de um forte patrocínio estatal, em um símbolo de Gana independente e profundamente arraigada ao ideário do pan-africanismo. Esta se tornou uma imagem consideravelmente representativa do processo de descolonização dos países africanos. Assim, o presidente ganês batizou a equipe nacional como “*Black Stars*” e dotou-os da melhor infraestrutura que uma seleção africana já usufruía até então e, como tentativa de mostrar um plano nacionalista no futebol, contratou o então atacante recém-aposentado Charles Kumi Gyamfi, primeiro atleta ganês a jogar no futebol alemão³². Além disto, Gana se tornara o primeiro país subsaariano a criar a sua própria associação nacional de futebol e o primeiro a se filiar a FIFA, em 1958. Resultado imediato deste processo foi o triunfo nas edições de 1963 e de 1965 da Copa das Nações Africanas³³ e o sucesso na excursão que a equipe ganesa fizera pela Europa, triunfando sobre a seleção italiana e austríaca, e empatando com o *Real Madrid*, resultados que demonstravam que o futebol africano começava a figurar com mais importância (seja por fatores técnicos ou políticos) no cenário intercontinental do esporte.

Também neste período, início da década de 1960, é criada a *Nkrumah Gold Cup*, talvez a mais clara forma de propagação do pan-africanismo por meio do futebol feita pelo presidente ganês, competição que envolvia as seleções africanas de países que já

³¹ MEHLER, Andreas. Political Discourse in Football Coverage: The Cases of Côte d’Ivoire and Ghana. *GIGA*, Leibniz, n. 27, 25 p. Agosto, 2006. P. 8.

³² MUNGAZI, Farayi. Ghana legend laments money culture. *BBC*, Accra, Jan. 2008. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/africa/7185929.stm> último acesso em 12/01/2017.

³³ MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Ed. Hedra, 2000. P. 186.

havia alcançado suas independências a fim de reforçar sua popularidade. Mesmo a seleção ganesa não tendo se tornado a campeã do torneio, certamente o status e a popularidade adquiridos neste processo se tornaram tão empolgantes como o troféu disputado.³⁴

O sociólogo inglês Ossie Stuart, no texto “*The lion stir: Football in african society*”, escrito na primeira metade da década de 1990, observa o sucesso do futebol ganês sob os investimentos de Nkrumah como um dos principais agentes dentro da ideologia do pan-africanismo na década de 1960. Afirma que o progresso da seleção ganesa “confirmava a promessa de uma era de ouro não apenas para o primeiro país subsariano independente, mas para a África toda”.³⁵

O historiador britânico Paul Darby, em certo momento, dedica-se, em seu livro “*Africa, football and FIFA: politics, colonialism and resistance*” (2002), escrito dez anos depois da publicação de Ossie Stuart, a trazer os escritos do sociólogo ao debate acerca do nacionalismo africano e o papel dos *Black Stars* neste cenário. Darby reafirma o argumento de Stuart e se aprofunda no tocante ao modo em que se dava o reflexo deste sucesso do futebol na sociedade ganesa e africana, dizendo que os líderes nacionalistas africanos, em especial Kwame Nkrumah, assimilaram o caráter mobilizador do futebol para com as massas populares utilizando-se das oportunidades oferecidas dentro do “santuário relativo dos jogos de futebol”, para expressar abertamente as suas ambições para uma nova África, possibilitando recrutar membros da classe trabalhadora e da elite africana para a sua causa, o que, para Darby, fora o ponto chave do sucesso do jogo político no futebol ganês.³⁶

Neste sentido, a atuação de Nkrumah nas instituições reguladoras do futebol também demonstra a força do seu discurso pan-africanista também na esfera política do esporte. A *Confederation of African Football - CAF* (Confederação Africana de Futebol), órgão criado em 1957, por dirigentes de África do Sul, Egito, Etiópia e Sudão e, após o enfrentamento de uma forte oposição, teve a inscrição de Gana aceita no mesmo ano, por meio de Nkrumah.

³⁴ Informações acerca do projeto original do “*Nkrumah Gold Cup*” podem ser encontradas em: <http://www.rsssf.com/tables/nkrumah.html> último acesso em 12/01/2017.

³⁵ STUART, Ossie. *The lion stir: Football in african society*. In: WAGG, Stephen. *Giving the game away: Football, politics and culture on five continents*. Londres: Leicester University Press, 1995. P. 38. (Tradução minha).

³⁶ DARBY, Paul. *Africa, football and FIFA: politics, colonialism and resistance*. Cornwall: Cass, 2002. P. 27.

A relação institucional entre *CAF* e Gana fora precípua para a ampliação dos direitos de África e Ásia dentro da *FIFA*, uma vez que só a partir de fortes pressões do presidente ganhês junto a entidade, entre 1964 e 1965, países de África e Ásia passaram a ter representantes na maior competição de futebol do planeta, a Copa do Mundo, fazendo suas estreia no torneio sediado na Inglaterra em 1966. Contudo, esta abertura ainda não permitia uma ampla participação de nações africanas e asiáticas, pois consentia apenas uma seleção representando os dois continentes de forma una.³⁷

Para Nkrumah, ama vaga para ambos continentes não era o suficiente e, junto as federações africanas de futebol, o presidente ganhês organizou um boicote de todas as equipes dos continentes à Copa do Mundo daquele ano. O episódio constituíra-se como um espetáculo de unidade do continente. A *FIFA* cedeu e o boicote do pan-africanista Nkrumah havia atingido seu objetivo.³⁸

Contudo, talvez sua maior contribuição para a *CAF* tenha sido o seu discurso em uma reunião oficial em 1964 em que disse:

"A África pode se dar ao luxo de ficar atrasada em qualquer esfera da vida. Eu, portanto, vos cobro que organizem a versão africana da Copa da Europa para o campeonato de clubes com este troféu. Com uma organização eficiente, estou certo de que esta competição irá contribuir para a maturidade do futebol da África e ajudar a impulsionar o nosso querido continente para a luz do cal ... Espero que esta competição vá ajudar a levar o futebol africano à maturidade e ganhar para o nosso querido continente uma maior respeitabilidade e reconhecimento a nível universal".³⁹

E o desafio fora aceito pelo então presidente da instituição, o nigeriano General Mustapha Fahmy, afirmando que “a *CAF* não pode falhar com Nkrumah e com o continente”.

³⁷ Informações disponíveis nos arquivos online da *FIFA* em: <http://www.fifa.com/fifa-tournaments/archive/> último acesso em 09/02/2016.

³⁸ Na Copa do Mundo de 1970, a seleção de Marrocos fora a classificada para representar, pela primeira vez por meios qualificativos, o continente africano no torneio.

³⁹ HEFFERNAN, Connor. Football, Dr Kwame Nkrumah & The Quest For African Unity. Punditarea, Accra, disponível em: <http://www.punditarena.com/football/cheffernan/football-kwame-nkrumah-and-the-quest-for-african-unity/> Último acesso em 02/12/2016 (Tradução minha). Citação original: “Africa can ill-afford to lag behind in any sphere of life. I therefore charge you to organize Africa’s version of the European Cup for club championship with this trophy. With efficient organization, I am certain this competition will add to the soccer maturity of Africa and help propel our dear continent into the lime-light... I hope that this competition will help bring African soccer into maturity and earn for our dear continent a greater respectability and recognition at the universal level.”

Esta conjuntura política em que o futebol enquanto instrumento está inserido denota como a luta pela independência africana sempre foi direcionada para que os estados deste continente participassem efetivamente da comunidade mundial de nações. Desde o início, o desejo existe entre os estados-nação de toda a África para serem reconhecidos como totalmente amadurecidas e capazes de fazer uma contribuição significativa para o mundo moderno. Por esta razão, o futebol sempre foi considerado uma das forças modernizadoras mais importantes do continente e Gana fora a primeira nação africana no século XX a compreender isto e a promover um plano de ação neste sentido.⁴⁰

1.2 - O Novo Mundo em espaços

Uma vez que a ressignificação dos parâmetros que definem as imagens do nacionalismo ganês se faz realidade consolidada, as estruturas de seus agentes promovedores (neste caso, o futebol) passam a serem espaços de disputa no campo das representações.

Assim, sob esta dimensão, é possível reconhecermos os primeiros discursos pró-colonialismo no território do esporte. A defesa de uma antiga estrutura no futebol era, acima de tudo, uma defesa da virtude de um tempo para os atletas mais antigos que não aceitavam a regeneração em andamento por Nkrumah passando a serem encarados como obsoletos, e, sob a máxima de que o “futebol chegou à África sob as asas do império”⁴¹, a manutenção dos padrões ingleses no futebol ganês se tornava um expoente de um discurso contra a “agressiva modernização”.⁴²

O pesquisador sobre futebol Richard Giulianotti destaca que “os esportes imperiais possibilitavam que as classes colonizadas reproduzissem suas identidades e práticas socioculturais nestes pontos distantes.”⁴³ Giulianotti expõe que os laços de dominação cultural se davam, a priori, no âmbito físico do esporte, no momento em que os responsáveis desta missão “civilizadora” britânica transmutavam ou extirpavam as

⁴⁰ KUPPER, Simon. *Football against the enemy*. Londres: Orion Group. 1996. P. 110.

⁴¹ SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. *FIFA and the contest for world football*. Cambridge: Polity Press, 1998. P. 128. (Tradução minha).

⁴² Termo cunhado e trabalhado pelo sociólogo alemão Peter Wagner em: WAGNER, Peter. *Theorizing Modernity. Inescapability and attainability in social theory*. Londres: Sage Publications, 2001

⁴³ GIULIANOTTI, Richard. *O estudo do esporte no continente africano*. In: MELO, Vicotor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (orgs). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. P. 14.

culturas corporais dos africanos manifestadas no modo de correr, chutar ou arremessar. Neste contexto, observa-se que o primeiro ato de salvaguarda aos antigos modelos coloniais do esporte se dava pela moralidade e moralismo pregados sobre os corpos.

Em outras localidades do continente, a regulação dos movimentos corpóreos também era centro do debate acerca da dicotomia estabelecida entre a representação cultural local e o decoro que morigerava o comportamento social por meio do esporte. Em um trabalho sobre o controle britânico sobre o futebol em Zanzibar, a historiadora Laura Fair disserta acerca do papel da dança no fornecimento de uma base para que o esporte se tornasse um meio de dissolver as distinções sociais:

"Embora os britânicos tenham escritos e administrado as regras do jogo, eles exerciam muito pouca influência sobre como as equipes foram organizadas nos bairros ou os significados que os homens atribuíam ao jogo dentro de suas próprias vidas. (...) Grupos de dança também forneceram indivíduos de origem pobre e socialmente marginais com avenidas para alcançar status, títulos e posições de autoridade, bem como atmosfera ritualizada em que eles poderiam desafiar superiores."⁴⁴

Fair problematiza uma dicotomia estabelecida historicamente entre o domínio administrativo do futebol enquanto forma de controle e a apropriação técnica do esporte como modelo de resistência, tornando os agentes participantes deste processo elementos de uma disputa no campo das representações. Mais do que isto, a forma de atuação de um atleta fora redimensionada no discurso político nacional, tanto em Zanzibar quanto em Gana.

Outro elemento de permanência apontado por Giulianotti foi a criação dos laços socioculturais desenvolvidos por clubes e associações esportivas que se mantiveram por grande esforço dos antigos mandatários do futebol que passavam a ter o seu prestígio ameaçado, citando assim, o exemplo das excursões promovidas pelo governo inglês de clubes britânicos nas colônias africanas.⁴⁵ Reflexo imediato desta intervenção fora a criação de clubes ganeses que possuíam os mesmos nomes de equipes tradicionais da

⁴⁴ FAIR, Laura. "Kickin' It: Leisure, Politics and Football in Colonial Zanzibar, 1900s-1950s." *Africa: Journal of the International African Institute* 67, no. 2 (1997): 224-251. (Tradução minha). Citação original: "Although the British had written and administered the rules of the game, they exerted very little influence on how the teams were organized in the neighborhoods or the meanings that men ascribed to gambling within their own lives. (...) Dance groups also provided individuals from poor and socially marginal backgrounds with avenues to achieve status, titles and positions of authority as well as ritualized atmosphere in which they could challenge superiors."

⁴⁵ GIULIANOTTI, Richard. Op. Cit. P. 16.

Inglaterra, como o *Berekum Chelsea F.C.* e o *Berekum Arsenal* que possuíam, inclusive, brasões e escudos muito semelhantes aos de seus times inspiradores.⁴⁶ Estas equipes permaneceram na elite do futebol ganês mesmo no período pós-colonial, muito pelo investimento financeiro e ideológico dos opositores a renovação das ligas nestes primeiros anos de independência.

Tal ímpeto por parte destes agentes em manter as “tradições coloniais” por meio de clubes símbolos vinha de uma contraofensiva do governo nesta área. O desejo de desenvolver o futebol em Gana levou Nkrumah a medidas impopulares. No início de 1960 um novo *superclub* foi criado chamado *Real Republicans* (um nome inspirado pelo *Real Madrid*, equipe espanhola dominante na Europa neste período).

Dois dos melhores jogadores de todos os clubes de elite em Gana foram transferidos para o novo clube de Nkrumah sob o fito de que isso iria melhorar o nível geral da equipe nacional. O *Real Republicans* foi tratado como a realeza. Os jogadores tinham acesso ilimitado a Nkrumah e todos eles tinham seus desejos concedidos, que iam de imóveis para a família até viagens concedida por meio de dinheiro público. Eles jogaram contra outras equipes como *Accra Heart of Oaks* e *Asante Kotoko* em jogos do campeonato nacional, contudo sem a contagem de pontuação para a equipe de Nkrumah. Em 1964, o *Real Republicans* foi autorizado a competir abertamente no campeonato de futebol nacional, em que foi facilmente campeão. Eles eram fortes demais para as equipes no campeonato nacional de Gana .

A iminente ira dos fãs de outras equipes em Gana servira, dentre outras coisas, como escusa para aqueles que lutavam por sua existência no futebol ganês mas mantinham-se ligados aos discursos colonialistas. Entretanto muitos aceitavam as radicais mutações do futebol, uma vez que este processo era feito em nome do nacionalismo. Dez jogadores do *Real Republicans* estavam na primeira equipe de Gana, em 1963, a vencer A Copa Africana de Nações e qualquer contrariedade à Nkrumah e seu time foi esquecida.

Quando Gana renovou o título da Copa Africana de Nações, em 1965, Nkrumah figura como personalidade política invencível, ainda que a crise de seu governo era iminente. Sua política externa que levava o Pan-Africanismo estava decolando e sua equipe de futebol foi de notável valência.⁴⁷

⁴⁶ Informações obtidas na página da *Premiere League* ganesa no site oficial da Associação Ganesa de Futebol em: <http://www.ghanafa.org/pages/premierleague/> Último acesso em 06/12/2016.

⁴⁷ AUTOR NÃO INFORMADO. Football after Independence. *The Sun Online*, Accra, disponível em: <http://thesunonlinegh.com/2015/03/football-after-independence/> Último acesso em 12/01/2017.

A consolidação e o sucesso de uma equipe oficial do Estado que fosse símbolo da independência trazia, dentre outras coisas, um processo de assentamento da imagem de retrógrado para as equipes que expunham suas heranças coloniais. Desta forma, estas se amparavam no resgate de uma memória colonial para retomar uma virtude de um tempo em contraposição ao “colapso” que o “autoritarismo” do regime de Nkrumah impusera sobre os demais clubes nacionais que, pouco a pouco, passaram a boicotar a liga nacional.

Na esfera de ação que compete ao discurso, vemos esta dualidade entre o velho e o novo em inexorável confronto pelos rótulos da retidão e respeitabilidade. Em seu livro “Neocolonialismo – ultimo estágio do imperialismo”, Nkrumah avalia o neocolonialismo como um estágio avançado do imperialismo que não se configura em um neoimperialismo. Trata-se de uma reestruturação de práticas que ao invés de renovar, produz algo diferente que compõe um sistema de dominação política que usa como forma de coerção agenciamentos econômicos e financeiros.⁴⁸ A existência de Estado independente e de um governo local autônomo distancia os países africanos da perspectiva colonial. Nkrumah trabalha usando o modelo de inserção de um novo governo anticolonial como algo modernizador em si, que representa um progresso necessário, uma vez que o processo de “renovação” é inviável nas reestruturações do neocolonialismo.

A venda do “novo” como algo que é bom em si, e os conflitos já citados que partem desta prédica, perpassa pelo conceito de diluição, ou liquefação, do tempo, de um mundo sem forma de quase instantâneas metamorfoses culturais abstendo-se de qualquer forma de saudosismo. Este conceito, cunhado por e que decorre em boa parte da obra do intelectual polonês Zygmunt Bauman, age como alicerce para entendermos a dicotomia estabelecida no futebol ganês no início dos anos 1960 entre o grupo que visava a reforma do futebol enquanto meio de propaganda e aqueles que reivindicavam a moralização do esporte pelas tradições coloniais, e como isto se encaixa no discurso renovador de Nkrumah. A coluna teórica do intelectual polonês se dá ao suscitar o repúdio e o destronamento do passado e das tradições como formas de transfiguração do modus operandi da(s) sociedade(s), o que marginalizou e tornou ultrapassados inúmeros agentes.⁴⁹ Este fenômeno, além de outras coisas, mostra como cada vez menos as gerações conversam entre si, uma vez que também cada vez menos as novas gerações têm

⁴⁸ NKROMAH, K. *Neocolonialismo: ultimo estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. Pg. 8.

⁴⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

o que aprender no plano técnico com as gerações mais velhas. Algo que era perceptivo nas sociedades africanas recém-livres de suas colônias. Logo, muitos agentes pertencentes a este velho universo passavam a enxergar o meio que os formou tornar-se obsoleto e há iminente confusão de entender o fim de seu mundo como o fim do mundo em si. A defesa de seu tempo por meio de um saudosismo das formas técnicas, como correr, chutar e arremessar como um europeu, funciona como a defesa da virtude de seu tempo em si visando evitar que este agente inexista sócio e culturalmente.

Em Gana, não era simplesmente elementos de uma ideologia simpática e propensa ao colonialismo e suas ramificações que se colocava em debate, mas sim o questionamento acerca do local social que jogadores, agentes, mandatários e empresários ligados ao futebol passariam a ocupar, mais do que isto, como seriam acoplados no discurso de modernidade trazido pelos ideários pan-africanistas. Isto se evidencia em figuras como os então *managers* George Ainsley (Inglaterra) e Josef Ember (Hungria) que, ao perderem mercado na seleção ganesa e por não terem mais espaço no modernizado futebol europeu, passaram a ser ferrenhos opositores do novo modelo nacional do esporte em Gana que já não dava muito espaço para os técnicos estrangeiros, alegando o quão dinâmico e súpero eram os times nacionais antes da independência liderada por Nkrumah. Alguns futebolistas ganeses, adaptados e entusiastas do estilo europeu, como Edward Jeff Aggrey-Finn e Samuel Arday, utilizavam-se dos mesmos pressupostos para fazer uma defesa do passado em relação a “africanização” do esporte no país.⁵⁰

Corroborando com esta ideia, o sociólogo espanhol Manuel Castells disserta sobre a existência de uma crescente polarização e uma longiquidade cada vez maior entre os mundos das duas categorias em que se dividem os habitantes: o espaço da camada superior geralmente está conectado à comunicação global e a uma vasta rede de intercâmbio, aberta a mensagens e experiências que envolvem o mundo inteiro. Na outra extremidade do espectro, redes locais segmentadas, frequentemente de base étnica, recorrem a sua identidade como o recurso mais valioso para defender seus interesses e, em última instância, sua existência.⁵¹

Os conflitos por “sobrevivência” em um espaço em alomorfias revelam uma utopia em face da incerteza do mundo contemporâneo, e Nkrumah absorve esta ideia com

⁵⁰ LUDLOW, Hellen. Ghana, cocoa, colonialism and globalization: Introducing historiography. *Yesterday&Today*, Witwatersrand, n. 8, 21 p. Dezembro, 2012.

⁵¹ CASTELLS, Manuel. *The informational city: Economic Restructuring and Urban Development*. Oxford, Blackwell. 1989.

uma portentosa percepção, demarcando os dialogismos dos agentes do futebol ganês perante um novo mundo em rápida movimentação que talvez já não fosse tão facilmente assimilado por determinados coletivos, para implantar uma nova maneira de se fazer política por meio do esporte.

Neste fio condutor, o sucesso do futebol ganês sob os investimentos de Nkrumah como um dos principais agentes dentro da ideologia do pan-africanismo na década de 1960 provoca a oxidação e o prisco de relevantes grupos do esporte, como jogadores e mandatários, uma vez que surgem novos formatos de nacionalismos por meio deste processo e a reconfiguração do mercado do futebol para com a Europa passa por intensas transformações. A contribuição para este novo mundo moderno perpassava pela ideia de exclusão de unidades “arcaicas” para que se confirmasse a “promessa de uma era de ouro não apenas para o primeiro país subsariano independente, mas para a África toda”.⁵²

⁵² DARBY, Paul. *Ibidem*.

CAPÍTULO 2 – *NON-BLACK STARS*: O QUE PASSA A SER UM GANÊS NA INGLATERRA E UM AFRICANO NA EUROPA SOB A PERSPECTIVA DO FUTEBOL?

“Certamente diz respeito a Roger Milla, o jogador de Camarões que brincou com a Inglaterra na Copa do Mundo de 1990, e que vê o tráfego fora de seu continente como um "tipo de escravidão".

Possivelmente. Mas, se assim for, eles são os escravos mais bem pagos da história”.

Rob Hughes em matéria para o Sunday Times falando sobre a chegada de africanos ao futebol inglês, em 15 de Novembro de 1992.

2.1 - Novas mercadorias, velhos fetiches: A questão racial na Inglaterra e o delinear de um discurso neocolonial.

Certamente os acontecimentos no estádio de Heysel, em 1985, trouxeram uma nova dinâmica para as concepções de modernidade à imagem do futebol, que, segundo o estudioso sobre o esporte, David Goldblatt, levou a moral do futebol europeu ao nível zero.⁵³ Ao todo, 39 pessoas foram mortas e outras 300 foram feridas, graças, em sua maioria, a torcedores alcoolizados do “*The Reds*”, na final da *UEFA Champions League* entre *Liverpool* (Inglaterra) e *Juventus* (Itália) na cidade de Bruxelas, Bélgica, naquilo que foi considerado um dos mais bárbaros ataques de *hooligans* ingleses na década de 1980. Entre as consequências, figurou a suspensão de clubes ingleses por cinco anos de qualquer competição europeia, o Liverpool indefinidamente, depois reduzido para dez e depois para seis.

Fato é que a opinião pública de massa se virou contra esta ala radical de torcedores que passaram a ganhar volume entre 1985 e 1990; principalmente depois de campanhas como a da Rainha Elizabeth II contra a participação destes na vida esportiva privada do país ou como os inflamados discursos da então primeira ministra Margaret Thatcher que

⁵³ GOLDBLATT, David. *The ball is round: A global history of soccer*. New York, Riverhead Books, 2006. Pg. 542.

chegou a proclamar que o país “tinha de limpar o esporte destes *hooligans* em casa para aí, talvez, voltar para as disputas ultramar”.⁵⁴

Outro episódio que ilustra esta ação “neo-hooliganista” é o que ficou conhecido como o “Desastre de Hillsborough”, em 1989, no Estádio *Hillsborough*, em *Sheffield* durante o jogo entre *Liverpool FC* e *Nottingham Forest*, válido pelas semifinais da *FA Cup*, quando 96 torcedores do *Liverpool* morreram pisoteados e outros 766 ficaram feridos, tornando-se, até então, o maior desastre do futebol inglês em seu território.

O estudioso sobre futebol e comportamento da *University of Leicester*, John Williams, diz à AFP (Agence France-Presse):

“Heysel e Hillsborough desencadearam um entendimento mais amplo neste país de que o jogo era culturalmente importante, mas passava por problemas de comportamento de fãs, faltava uma voz efetiva para o cliente não *hooligan*, estavam sendo mal administrados e mal servidos pela polícia e pelo governo.”⁵⁵

A fala de John Williams elucidada claramente a relação “consumidor do futebol x *Premiere League*” a partir de 1985 até o início da década subsequente, quando outros discursos de mercado passam a ser adotados como forma de atração ao cidadão comum. A seguinte tabela, feita por Rob Simmons, ilustra este momento de ascensão *hooligan* e egressão do espectador popular.

⁵⁴ “We have to get the game cleaned up from this hooliganism at home and then perhaps we shall be able to go overseas again.” Declaração da então primeira ministra Margaret Thatcher em 31 de maio de 1985. 1985: English teams banned after Heysel. *BBC*, Londres, 31 mai, 1985.

⁵⁵ “Heysel and Hillsborough sparked a wider understanding in this country that the game was culturally important, but run through with fan-behaviour problems, lacked an effective voice for the non-hooligan customer, was being ineptly managed and was poorly served by the police and government.” Declaração de John William à AFP. Heysel and the death of English hooliganism. *Daily National*, 27 de mai, 2015.

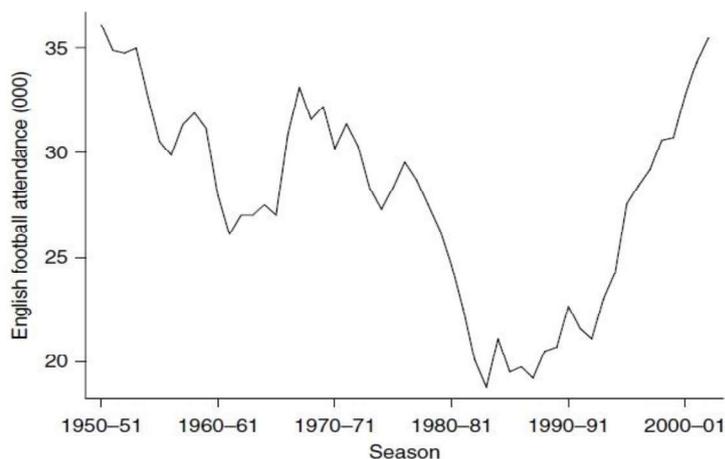


Tabela elaborada pelo pesquisador Rob Simmons estimando a variação da quantidade de espectadores de futebol na Inglaterra desde 1950.⁵⁶

O *hooliganismo* no futebol inglês preconiza uma ruptura discursiva dialética da violência em uma sociedade moderna, uma vez que ele constrangeu a percepção de bem estar em uma suposta diminuição empírica desta violência ou ainda da sensibilidade social em relação à mesma.

Acerca deste encargo simbólico da violência dentro de uma sociedade moderna, Danilo Martuccelli diz:

“O sentido última da violência não é senão outra coisa a não ser a derrubada da representação tendencialmente dominante na condição moderna. A condição moderna se auto-representa como mergulhada num excesso de informação que às vezes substituem a própria ação, ou, em todo o caso, que são considerados capazes de responder aos déficits observáveis de ação. A violência, ao contrário, só é representada por um déficit de informação e um excesso de ação física ou energia. Na violência, a ação impõe-se sobre a informação; ela é uma desmedida energética num mundo de fluxos imateriais de informação.”⁵⁷

Uma vez que a violência vai de embate à esta condição moderna, outros discursos eclodem como representação desta dicotomia estabelecida entre “informação” e “energia”. Entre eles, destaca-se a relação racial estabelecida entre a torcida *hooligan* e os primeiros atletas negros a se destacarem nas principais ligas inglesas.

⁵⁶ SIMMONS, Rob. *The demand for spectator sports* em SZYMANSKI, S.; ANDREFF, Vladimir. *Handbook on the economics of sport*. Northampton: Edward Elgar, 2006. Pg. 78.

⁵⁷ MARTUCELLI, Danilo. Reflexões sobre a violência na condição moderna. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 162, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 05/01/2017.

Naturalmente, houve imprescindibilidade na admissão das questões raciais no futebol nas pautas da imprensa especializada, principalmente na medida em que o hooliganismo ganhava protagonismo discursivo na estética externa do esporte. Era, por outro lado, inelutável para esta imprensa assimilar um novo contexto: há uma geração de jovens atletas ingleses negros que ultrapassaram as fronteiras de *Birmingham*, *Luton*, *Nottingham* e *West Bromwich*, tradicionais locais de concentração de imigrantes africanos, para atingir o sucesso nacional na *Premiere League*.

Não que a presença negra na elite esportiva da Inglaterra fosse uma novidade. Antes do “*Commonwealth Immigrants Act 1962*” (Ato dos Imigrantes da Commonwealth de 1962)⁵⁸, a imigração afro-caribenha caucionara uma notória entrada de esportistas não-brancos no país. A matéria se estabeleceria no entorno da geração seguinte a esta, que ganharia, pela primeira vez, notoriedade em uma perspectiva nacionalista. Mais do que isto, o que esta imprensa precisaria reinserir no seu discurso eram os novos locais dos agentes que compunham este cenário, uma vez que o negro já não era mais o africano. Deste modo, raça e as noções de “ser africano” já não são mais absorvidas da mesma forma e nem de maneira conjunta.

Primeiramente, entendamos como a comunidade do futebol e a imprensa estão lidando com as novas dinâmicas destas relações raciais em um momento pós-auge do hooliganismo, assim compreendendo como que a chegada dos jogadores ganeses tornar-se-á um elemento importante neste cenário: Existe uma evidente tendência para os indivíduos envolvidos nas culturas recreativas e os profissionais do mundo esportivo de minimizarem o significado e mecanismos de representação do racismo no futebol e exprimirem, em termos muito gerais, sobre as "melhorias" testemunhadas desde os anos 1970 e 1980 neste tópico. Tal abordagem ignora o desenvolvimento desigual do racismo dentro do jogo e os meios complexos pelos quais as “noções raciais” podem ser expressas

⁵⁸ Uma ação do Partido Conservador inglês que culminou em uma lei que dificultava a entrada de imigrantes vindos de países que faziam parte do território do Império Britânico. Na prática, o projeto visava adelgaçar a presença africana no país, uma vez que nos moldes em que a lei fora moldada, países como Irlanda e Escócia pouco seriam afetados. O então líder do Partido Trabalhista, Hugh Gaitskell, se pronunciou dizendo que o ato era uma “cruel e brutal legislação anti-cor”. WESTMINSTER. *Commonwealth Immigrants Act, 1962. An Act to make temporary provision for controlling the immigration into the United Kingdom of Commonwealth citizens; to authorise the deportation from the United Kingdom of certain Commonwealth citizens convicted of offences and recommended by the court for deportation; to amend the qualifications required of Commonwealth citizens applying for citizenship under the British Nationality Act, 1948 ; to make correspond- ing provisions in respect of British protected persons and citizens of the Republic of Ireland; and for purposes connected with the matters aforesaid.* N. 10 & 11 ELIZ. 2. CH. 21; MOORE, Robert. *Forty Four Years of Debate: The Impact of Race, Community and Conflict.* *Sociological Research Online*, n. 16, 2011. Disponível em <http://www.socresonline.org.uk/16/3/12.html>>. Acessado em 15/05/2017.

na cultura contemporânea, principalmente ao lidarmos com grandes massas populares. Neste sentido, é viável destacarmos casos que ilustram as continuidades históricas dos discursos raciais ao adentrarmos a década de 1990.⁵⁹

Historicamente, um dos termômetros mais precípuos destes discursos se respalda nas vozes do estádio. John Barnes, raro caso de sucesso de um atleta negro na Inglaterra até então, fora um dos exemplos de mais proeminência nos casos pré-década de 1990. O jogador inglês, que nascera na Jamaica, chegava ao *Liverpool FC*, aos 24 anos, em 1987, depois de notável atuação pelo *Wattford*. Já em uma de suas primeiras participações na equipe, em partida contra o tradicional *Everton FC* válida pela *Littlewoods Cup*, Barnes viu a torcida adversária arremessar bananas em sua direção, além de ouvir a mesma claque trocar o tradicional canto “*Here we go*” por “*Niggerpool, Niggerpool, Niggerpool!*” e “*Everton are white! Everton are White!*”.⁶⁰ Dois anos após a Tragédia de Heysel, tendo o mesmo *Liverpool FC* como agente coadjuvante, em uma das aparentes “ações afirmativas” do clube que ainda buscava apartar as mazelas das inevitáveis associações à torcida *hooligan*.

Não era o primeiro negro a jogar pela agremiação⁶¹, mas, certamente, a sua presença centralizava uma questão incômoda e, por consequência, obducta até então nas grandes mídias e nas instituições regulamentadoras do esporte, e que o côro azul do *Goodison Park*, casa do *Everton FC*, escancarava à sociedade inglesa.⁶² Ao trazer a narrativa acerca das consequências do dia após o jogo, o escritor Dave Hill diz:

⁵⁹ BROWN, Adam. *Fanatics: Power, Identity and Fandom in Football*. Londres: Routledge, 1998. Pg. 77

⁶⁰ BURDSEY, Daniel. *Race, Ethnicity and Football: Persisting Debates and Emergent Issues*. Londres: Routledge, 2011. Pg. 137.

⁶¹ Em 1977, Howard Anthony Gayle se tornara o primeiro atleta negro a vestir a camisa do *Liverpool FC* como jogador profissional, segundo o site oficial da instituição, enquanto John Barnes fora o primeiro jogador negro a vir de outro clube para o *Liverpool FC*. Os casos em que envolveram racismo com Gayle não obtiveram destaque ou manchetes na mídia esportiva, mas em uma entrevista dada ao *The Guardian*, em 2016, o pioneiro revela a problemática relação racial com o seu entorno a época em que jogava no clube. Diz: “Phil Thompson tinha um nariz grande e as pessoas se afastassem dele por isso. David Fairclough tinha cabelo vermelho brilhante, então ele se tornou um alvo. Eu? Eu era preto. Eu não estava acostumado com esse tipo de humor. Era difícil dizer se alguma coisa era humor ou se era realmente intencional ofender. O que é linguagem inaceitável quando é passada como brincadeira?” AUTOR NÃO INFORMADO. Howard Gayle: I needed mental resilience to survive as Liverpool’s first black player. *The Guardian*, Londres, 3 out, 2016.

⁶² A atitude racista sob gritos de uma torcida não era inédita, nem na *Premiere League*, nem na carreira de John Barnes que, enquanto empregado do *Wattford*, ouviu por algumas vezes a torcida adversária simular sons de gorilas todas as vezes que o jogador tinha a bola em domínio, ou ainda em partida contra o *Everton FC*, em que foi insultado inúmeras vezes com a frase “*You black bastard*” pela claque azul. O que difere-se neste caso é o fator do time action dos próprios hooligans e a visibilidade que ganharam poucos anos antes do que acontecera na partida entre *Liverpool FC* e *Everton FC*.

“Os incidentes atingiram um nervo na cidade de Liverpool. Eles podem ter sido apenas uma pequena menção nos relatórios da partida dos jornais matutinos, mas não impediram que os *Liverpudlians* fizessem questão de falar sobre. Os tremores da provocação a Barnes foram sentidos além das paredes de *Anfield*, uma homenagem ao poder emblemático do jogo. No dia seguinte, Graham Beecroft sentou-se no telefone diário, no ‘*Town and Around*’, da BBC Radio Merseyside, respondendo a uma série de chamadas, ‘Todas elas expressando sua aversão no que aconteceu’. Live Tyldesley recebeu muitas cartas respondendo às suas intervenções, alguns aplaudindo-as, outros não, mas todos apoiando seus sentimentos. O próprio Barnes falou de pessoas que se desculparam com ele na rua: “As pessoas estavam chocadas. Eles não tinham visto nada como aquilo antes.”⁶³

O caso de John Barnes não é isolado e dificilmente considerado o mais grave, apesar de ter sido o mais midiático e com mais abrangente repercussão. Outro jogador, também na década de 1980, passara por uma situação que causara reflexão para os personagens passivos do futebol. Paul Canoville se tornara o primeiro jogador negro contratado pelo *Chelsea* quando assinou pelo clube londrino em Dezembro de 1981. E no dia de sua estreia no Selhurst Park, frente ao *Crystal Palace*, em abril de 1982, viu sua própria torcida ecoar alaridos contra a presença de um atleta negro na equipe. Em seu trabalho autobiográfico, Canoville relembra:

“eu estou esticando, correndo e aquecendo, eu escuto vozes individuais altas através do barulho: ‘Sente-se na sua *boceta* preta!’, ‘Você é um desgraçado maldito – *foda-se!*’ Uma e outra vez. Muitas pessoas diferentes. Eu quase ousei olhar ao redor. Eles estavam bem atrás de mim. Olhei um pouco. Todos estavam vestindo camisas e cachecóis azuis - os fãs de *Chelsea*, os fãs do meu lado, os rostos marcados de puro ódio e raiva, todos dirigidos para mim ... senti-me fisicamente mal. Eu estava absolutamente aterrorizado.”⁶⁴

Outros casos de manifestação por parte da torcida em protesto a presença de atletas negros eclodiram pela *Premiere League*, como os casos de Garth Crooks (*Tottenham Hotspur*) e Cyrille Regis (*West Bromwich Albion*), ou ainda situações antecessoras a década de 1980, como a de Clyde Best e Ade Cocker, no *West Ham United*. Fato é que o

⁶³ HILL, Dave. *Out of His Skin: The John Barnes Phenomenon*. Londres: WSC, 2001. Pg. 184-5. (Tradução minha).

⁶⁴ CANOVILLE, Paul. *Black and Blue: How racism, drugs and cancer almost destroyed me*. Londres: Headline Publishing Group, 2008. Pg. 4 (Tradução minha)

sentimento e sensação de mal estar social que os urros e clamores racistas despertaram das arquibancadas para o grande público já não podiam ser pospostos pelas instituições⁶⁵ e, principalmente, a mídia.

Neste sentido, os arquétipos discursivos da imprensa precisariam se reconstruir perante a concretude de um novo cenário nas relações raciais, principalmente com a chegada de atletas africanos ao país a partir da década de 1990. Fomentar-se-á a proposta de que ingleses negros e africanos não ocuparão o mesmo espaço enquanto objetos dos debates acerca do futebol na Inglaterra, especialmente no que tangem as questões raciais, vista como herança direta do hooliganismo. Foi o que aconteceu quando o *Conventry City*, em 1991, contratou o jovem zimbabuense Peter Ndlovu, do *Highlanders*, em *Bulawayo*, após excursão da equipe inglesa pelo país africano.

Estatisticamente, a Inglaterra conservava-se como um dos grandes centros do futebol com diminuta adesão de atletas advindos de outros continentes e, certamente, a aposta no talento de Ndlovu oportunizava o sepultamento de um mal estar generalizado nos anos anteriores que deixara uma ferida mal cicatrizada. Sob tal perspectiva, o jornalista Rob Hughes escreve um artigo para a *Sunday Times* intitulado “*A ray of light from the dark continent*” (“Um raio de luz vindo do continente das trevas/continente negro”), trazendo nele uma espécie de ode ao futebolista africano e à Ndlovu.

Em um eloquente texto, que se inicia com um “*THRILL US*” (nos emociona) em caixa alta, Hughes diz que a nova contratação do *Conventry City* trazia “a alma africana para os métodos ingleses” complementando com “graças a deus nós o temos”⁶⁶. E, debruçado sobre este mesmo fio condutor, traz antigos personagens das polêmicas raciais à tona, dizendo:

“É significativo que o treinador da seleção inglesa espere ansiosamente para ver se John Salako está disponível para a partida das eliminatórias para a Copa do Mundo nesta quarta-feira. Estando Barnes também disponível, eu suspeito que Graham

⁶⁵ Além das instituições ligadas diretamente a administração do futebol na Europa e Inglaterra, como a *FIFA* (Federação Internacional de Futebol), *UEFA* (União das Federações Europeias de Futebol) e a *FA* (Associação de Futebol), vale destacar a *CRE - Commission for Racial Equality* (Comissão de igualdade racial), um *non-departmental public body* que promovia ações visando a luta contra desigualdade racial e os atos de racismo nos espaços culturais do Reino Unido. No futebol, a instituição algumas iniciativas junto à *FA* para incentivar que grupos considerados minoritários na sociedade frequentassem os estádios, mas a crescente onda de agressões aos atletas negros frustraram estes órgãos no tocante aos resultados esperados.

⁶⁶ HUGHES, Rob. A ray of light from the dark continent. *Sunday Times*, London, 15 nov 1992. (Tradução minha)

Taylor poderia usar ambos nas pontas da seleção da Inglaterra. Salako nasceu nigeriano, Barnes jamaicano.

Nosso estereotipado jogo combativo precisa da improvisação deles. Embora Salako e Barnes tenham se escolarizados e naturalizados aqui, seus traços originais no modo de jogar futebol e imprevisibilidade são preciosos. Ndolovu ainda não perdeu a sua vestidura de inocência nem o elemento da surpresa que confunde tanto os adversários.”⁶⁷

Dentre outras coisas, o artigo de Hughes atinge um claro objetivo: estreiar um novo personagem ao jogo de interesses sentimentais conectados ao jogo. A fetichização que existe neste atleta solidifica o cenário em que os “novos negros” precisavam da imagem carismática projetada no africano, mas esta (ser negro) já não seria uma condição, ou indicativo racional, na vivência deste africano. Ele é o “novo”, aquele que desconstruiria o *modus operandi* frio e calculista em que o britânico lidava com o futebol.

Em um outro artigo, escrito meses antes ao apresentado por Hughes, Brian Glanville, no mesmo *Sunday Times*, traz uma análise acerca das chances das seleções africanas nas competições internacionais que estavam por vir, além de tratar sobre as novas relações entre europeus e africanos que estavam por vir. Nesta linha, o jornalista traz uma fala de Mawada Made, importante oficial do futebol africano, fazendo um apelo para que os treinadores europeus “não tentem tirar as qualidades dos jogadores africanos” apelando a elementos como corrupção, violência e traição em busca de uma vitória a qualquer custo.⁶⁸

A ideia de “alma africana”, e o vazio de seu sentido, dá vazão ao silogismo eminente das não-rupturas no discurso do sistema colonial britânico, uma vez que ela se sustenta no imaginário imagético do (e para o) explorado. Assim como o vínculo de dependência e troca gerado nesta relação, como revela o seguinte trecho do artigo:

“... isto certamente preocupa Roger Milla, o jogador camaronês que brincou com a Inglaterra na Copa do Mundo de 1990, que vê este exôdo de atletas para fora de seu continente como um ‘tipo de escravidão’.

Possivelmente. Mas se assim for, são os escravos mais bem pagos na história. Já são 300 fazendo fortuna no futebol europeu.”⁶⁹

⁶⁷ *Ibidem*. (Tradução minha)

⁶⁸ GLANVILLE, Brian. Dark continent yields up false treasure. *Sunday Times*, Londres, 26 Jan. 1992.

⁶⁹ HUGHES, Rob. *Ibidem*. (Tradução minha)

Hughes sumariza a máxima do que vai ser entendido como sucesso no futebol a partir da década de 1990. Mudam-se as partes dos envolvidos em um novo contrato social em uma velha fórmula: não mais o jovem fruto das elites locais carrega em si a imagem do sucesso após períodos de estudos na metrópole, mas o jovem pobre, futebolista, que passa a encarnar a materialização do êxito alcançável quando vai para a ex-metrópole, mas levando a essência de sua origem no modernizado centro reprodutor de heróis.

2.2 – O exemplo que não queremos: O caso de Nii Lamptey e o discurso neocolonial do abandono do insucesso.

Em uma rápida análise no *corpus* documental que data da década de 1990, é possível detectar, com certa incomplexidade, uma idiosincrasia que pormenorizaria a migração de jogadores africanos para a Inglaterra: não se tratavam de processos de transferências diretas. Dos 32 atletas africanos que trabalharam na *Premier League* de 1993 à 2000, 10, um pouco menos de um terço, começaram a sua carreira na Europa tendo a Inglaterra como entrada. Os números são insossos se postos em comparação com outros países que, assim como a Inglaterra, também foram metrópoles de colônias africanas. No mesmo período, a *Ligue 1*, principal liga na França teve a participação de cerca de 116 jogadores advindos da África, os quais 88 fizeram a transferência direta (75%), enquanto na *Belgian Pro League*, campeonato da Bélgica e com muito menos tradição histórica no futebol do que a Inglaterra, possuiu 74 jogadores africanos em seu campeonato principal, sendo que 58 que iniciaram suas carreiras europeias pelo país (78%).⁷⁰

Neste primeiro momento de onda migratória para o futebol europeu, esta idiosincrasia, respaldada nos números, auxilia-nos a galgar algumas primeiras conclusões sobre as especificidades do processo inerente à Inglaterra. Primeiramente, a preeminência da tradição britânica no esporte nacional em detrimento à anexação de novos estilos, técnicas, discursos, modelos e personagens que passaram a difundir-se no “Velho Continente”.⁷¹ Em segundo, esta menor acessibilidade decorreu no aprazamento

⁷⁰ Dados disponíveis no arquivo digital do World Football em: <http://www.worldfootball.net/transfers>

⁷¹ Vale dizer considerar que o mercado do futebol inglês se comportava de forma oclusa não apenas aos atletas africanos. O discurso de manutenção dos métodos e modos do “jogar futebol inglês” corroboraram com a prática de, majoritariamente, contratar jogadores advindos da Irlanda, Escócia, País de Gales e até Irlanda do Norte. Até o final da década de 1990, as compras de passes de profissionais latino-americanos,

do estigma meritocrático na Inglaterra, uma vez que se perpetuava a ideia de que havia um caminho a ser percorrido na Europa em que, apenas os melhores, chegariam ao país berço do futebol. Parecia uma jornada natural: sair da África, migrar para a liga francesa, belga, alemã ou holandesa e desenvolver um trabalho que lhe promova e, conseqüentemente, fazendo com que o destaque adquirido chame a atenção dos clubes ingleses.

Ainda que a eminente troca, proposta no subcapítulo anterior, em que a presença jogadores africanos no esporte, logo nos espaços da mídia, edulcoraria a imagem de um recente passado marcado pelo *hooliganismo*, se mostrasse como uma eficiente pá de cal sobre uma incômoda marca que não cabia ao futebol moderno, as relações de (ex) metrópole e (ex) colônia não rumariam para o campo discursivo da descolonização das ideias, dos corpos e dos modos.

Mais do que isto, o futebol inglês passou a figurar como o topo de uma pirâmide desenhada a partir da *Bosman Law*⁷², que será discutida mais à frente neste trabalho, que dava aos jogadores muito mais controle sobre os seus passes e liberdade trabalhista o que, conseqüentemente, lhes garantiram salários muito mais altos e bônus compatíveis a fortunas. Nesta perspectiva, Raffaele Poli identifica como a quantidade de atletas africanos aumentava de acordo em que rumamos para a base da pirâmide, ou seja, esta fração ficava maior nos campeonatos e clubes de segundo, terceiro e quarto escalão da Europa. Na prática, estes clubes visavam explorar o continente africano em busca de atletas a fim de obterem mão de obra jovem e barata com possibilidades de revendê-los a um preço mais alto para equipes ricas.⁷³

E fora sob esta premissa que Nii Lamptey, futebolista ganês, se tornaria símbolo das novas condições em que a imprensa esportiva inglesa trataria os parâmetros de sucesso nestas novas relações.

norte-americanos, asiáticos e europeus oriundos de fora das ilhas britânicas se davam com menor frequência. Durante este período, a prática fez da *Premier League* uma das competições da elite europeia menos cosmopolitas.

⁷² A *Bosman Law* foi a formalização em forma de lei que viabilizava que os futebolistas, que são também considerados trabalhadores comunitários, não fossem impossibilitados de jogarem noutro país da União Europeia por normas internas da *UEFA* e das respectivas Federações nacionais de Futebol. Apesar de tal lei ter sido concretizada em 1995, os anos anteriores foram marcados por pressões da comunidade de jogadores de futebol e, graças à isto, muitas concessões passaram a ser dadas mudando consideravelmente as relações financeiras nas estruturas de clubes.

⁷³ POLI, Raffaele. Africans' Status in the European Football Players' Labour Market. *Soccer & Society* 7, issues 2-3 : 14p. , 2006.

O cenário era ideal: a Copa do Mundo de Seleções Sub-17, histórica oportunidade para jovens aspirantes à fama que o futebol oferecia ficarem em evidência para as grandes agremiações europeias ainda em uma etapa inicial de suas carreiras. E a versão do torneio de 1991, disputado na Itália, teve a seleção ganesa como campeã que apresentava aos clubes do alto escalão da Europa uma geração com grande potencial para se destacar nas principais ligas do continente. Apesar da grande expectativa que havia em jogadores espanhóis, italianos, alemães, argentinos e brasileiros, fora o jovem Nii Lamptey, com 16 anos à época, que conquistava os olhares ao se tornar o artilheiro da competição e eleito o melhor jogador.⁷⁴

Lamptey provia um enredo perfeito para ser estampado nas páginas da imprensa esportiva britânica, algo que fora aproveitado em uma matéria de meia página do Daily Express, dois meses após o fim da competição supracitada, em que informava que o jogador, anos atrás, “persuadiu um motorista de táxi a contrabandeá-lo para fora do país (as autoridades haviam confiscado seu passaporte) e procurou refúgio junto ao jogador ganês Stephen Keshi⁷⁵, no *Anderlecht*.”⁷⁶⁷⁷

O texto, alocado em volta de uma citação destacada que dizia “Pele disse-se que eu me tornaria o maior”, trazia toda a receita que Rub Hughes havia deixada em seu artigo sobre a necessidade de ter os africanos em seu “militarizado” futebol; a exaltação da inocência e simplicidade do jovem ganês ao ser relatado como um rapaz dedicado que se acostumou a treinar com uma laranja, ao invés da bola, para manter sua habilidade. Holden alteia, neste sentido, que a simplicidade do jogador se atrelava as condições (inaceitáveis para o atleta) oferecida em seu país, sendo inevitável, caso o mesmo buscasse a glória, migrar para a Europa. Diz:

“[Em 1989] Aos 14 anos, Lamptey jogou no time sub-17 de Gana no Mundial da Juventude, na Escócia. Uma fila de clubes queria contratá-lo lá, mas os africanos o levaram para casa.

O garoto, que aprendeu o jogo chutando uma velha laranja nas ruas pobres, não suportaria esta situação.”⁷⁸

⁷⁴ Informações disponíveis nos arquivos online da FIFA em: <http://www.fifa.com/fifa-tournaments/archive/> último acesso em 01/04/2018.

⁷⁵ O atleta mencionado era nigeriano.

⁷⁶ HOLDEN, Jim. Lamptey the clockwork orange kid. *Daily Express*, Londres, 11 nov. 1991.

⁷⁷ O *Anderlecht* é uma das mais tradicionais equipes da Bélgica e investiu, no começo da década de 1990, na contratação direta de atletas africanos. Além de Lamptey e Keshi, foram trazidos Philippe Osondu (Nigéria), Samba N'Diaye (Senegal) e Isaac Asare (Gana).

⁷⁸ HOLDEN, Jim. *Ibidem*. (Tradução minha)

Na conclusão, cita uma fala de Lamptey: “Tenho certeza de que há muito mais jogadores como eu na África que se dariam bem com os clubes europeus”.⁷⁹

Jim Holden dedica a outra metade da página à uma matéria que se encaixa como prólogo para a narrativa que viria acerca da “necessária” transição de Nii Lamptey para a Europa. Tratava-se de um outro adolescente, este sul africano, mas que tinha no título do texto que o homenageava num tom mais evidente ao discurso proposto pelo jornalista: “Quinton à procura de fama e fortuna com os *Spurs*”.^{80 81}

No corpo da composição, Holden traz a trajetória de Quinto Fortune, então com 14 anos, começando a chamar a atenção nas camadas jovens do tradicional *Tottenham Spurs*, da *Premier League*. Seguindo a premissa que o adolescente poderia acossar os passos do esportista ganês que atingia prestígio internacional, os conceitos e características do futebol deveriam ser preservados para que a Europa ganhasse com suas presenças. No caso de Fortune, sua “habilidade, bravura, visão e uma bem-vinda falta de egoísmo”.⁸²

Recobrando o caso de Lamptey, na Bélgica passava-se um fenômeno extremamente fundamental para vislumbrarmos as conexões do neocolonialismo impregnado na cultura do futebol europeu. Na década de 1990, Paul Carlier, fundador do grupo de pressão e enfrentamento *Sport and Freedom*, denunciara ações de agenciadores europeus inescrupulosos e especuladores que passaram a desenvolver a atividade de trazer jovens jogadores africanos para a Bélgica a fim de trabalharem nos grandes clubes do país e estabelecerem-se economicamente. Contudo, era costumeiro estes adolescentes serem simplesmente abandonados em caso de insucesso. O grupo de Carlier destacou o fato de que muitos daqueles que não foram bem-sucedidos na celebração de contratos muitas vezes acabavam por não ter condições de regressa para casa perdendo também o contato com aqueles que outrora promoveram suas chegadas ao velho continente. e foram deixados como concessões ilícitas nas ruas da Bélgica. Em alguns casos, os migrantes recorreram à prostituição infantil como único meio de sobrevivência.⁸³ Em 2002, em

⁷⁹ Ibidem. (Tradução minha)

⁸⁰ HOLDEN, Jim. Quinton in search of fame and his fortune with Spurs. *Daily Express*, Londres, 11 nov. 1991. (Tradução minha)

⁸¹ Neste contexto, a palavra “fortune”, traduzida como “fortuna” no corpo do texto, pode também significar “sorte”. Mas, independentemente da tradução proposta, o título busca fazer um jogo de palavras com o sobrenome do atleta: Quinton Fortune.

⁸² HOLDEN, Jim. Ibidem. (Tradução minha)

⁸³ DONNELLY, Peter; PETHERICK, Leanne. 'Workers' Playtime? Child Labour at the Extremes of the

conferência contra o tráfico internacional de crianças, o então senador belga Paul Wille, ao referir-se ao histórico da relação entre exploração infantil e futebol de seu país, relatou:

“Descobrimos que a Bélgica era um dos principais destinos para jogadores de futebol "importados" da África, que são vendidos ao mercado europeu. O problema era que jovens garotos africanos que não conseguira receber um contrato em um time de futebol acabaram se tornando ilegais e, nas ruas, muitas vezes, a prostituição era a única maneira de sobreviver.”⁸⁴

Ainda que o status internacional granjeado por Lamptey inviabilizasse o supracitado destino que caíra sobre outros meninos africanos, o estigma do fracasso pressuporia uma outra perspectiva do mecanismo discursivo neocolonial. Claro, tratamos de diferentes contextos e definições de “fracasso”, mas a mesma imprensa que corroborara com o silêncio no abandono denunciado por Paul Wille, tinha em sua voz a essencial ferramenta para lidar com casos como o do então promissor atacante ganês.

Nii Lamptey não deixara de conquistar o êxito na busca por um grande contrato na Europa. Após se destacar na principal equipe da Bélgica, obteve um milionário contrato na Holanda, em 1993, no tradicional *PSV Eindhoven* e, desta forma, a Inglaterra seria um inevitável destino, caso o sucesso do “new Pelé”⁸⁵ se confirmasse também na *Eredivise* (principal campeonato holandês).

E fora o que aconteceu. Os 10 gols em 22 partidas na temporada 1993/1994 concederam à sensação ganesa o convite do *Aston Villa*, à pedido de Ron Atkinson, icônico *coach* na Inglaterra na década de 1990, para que o mesmo ingressasse na tão prestigiada e aspirada *Premier League*.

O momento agorava um futuro brilhante para Nii Lamptey na Inglaterra, especialmente em sua projeção como um pretense herói nacional em terras estrangeiras. Mais ao sul, na Itália, George Weah, atleta liberiano, acentuava o sentimento meritocrático do neocolonialismo ao se destacar e se tornar o principal jogador do tradicional *A.C. Milan*. “Trazia para a África”, pela primeira vez, os maiores prêmios

Sporting Spectrum', *Sport in Society*, 7: 3, 301 — 321, 2004.

⁸⁴ Wille, Paul. 'Future Policies on Prevention and Trafficking of Human Beings in Europe'. Documento apresentado na *IOM-Conference on Prevention of and fighting against trafficking in human beings with particular focus on enhancing co-operation in the process to enlarge the European Union* (2002). P. 5.

⁸⁵ O apelido de “Novo Pelé” foi dado pelo próprio Edson Arantes do Nascimento, considerado o melhor jogador de todos os tempos, ao jovem atleta ganês, após ter sido destaque na Copa do Mundo de juniores em 1991.

individuais que um jogador de futebol poderia conquistar: “Melhor jogador do mundo pela FIFA”, “Ballon d’Or”, “Onze d’Or”, além do menos prestigiado mundialmente “Futebolista Africano do Ano”. As suas temporadas na França e os anos de 1994 e 1995, na Itália, atapetava-o como o modelo que era necessário para ser o marco discursivo do africano que quebrava os trejeitos europeus no esporte, principalmente após duas Copas do Mundo (1990 e 1994) em que a seleção camaronesa, comandada por um carismático Roger Milla, foi exaustivamente posta como praticante de um “futebol alegre” e necessário para o “Velho Continente”.

Estes eventos vieram de encontro com a desconstrução do imaginário de um sucesso esporádico que sempre caíra sobre as seleções e jogadores africanos. No caso de Weah, tratava-se da consagração e consolidação de um ídolo que, ao receber o prêmio máximo da FIFA, era robustecido no quadro dos grandes jogadores da história do futebol na Europa. O primeiro africano a amañhar este *status*.⁸⁶

No caso da seleção de Camarões, era solidificado um projeto a longo prazo então inédito para seleções africanas no cenário mundial, principalmente tendo a principal competição internacional entre nações como palco à isto. A participação nas 3 Copas do Mundo da década de 1990, algo inédito até então para qualquer seleção não europeia ou americana, apresentava de forma mais incontestável uma seleção que entraria em um seleto grupo de não-ausentes deste torneio (algo que de fato aconteceu ininterruptamente até 2014).

A campanhas dos camaronense na edição de 1990 (na Itália) fora especialmente simbólica, e muito por conta do seu líder em campo, o veterano, e já citado, Roger Milla, que desistiria de sua aposentadoria, aos 38 anos, para disputar o torneio pela sua nação.⁸⁷

⁸⁶ Ao tratarmos de *status* no processo histórico, perpassamos por uma complexa estratégia por conta da subjetividade típica que cabe ao termo. Contudo, vale levantar uma ressalva ao parágrafo. Ao referir-me como “primeiro africano”, estou optando por incluir nesta chave os atletas africanos que apenas atuaram pelas seleções de seus países de nascença. Pelo critério pessoal adotado, é possível afirmar que outros jogadores advindos da África alcançaram este patamar de ídolo maior no continente Europeu nas décadas anteriores. Entretanto, estes adotavam a prática de servirem seleções europeias. O caso mais clássico fora o do moçambicano Eusébio da Silva Ferreira, que se destacaria na década de 1960, na Copa do Mundo de 1966 principalmente, como atleta da seleção portuguesa.

⁸⁷ Isto se deveu por conta de um forte clamor popular para que os “heróis” remanescentes da Copa do Mundo de 1982 estivessem presentes na Itália, em 1990. Os arquivos da FIFA revelam que o próprio presidente camaronês à época, Paul Biya, teria insistido na convocação de Milla. Neste mesmo contexto, acompanharam Roger, o goleiro Thomas Nkono e o atacante Emmanuel Kundé. Informações em <http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2017/m=7/news=behind-the-world-cup-record-roger-milla-2901386.html>

O atleta, que nunca havia jogado em times de grande porte na Europa⁸⁸, foi a imagem que estampou os jornais da mídia esportiva mundial representando a equipe africana que mais longe havia chegado em uma Copa do Mundo: Quartas de Final, após terminar em primeiro lugar na fase de grupos, em uma chave que continha as tradicionais Romênia, Argentina e União Soviética. A forma espontânea de comemorar gols (sempre dançando de forma insinuante na bandeirinha), seu modo de correr e até mesmo um icônico gol na Colômbia que, segundo muitos jornalistas, haveria usado de muita ginga e despojamento, típicas características sempre atribuídas aos atletas africanos, foram elementos estéticos perfeitos para reforçar os estereótipos africanos com um discurso mais afirmativo relativo ao seu futebol.

Uma matéria de Ian Hawkey, no *Sunday Times*, em 1996, tratava desta etapa de ascensão dos jogadores africanos na Europa como um momento apoteótico para mostrar como os esportistas vindos do “Continente das Trevas” estavam “ao menos cumprindo suas promessas”⁸⁹. O texto exaltava a visita do então presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange, à África do Sul e a recepção de Nelson Mandela, assim como a reunião que tiveram com o general Abdulsalami Abubakar, último presidente da segunda junta militar da Nigéria.

A reunião que celebrara o relacionamento da entidade máxima do futebol com os carismáticos líderes africanos teria como pauta, dentre outras coisas, a possibilidade de a África do Sul sediar a Copa do Mundo de 2006 (algo que aconteceria na edição de 4 anos seguinte). Hawkey relata como os conflitos “antidemocráticos” que assolavam o Continente ainda eram um impedimento para que suas seleções obtivessem mais êxitos.

De fato, os jogadores advindos da África encontraram na Europa o local de refundação do status do futebol africano. E a primeira década de 1990 fora essencial para que o então duro e chapado mercado europeu reconhecesse que tal “produto” não se encaixava mais como mercadoria *outsider*, como fora, por exemplo, os latino americanos nas décadas anteriores. Contudo, a própria lógica de contratações do futebol inglês se portava de forma menos branda em comparação com outros grandes centros do esporte, como Espanha, Itália e Alemanha. Os próprios atletas latino americanos tinham muita dificuldade em acessar os clubes da *Premier League*. À altura do início da segunda

⁸⁸ De acordo com os dados da FIFA, Millar jogou em times do próprio Camarões (principalmente no *Tonnerre Yaoundé*), Mônaco, pequenos clubes da França e na Indonésia, onde encerrou a sua carreira, em 1997.

⁸⁹ HAWKEY, Ian. Africa rising. *Sunday Times*, Londres, 14 Jan. 1996. (Tradução minha)

metade da década, era justo afirmar que a solidificação da presença na elite do futebol inglês era uma barreira vencida pelos africanos.

Em 1995, o mesmo Ian Hawkey escreveria um artigo que exemplificaria este momento, na diligência de traçar o perfil do mercado do futebol inglês em relação a vinda de estrangeiros.⁹⁰ No documento, que tratava das transações supracitadas como uma “feira de lucros”, apontava como a preferência por estilos dos técnicos ingleses culminavam numa espécie de “multiculturalização” do futebol por meio da pluralidade de origens geográficas que se aglutinavam nas ligas da Inglaterra. Foram estabelecidas classificações genéricas como “alemães” e “escandinavos”, separados, naturalmente, por características estereotipadas dos atletas advindos destas regiões, e, claro, os “africanos”, que ganharam a simpatia de técnicos como Howard Wilkinson por conta de aspectos como “força física e atletismo”, que eram possíveis ser notados em jogadores que já haviam se estabelecidos no país como os sul africanos Lucas Radebe e Philemon Masinga e o ganês Tony Yeboah.⁹¹

Mas é em outro delicado ponto, pelo menos é o que é transparecido na escrita do autor, que reside um discurso que nos guiará no esclarecimento da tradicional dualidade “sucesso x fracasso” proposta (e idealizada) no futebol. No auge da fetichização da presença do futebol africano fora de seu continente, a matéria ressalta a preocupação dos “protecionistas” neste “intercâmbio”, questionando, inclusive, o valor pago pelo *Aston Villa* para contar com Nii Lamptey.

De fato, por mais que a presença ganesa e africana na *Premier League* fosse forte auxílio na cicatrização de um recente passado *Holligan*, era necessário, na visão desta ala conservadora, encontrar as ferramentas certas para evitar a beatificação destes jogadores ou isolar a recepção destes agentes como “heróis” unicamente para os africanos a fim de que esta prática de importação não “africanizasse” a Inglaterra.

Isto é evidenciado na fala de Gordon Taylor, ex-atleta que havia atuado na *Premier League* nas décadas de 1960 e 70 e então presidente da *Professional Footballers' Association*⁹², no mesmo ano de 1995, em que afirma: “Nosso trabalho é manter padrões e não permitir a entrada de mão de obra importada que não é melhor, meramente mais

⁹⁰ HAWKEY, Ian. Profits fair on foreign exchange. *Sunday Times*, Londres, 05 Fev. 1995.

⁹¹ Ibidem. (Tradução minha)

⁹² A associação, apesar de não se auto proclamar deste modo, é um histórico sindicato de jogadores de futebol, o mais antigo do Mundo, atuando desde 1904, que visava proteger, melhorar e negociar as condições e direitos de todos os atores profissionais por acordos de negociação coletiva. Com a intensificação da vinda de atletas e outros continentes, a associação passou a adotar posturas mais conservadoras com o discurso de preservar o jogador inglês.

barata”, completando: “A continuação destas transferências afetará severamente o desenvolvimento de nossos próprios jogadores, e o futuro sucesso da seleção da Inglaterra”.⁹³

Fato é que o questionamento de Hawkey fez-se valer. Em duas temporadas na Inglaterra, em, no mínimo⁹⁴, 76 partidas, Nii Lamptey disputou 12, não marcando sequer um gol e não consigo permanecer em nenhum dos dois clubes em que trabalhou: *Aston Villa* e *Conventry City*.

De promessa do futebol e possível sucessor de Pelé, Lamptey experimentou um verdadeiro declínio em sua carreira. Após sair da Inglaterra, em 1996, deixou de frequentar as convocações da seleção nacional de Gana (que até então não contava com forte concorrência interna), e passou a atuar em clubes de cada vez menor expressão no futebol mundial: *Venezia* (Itália, entre 1996 e 97), *Unión de Santa Fé* (Argentina, em 1997), *Ankaragücü* (Turquia, entre 1997 e 1998), *União de Leiria* (Portugal, entre 1998 e 1999), *Greuther Fürth* (Alemanha, entre 1999 e 2001), até migrar para países com pouquíssima tradição neste esporte, como China e Arábia Saudita, até retornar à Gana e, após, encerrar sua trajetória no pequeno *Jomo Cosmos*, na África do Sul, em 2008.

O “exílio” de Lamptey em clubes pequenos fora explorado fortemente pela mídia inglesa como um exemplo de fracasso. Ainda em 1998, Ian Hawkey volta tratar do atleta ganês, neste momento, já cristalizando-o no espectro do malogro, em um artigo em que revela uma academia, recém descoberta, para jovens futebolistas no “poeirento clima de Burkina Fasso”.⁹⁵

O projeto, desenvolvido pelo *Paris Saint German*, tradicional equipe francesa, visava localizar possíveis talentos para o futebol no país, a fim de que os atletas, ainda crianças, pudessem desenvolver-se com os métodos europeus de jogo culminando em uma possível fácil adaptação com as estratégias e técnicas do “Velho Continente”. À esta altura, o tom desbravador, quase que em uma disputa de territórios para colonização, já não é mais suprimido pelo mercado da bola. A matéria traz uma entrevista com Claude Le Roy, então diretor esportivo do clube francês, sobre o projeto:

⁹³ HAWKEY, Ian. *Ibidem*. (Tradução minha)

⁹⁴ A Premier League é composta por 20 clubes que disputam partidas entre si em dois turnos, resultando em 38 rodadas. Em dois anos, 76. A não exatidão do número se dá por conta da existência de outros torneios que também compõem a temporada inglesa, como a Copa da Inglaterra (*FA Cup*) e a Copa da Liga Inglesa (*EFL Cup*).

⁹⁵ HAWKEY, Ian. *Out of Africa*. *Sunday Times*, Londres, 22 Fev. 1998.

“O que esperamos é que possamos aproveitar um grupo de talentos em um lugar onde o resto do mundo já não está olhando”, disse Claude Le Roy, diretor de esportes do PSG. ‘Isto é uma evolução natural para um grande clube como o nosso ter uma presença no exterior. Mas Burkina Faso? Quem se interessou pela Libéria antes da chegada de George Weah ?’, pergunta Le Roy. ‘Quando a Planète Champion se desenvolver, esperamos poder dar educação aos melhores jovens jogadores de países como o Benin, Togo e a Nigéria. O Norte da África e a Espérance podem ser, então, um estágio intermediário.’ Le Roy sabe tudo sobre a competição por jovens talentos africanos, ele já foi treinador de Camarões e Senegal, e se esforçou ao lado dos empresários que faziam negócios na Copa das Nações Africanas.”⁹⁶

Neste sentido, Hawkey traz um alerta traçando a dicotomia a que citamos exemplificada com nomes. Era o início de um retrato que passaria a ser pintado pela imprensa como o exemplo africano a não ser seguido.

“Mas é uma rota desgastada e traiçoeira. Para cada George Weah, há um Nii Lamptey, que há seis anos estava sendo saudado como o ‘Novo Pelé’ da Copa das Nações. Lamptey, um ganense, foi trazido para a Bélgica com a idade de 15 anos, viu sua estrada para fora da África ascender e, em seguida, muito acentuadamente declinar. Ele viajou, via *Aston Villa*, *Coventry City* e um catálogo de lesões, para o deserto do futebol. O plano do *PSG* é navegar por uma passagem que evite este cenário.”⁹⁷

Não era novidade a pregação do clube europeu de futebol como protagonista de um processo de salvação para uma juventude africana condenada à pobreza em seu país de origem. Entretanto, inaugurava-se discursos imperiosos no sentido de regularizar os padrões de culpa e fracasso nesta relação e, claro, desmembrando o fetiche à África do jovem atleta africano que também possuía características de atraso propícias ao insucesso. Desta forma, como é exemplificado no caso do PSG e de Nii Lamptey, este clube precisaria estudar formas de “salvar” este jovem com projetos mais bem estruturados e profissionais, resultando na captação de atletas cada vez mais mancebos.

A imagem do fracasso de Lamptey fora explorada sobretudo pelo *Sunday Express*, edição semanal especial do *Daily Express* e histórico aliado do *Conservative Party*, sendo

⁹⁶ Ibidem. (Tradução minha)

⁹⁷ Ibidem. (Tradução minha)

assim, quase que como uma regra, uma ativa voz contra diversos fluxos migratórios que tinham como destino a Inglaterra.

Em 2002, Jim Holden, nome constante na autoria de artigos para as páginas esportivas do periódico, escreveu um artigo intitulado “*The Ghetto*” (O Gueto), em letras brancas garrafais em um sugestivo fundo negro. No texto, Holden descreve a trajetória de Steve Rutter, técnico e olheiro inglês que iniciara um projeto nos Estados Unidos, mais especificamente em áreas mais pobres de Miami, afim de encontrar novos prodígios que pudessem integrar as categorias de base do futebol britânico. Em determinado trecho do artigo, Holden diz:

“...Os clubes europeus são consumidores vorazes de jovens promissores e, no passado, houveram histórias escandalosas de negligência em relação aos casos clássicos de ‘patinho feio’.⁹⁸

O caso mais famoso, talvez, é o de Nii Lamptey, um garoto maravilha de Gana, que foi contrabandeado para fora de seu país natal aos 14 anos no porta-malas de um carro para se juntar ao *Anderlecht*.

Ele foi rapidamente apelidado de o novo Pelé, e sua carreira brevemente decolou quando ele jogou na “Liga dos Campeões” com a idade de 16 anos. Mas depois de uma dúzia de clubes diferentes (incluindo *Aston Villa* e *Coventry*) e muitas experiências frustradas ao redor do mundo, ele está agora jogando anonimamente na liga chinesa.”⁹⁹

Os moldes do insucesso de Nii Lamptey ganharam formas mais sólidas ao se iniciar o século XXI e serviria como boa matriz aos demais ganeses e africanos que chegassem ao futebol inglês. De fato, o processo “*rags-to-riches*” justificou o fracasso daqueles que de forma costumeira passaram a ser tratados como “imatuross demais” para lidar com a rápida ascensão do estrelato. As características técnicas atribuídas aos jogadores africanos, como a inocência, são ecoadas nas características pessoais destas pessoas.

No ano seguinte, o mesmo Holden traz um debate em novo artigo que posiciona Lamptey em perspectiva comparativa ao falar de um jovem jogador inglês, Wayne

⁹⁸ A expressão original é “*rags-to-riches*”, que, dentre outros significados, costumeiramente é traduzida como “patinho feio”. Contudo, a sua ideia é fazer referência a alguém que tem rápida ascensão, seja econômica ou em outros aspectos.

⁹⁹ HOLDEN, Jim. *The Ghetto*. *Sunday Express*, Londres, 26 Mai. 2002.

Rooney, que começava a despontar no *Everton*, mas que possuía problemas temperamentais, tidos como discriminativos dos africanos.

“Muitos anos atrás, falei com um garoto chamado Nii Lamptey, que marcou em sua estreia na Copa da Europa pelo *Anderlecht*, com apenas 16 anos. Pelé o chamou de ‘meu sucessor natural’.

Ele era ainda melhor que Rooney, ele era o garoto mais fenomenal que já vi. Ouviu-se falar de Lamptey pela última que o mesmo jogava em um clube na obscura liga da China após anos de tortura particular em muitos países, da Itália à Argentina e à Inglaterra. Ele não foi capaz de lidar com grandes expectativas - e ele não conseguia lidar com a realidade.

Poderá Rooney?”¹⁰⁰

A cobertura dos periódicos ingleses sobre o declínio de Lamptey, contudo, não abordara um aspecto importante do fluxo migratório de atletas ganeses à Inglaterra e, de modo geral, à Europa. De acordo com Paul Darby, o caso do jogador de Gana é talvez o mais gritante da forma inescrupulosa como as carreiras de jovens jogadores africanos foram cada vez mais tratadas pelos agentes europeus neste período. Pouco depois de Lamptey ter aparecido como uma inevitável estrela para o mundo do futebol no Campeonato Mundial de Sub-17, em 1989, ele foi recrutado por Antonio Caliendo, um famoso agente italiano, antes de ser transferido para o clube belga *Anderlecht*. Posteriormente, Lamptey lentamente percebeu que sua incapacidade de ler ou escrever tinha sido implacavelmente explorada por Caliendo através dos termos do contrato de cinco anos que ele havia intermediado com o clube belga.¹⁰¹

Em entrevista dada em 2008, o técnico alemão Otto Pfister, que foi o comandante da seleção ganesa de 1989 e 1995, diz que o fracasso de Lamptey em atuar em um nível consistente foi uma consequência do fato de ele ter sido tratado como um pedaço de carne por toda uma série de intermediários que negociaram empréstimos e transferências durante sua carreira.¹⁰² O que é reforçado pelo próprio Nii Lamptey, em 2008, em uma entrevista dada ao *The Guardian*, em que diz:

¹⁰⁰ HOLDEN, Jim. Can Rooney survive life in tha last line? *Sunday Express*, Londres, 26 Out. 2003.

¹⁰¹ DARBY, Paul. *Out of Africa: The exodus of elite African football to Europe* em MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark. *Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings*. Londres: Routledge, 2011. Pg. 252.

¹⁰² DARBY, Paul; SOLBERG, Eirick. *Differing trajectories: football development and patterns of player migration in South Africa and Ghana* em ALEGI, Peter; BOLSMANN, Chris. *South Africa and the Global Game: Football, Apartheid and Beyond*. Londres: Routledge, 2010. Pg 125.

“Quando Diego morreu [seu filho], não pude ficar na Argentina. Liguei para o *Anderlecht* e disse: ‘Esta é a situação, quero voltar’. O vice-presidente disse: ‘Você não nos pertence, você pertence a Caliendo’. Caliendo estava me vendendo sem que eu soubesse. Depois de Diego eu queria voltar para casa, e esse cara estava me forçando a assinar um contrato com ele.

Eu recusei. Eu tive muita sorte, caso contrário, eu ainda pertenceria a ele.

Eu não tive grandes brigas, eu apenas disse: ‘Não, eu não assinarei’. Ele teve que mandar algumas pessoas para vir e conversar comigo, recusei ainda assim. Desde então, não tive nenhum contato com ele.’ Pouco antes disso, Lamptey havia evitado outro roubo, de sua taxa de assinatura para o *Aston Villa*, quando o então técnico do time inglês, Ron Atkinson, interveio. ‘Ron deu o número da minha conta para o escritório e eles pagaram diretamente. Eu nem fui informado. O gerente [agente] ficou muito bravo. Ron tem sido um bom homem na minha vida.

Eu não fui capaz de destruí-lo. Eu sei quem ficaria feliz em matar aquele lá.

Outro problema foi que eu não conseguia me expressar. Havia certas coisas que eu simplesmente não conseguia fazer. Lembro-me de assistir a uma das minhas fitas de 1991, quando fui para a Bélgica e olhei para mim falando inglês. Jesus Cristo! Eu não pude dizer o que queria dizer.”¹⁰³

O caso de Nii Lamptey demonstra a sutileza do controle das antigas colônias. Contudo, no neocolonialismo, especificamente no caso do futebol, não são mais as elites nativas e o poder hegemônico local que são cooptados pelo colonizador, que outrora eram cúmplices das potências coloniais em detrimento aos interesses de outras camadas da população. Ocorre, neste caso, a manutenção da dependência que se inicia no subconsciente, ainda que estejamos partindo da ideia de força de trabalho.

O fracasso do jogador africano, vendido pela mídia como consequência possível de uma natureza humana mais frágil à complexidade dos modos europeus, não se afasta dos atos de exploração reinventados dentro do futebol. Lamptey, desta forma, se faz um marco do equilíbrio que se buscava à romantização e fetichização atribuídas ao atleta advindo de um continente ex-colônia, de modo que este pudesse ser estigmatizado como

¹⁰³ Entrevista dada por Nii Lamptey ao *The Guardian*, publicado em 03 de Fevereiro de 2008. Acesso em <https://www.theguardian.com/football/2008/feb/03/africannationscup2008.africannationscup1> (Tradução minha)

produto, dependente dos ensinamentos dos bons modos europeus, não como um herói além-mar. O não sucesso na absorção destes ensinamentos resultaria na potencialização de sua essência inadequada ao êxito esportivo.

CAPÍTULO 3 – UM JOGO DE DEUSES: O FUTEBOL INGLÊS COMO RELIGIÃO DA REDENÇÃO COLONIAL.

“...ele [futebol] não nos explica nada sobre de onde viemos ou para onde vamos... contudo, nos mostra quem somos, consagrando e teatralizando os valores fundamentais que moldam nossas sociedades: as identidades que se compartilham e com que se sonha, a competição, a performance, o papel da sorte, da injustiça, da trapaça, numa vida individual e coletiva.”

Christian Bromberger em seu livro *Football, La Bagatelle La Plus Sérieuse Du Monde*, publicado em 1998.

3.1 – Realocando valores e reajustando espaços: Michael Essien e os africanos que protagonizaram novos projetos da *Premier League*.

O clube de futebol, por conta da característica etérea que constitui a sua essência, se torna, facilmente, um objeto de culto religioso ou a própria religião em si. Jogadores, dirigentes, sede social, resultados e outros elementos que integram o corpus institucional de uma agremiação não possuem em sua concretude o objeto de devoção de torcedores, entretanto todos estes personagens tornam-se objetos palpáveis da abstração deste culto, pois os mesmos são passageiros de algo infinito, assim como os componentes litúrgicos de uma cerimônia em uma igreja.

O teólogo Martyn Percy e o pesquisador de temas ligados ao futebol, Rogan Taylor, exploram este diálogo entre religião e futebol em uma análise comparativa, fruto de um interessante ensaio publicado em 1997. Diz:

“... a identificação apaixonada de religiosos ou de torcedores de futebol com uma igreja ou um clube é uma maneira de delimitar um grupo e regulá-lo, o que pode caracterizar uma forma de “tribalismo” que concorrerá com outros tipos de apoio, outros clubes ou igrejas, ou globalismo. Delimitação freqüentemente provê suporte expressivo e tático que é sua própria forma de cultura, especialmente entre os homens, que percebem que de alguma forma perderam o 'toque' um com o outro na sociedade moderna, aumentando ainda mais seu senso de identidade como um certo tipo de torcedor ou crente. A religião contemporânea e o futebol fornecem um alibi para os homens

estarem próximos uns dos outros, e assistir a outros homens se apresentarem.”¹⁰⁴

Na Inglaterra, isto se evidenciava sob múltiplas conformações, como os cantos de torcidas e suas variações que forneciam sua própria forma de troca de ritual, em que a equipe permanece como foco, mas a multidão também tem um papel ativo a desempenhar na melhoria das suas crenças, esperanças e ambições. Mais do que isso, fazer parte da torcida é fazer parte do resultado em si. Como em muitas religiões contemporâneas, as pessoas presentes na plateia não configuram mais um coletivo de "eventuais espectadores", findara-se o cenário em que crentes religiosos simplesmente observam um padre ou escutam um pregador; a religião contemporânea exige interação, com o crente contribuindo para a revitalização geral de seu credo.

Sobre os cantos clássicos das torcidas inglesas, é possível identificarmos este característico aspecto de entidade religiosa posta aos atletas. Várias canções cristãs foram adaptadas ou entoadas em sua forma original pelas torcidas no simbólico momento da entrada de seus times em campo. Os fãs do *Liverpool FC* possuem a tradição de cantar o clássico cântico da cultura evangélica americana “When the saints go march in” (Quando os santos entram), desde o final da década de 1950, quando seus atletas adentram ao jogo para o aquecimento, ou ainda “I shall not be moved” (Eu não serei movido), consuetudinário louvor das igrejas afro-americanas nas décadas de 1960 e 70. Os apoiadores do *Nottingham Forest* ficaram conhecidos por constantemente cantarem uma versão alterada de “He’s got the whole World in his hands” (Ele tem o mundo inteiro em suas mãos), de 1927, assim como a torcida do *Tottenham Hotspurs* com a cantiga “Glory, Glory, Hallelujah” (Glória, Glória, Aleluia).

Outro elemento que explicita esta relação, é o ato de se construírem estátuas em frente aos estádios, ou ainda em salas que se assemelham a museus nas sedes sociais dos clubes, de jogadores que simbolizavam a fidelidade à determinado time, como foram os casos de Tony Adams (Arsenal), Johnny Haynes (Fulham), Sir Billy Whright (Wolverhampton Wanderers), que apenas atuaram por uma única equipe, ou atletas que eram notáveis por conta da liderança dentro de campo e talento acima da média, como Sir Stanley Matthews, Bobby Moore (o capitão da única seleção inglesa que conquistara

¹⁰⁴ PERCY, Martin; TAYLOR, Rogan. Something for the weekend, sir? Leisure, ecstasy and identity in football and contemporary religion. *Leisure Studies*, v. 16, n. 4, 37-49, 1997. Pg. 45 (tradução minha)

uma Copa do Mundo, em 1966), Bobby Robinson e Stan Mortensen¹⁰⁵, ou ainda símbolos que faziam referência a uma equipe toda, como é o caso da estátua em County Durham que homenageia o time do West Auckland por conquistas internacionais em 1909 e 1911 (anexo 8).

Mais do que isto, a religiosidade em torno do futebol inglês era uma ode ao nacionalismo britânico. Nada mais romântico e eufórico para um fanático torcedor da Inglaterra do que lembrar do até então único título de Copa do Mundo que o *English Team* conquistara. Após o apito do árbitro suíço Gottfried Dienst, em 1966, no estádio de *Wembley* que comportava quase 100 mil pessoas, um dos retratos mais fiéis deste sentimento eclodido deste ufanismo era desenhado. Uma seleção formada apenas por jogadores que atuavam no futebol local, alguns que estiveram por toda a carreira no mesmo clube, como George Cohen (*Fulham*), Jack Charlton (*Leeds United*), Terry Paine (*Southampton*), Roger Hunt (*Liverpool*) e George Eastham (*Newcastle United*), todos comandado por Alf Ramsey, um típico *gentleman* inglês, um erudito que havia ascendido da classe trabalhadora e servira a seleção como jogador na década anterior e, mais tarde, receberia a honraria de se torna um *Sir*, mas sem perder o ar autoritário e o historicamente romantizado trejeito militar, tendo até sido apelidado pelo jornalista Brian Glanville de “Sargento-Major”¹⁰⁶, tudo isto assistido pela Rainha Isabel II das arquibancadas.

Os atletas, estimados como santos, davam à religião “Seleção” um status sem-par no cenário mundial do futebol: era o único esquadrão nacional formado por jogadores que só trabalhavam no próprio país.¹⁰⁷ E mais, raramente uma seleção nacional, seja qual fosse o continente, não tinha no seu elenco um atleta que atuasse na *Premier League*. Em 2002, na Copa do Mundo realizada no Japão e Coréia do Sul, menos de um terço das seleções participantes do torneio não tinham um atleta que estivesse na Inglaterra.¹⁰⁸ Em 2006, este número cai para 6 e, em 2010, para 5. Nestas três edições do torneio, todas as seleções africanas tinham “jogadores ingleses” integrados ao seu elenco.

¹⁰⁵ As estátuas destes atletas pertencentes a este segundo grupo estão respectivamente em *Town Road Shopping Precinct (Staffordshire)*, *Wembley Stadium*, *St. James' Park* e *Bloomfield Road*.

¹⁰⁶ DICKINSON, Matt. *Bobby Moore: The Man in Full*. London: Yellow Jersey Press, 2014.

¹⁰⁷ Vale ressaltar aqui as duas exceções à tal tradição. A primeira trata-se de Gary Lineker, atleta que iniciou sua carreira no *Leicester City* em 1978, mas passou três temporadas no espanhol *Barcelona FC*, entre 1986 e 1989, ao mesmo tempo em que se estabeleceu como titular da seleção nacional. O segundo caso é o de Owen Lee Hargreaves, que nasceu no Canadá e se naturalizara inglês. Serviu a seleção britânica de 2001 até a Copa do Mundo de 2006, quando enfim saíria do clube alemão *Bayern Munique*, seu único time de atuação desde o início da carreira, para então seguir para a *Premier League*.

¹⁰⁸ O caso da seleção irlandesa é o que mais se destaca neste cenário, uma vez que todos os 23 convocados para o torneio eram jogadores da *Premier League*.

Pequenas mudanças deste panorama dariam vazão a novas abordagens do futebol inglês ao mercado da bola. Na primeira metade de 2000, a *Premier League* perdia as suas duas maiores estrelas para o bilionário *Real Madrid*, que estava empenhado em um projeto de reconquista de uma popularidade adormecida trazendo os mais famosos nomes do esporte na Europa e formando um time que ficara conhecido como “Galáticos”. Após um pesado investimento ao comprar dois jogadores símbolos dos últimos dois mundiais, Zinedine Zidane (França, em 1998) e Ronaldo (Brasil, em 2002), e o eleito melhor jogador do Mundo pela FIFA em 2001, o português Luís Figo, o engenheiro e ex-futebolista Florentino Pérez, então presidente da equipe madrilenha, adquiriu o passe de David Beckham, um atleta que era o maior sucesso de marketing do futebol inglês. Como um natural herdeiro de George Best¹⁰⁹, ele alinhava os excelentes resultados pelo *Manchester United*¹¹⁰ com aspectos estéticos extremamente alusivos à cultura *pop* ocidental que ganhavam forma em suas vestimentas, aparições em badaladas festas e seus relacionamentos com artistas.

Em matéria para o caderno de *Marketing* do jornal *The Guardian*, em 2003, Paulo Kelso e Giles Tremlett relatam que o *Real Madrid* havia realizado pesquisas no Oriente Médio, uma região crucial para clubes com apelo internacional, cujo objetivo era testar a popularidade de atletas do futebol. O resultado apontava que as estrelas da equipe espanhola não conseguiam competir com os ganhos financeiros que Beckham gerava. Concluíram:

“Beckham é um bom jogador de futebol, mas com Luis Figo, Zinedine Zidane e Ronaldo, o *Real Madrid* não têm falta deles. É a capacidade de Beckham de atrair o público sem nenhum interesse tradicional pelo futebol e persuadi-los a participar com dinheiro, tanto quanto sua habilidade na bola, que poderia levar *Madrid* a oferecer uma taxa recorde para seduzi-lo a sair de *Old Trafford*.”

¹⁰⁹ George Best foi um jogador de futebol irlandês e britânico que atuou de 1963 à 1984 e é considerado um dos maiores ídolos do *Manchester United*. Sua carreira fora marcada pela cobertura da imprensa britânica ao seu estilo extremamente midiático frequentemente sendo fotografado com carros esportivos e acompanhado de muitas mulheres, além de ter se tornado popular pelos excessos com álcool em festas que frequentava. Best fora um dos primeiros atletas a ganhar status de *pop star* demonstrando o poder que a imagem no futebol poderia atingir.

¹¹⁰ O jogador fizera parte de um grupo conhecido como “A geração de 1992”, que formara um dos grupos mais vitoriosos da história do *Manchester United* até então. Pelo clube, Beckham conquistou 6 títulos da *Premier League*, duas edições da *FA Cup*, duas da *FA Community Shield*, um Mundial Interclubes e uma *UEFA Champions League*, considerada a conquista mais importante do jogador no clube, que não faturava o torneio mais importante da Europa há mais de 30 anos.

O poder de ganhos de Beckham e sua capacidade de gerar receita para os clubes são extraordinários.”¹¹¹

As características midiáticas de Beckham encaixavam-se perfeitamente ao projeto de publicidade do *Real Madrid* e demonstrava que a hegemonia financeira do futebol europeu não estava mais na Inglaterra. Isto ficara ainda mais ostensivo em 2004, um ano após a venda de Beckham, quando a mesma equipe espanhola buscava o jovem Michael Owen do *Liverpool* e passava a ter em seu elenco dois dos principais jogadores da seleção inglesa.

Neste cenário, é possível dimensionarmos o peso destas transações pelo prisma da dualidade do orgulho patriótico estabelecido entre a atuação do atleta no futebol nacional e a celebração meritocrática máxima para um jogador inglês ao defender a seleção. Era extremamente enconstradição os poucos jogadores ingleses que deslocavam-se da *Premier League* deixarem de frequentar as listas de convocação para a seleção nacional. Um simbólico exemplo deste transcurso entre as décadas de 1990 e 2000 fora Steve McManaman, um jogador que ganhara destaque no quadro continental do futebol e passou a frequentar a seleção inglesa a partir de 1994, mas que acabou transferindo-se do *Liverpool FC* para o *Real Madrid* em 1999. Mesmo tornando-se o primeiro jogador britânico a vencer duas vezes a *UEFA Champions League*, que conquistou com o clube espanhol em 2000 e 2002, teve o seu nome riscado do selecionado inglês e não este mais presente no esquadrão do *English Team*. Tal ato de egresso era inviável com David Beckham e Michael Owen, dado o status que estes atletas haviam alcançado para a imprensa e o mercado que envolve o mundo do futebol. Logo, era posto em jogo a nova estética do significado do “ser britânico” no plano do futebol mundial.

A visível ascensão do *Real Madrid*, assim como a de outros clubes latinos como os italianos *AC Milan* e *Internazionale* e os também espanhóis *FC Barcelona*, *Valência*, *Sevilla* e *Villarreal*, atentava o futebol inglês à mercados que eram extremamente explorados por outras ligas europeias. Para além dos africanos, o fluxo de jogadores latino americanos para a Inglaterra, sempre tímido, passou a ganhar um pouco mais de consistência e já não era um acontecimento tão raro algum atleta equatoriano, uruguaio, colombiano ou argentino chegar aos tradicionais clubes da *Premier League*.¹¹² Da mesma

¹¹¹ KELSO, Paul; TREMLETT, Giles. Real Madrid eye up Beckham - the £40m brand name. *The Guardian*, Londres, 25 Abr, 2003. (tradução minha)

¹¹² Os atletas brasileiros, em perspectiva histórica, olhavam com suscetibilidade para o mercado inglês. A abertura da *Premier League* para outros espaços geográficos de produção de atletas de alto nível não fora suficiente para que ocorresse o desmonte deste óbice, uma vez que faltavam exemplos de jogadores

forma, a liga inglesa passou a se abrir mais para os jogadores asiáticos, principalmente japoneses e sul-coreanos, como Park Ji-Sung, jogador que se destacou na Copa do Mundo de 2002, em uma surpreendente campanha da Coreia do Sul, e se tornou um dos maiores ídolos do *Manchester United* (e um dos que possuem um dos maiores números de partidas jogadas), disputando 7 temporadas, entre 2005 e 2012.¹¹³

O acesso aos ditos “mega clubes”, a elite dos times europeus, historicamente se mostrou como um caminho imutável para os talentos nascidos no continente. Na própria Inglaterra, crianças eram constantemente observadas por olheiros para que pudessem ingressar nas categorias de base das agremiações, seja qual divisão elas pertenciam, a fim de traçarem uma carreira de glórias no país. Sob o aspecto neocolonial, a introdução de africanos na *Premier League* fora alvo de estudos de John Bale, que considera o seguinte:

“Gostaria de ilustrar o neocolonialismo das migrações de jogadores africanos por meio de três exemplos. O primeiro é a criação de “clubes fazendas” pelos mega clubes na África, o segundo é a exploração de jovens africanos recrutados na Europa, e o terceiro faz alusão ao papel de agentes no aproveitamento dos talentos esportivos africanos domiciliados em Europa.”¹¹⁴

Sem muita dificuldade, é possível assentar a Inglaterra sob o segundo exemplo posto por Bale. Enquanto países como França, Bélgica, Portugal e Holanda faziam o trabalho de triagem de talentos nos ditos “clubes fazendas” na África, as ligas inglesa e espanhola debruçavam-se sobre o poder financeiro para buscar esta mão de obra quando esta já estava alocada na Europa. Como já pontuado neste trabalho, o caminho de um jogador africano para a *Premier League* perpassava por uma outra experiência europeia, tornando a liga um espaço de merecimento joeirado pelos resultados.

Este processo singular de chegada a Inglaterra viabiliza-nos projetar uma ideia de “diáspora própria” fruto da massificação do produto “jogador africano” que até a década de 1990 era consumido de forma isolada geograficamente. E o desenvolvimento desta diáspora própria revelam consequências próprias de um reposicionamento do *status*

advindos do Brasil com um percurso de sucesso na Inglaterra. Exemplo direto disto é relatado pelo *Telegraph*, que com o título “Ronaldinho esnoba o *United*”, disserta sobre a forma em que o então atleta brasileiro em ascensão negara o convite para jogar em *Manchester*. Fonte: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/2407997/Ronaldinho-snubs-United-for-Barcelona.html>

¹¹³ Dados disponíveis no arquivo digital do World Football em: <http://www.worldfootball.net/transfers>

¹¹⁴ BALE, J. *Three geographies of African footballer migration: patterns, problems and postcoloniality*. In: ARMSTRONG, G.; GIULIANOTTI, R. (Ed.). *Football in Africa: conflict, conciliation and community*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 229-246. Pg 237 (Tradução minha)

quo do atleta que advinha da África. Pois, se eles saíam de seu país natal para chegarem à França como completos desconhecidos, os mesmos ascendiam à Inglaterra como verdadeiros astros. A ida de ganeses para a *Premier League*, ou o interesse dos clubes ingleses por estes atletas, não era anunciada em notas de rodapé de páginas esportivas, como fora na década de 1990 com jogadores como Nii Lamptey ou Anthony Yeboah.¹¹⁵ As contratações destes ganeses passou a ser matéria de capa dos grandes centros de mídia esportiva. Clubes travavam verdadeiras disputas para ter tais atletas em seus elencos, como fora o caso de Michael Essien.

O ganhês fora símbolo de uma geração de africanos que galgaria um novo espaço no futebol inglês, no começo do século XXI. Essien, que em Gana, no final da década de 1990, fazia parte do primeiro grupo de jovens jogadores a integrar o *Liberty Professionals*, primeiro clube em Gana criado por um empresário, migraria para o futebol francês em 2000, ao intermediário *Bastia*. Em três temporadas, o jogador conquistara um lugar no estrelato da liga francesa, conseguindo um vantajoso contrato na então principal equipe da *Ligue 1*, o *Olympique Lyonnais*.

Dentro deste percurso em uma singular diáspora à Inglaterra, Essien se encontrava em um significativo paralelo apontado por Jacqueline Brown, onde a liga de futebol francesa fornecia aos jogadores africanos uma copiosa representação do sucesso que contrastava com a representação nos presídios do país.¹¹⁶ Este fenômeno constituía no novo olhar que caíria sob os aspectos do sucesso para os migrantes que partiam da África para a Europa. Isto possibilita-nos depreender como um novo *status* na França, pelo menos em algo que estamos lobrigando definir como “diáspora própria”, pode resultar em um novo posicionamento desta comunidade na *Premier League*.

O primeiro aspecto que desponta no caso de Essien ilustrando esta transição se deu, primariamente, de dentro da liga francesa para fora. Com o sucesso do atleta, então no *Olympique Lyonnais*, o natural assédio das equipes da *Premier League* era uma questão de tempo, algo que se concretizou em 2005, com uma intensa procura pelo atleta. Contudo, desta vez, ao invés de se aproveitar de uma venda de um atleta africano para o fomento rápido do caixa do clube, ainda que lidando com quantias não muito expressivas, como era o praxe na França, fora a primeira vez que se relutou na permanência de um

¹¹⁵ AUTOR DESCONHECIDO. Dowie's Palace Move. *Daily Express*, Londres, 06 Jan. 1995.

¹¹⁶ BROWN, Jacqueline. *Black Europe and the african diaspora: A discourse in location* in HINE, Darlene; KEATON, Trica; SMALL, Stephen. *Black Europe and the african diaspora*. Illinois: The University of Illinois press, 2009. Pg. 221.

jogador neste cenário. A mídia britânica, por meio do *Daily Express*, faz o relato de um conflito de interesses inédito na transação de um jogador ganês. Gerard Houlier, então técnico do *Olympique Lyonnais*, em 2005, assumia o controle da equipe que naquele momento gozava de grande hegemonia no país, após 4 títulos nacionais consecutivos e sendo um dos poucos times na Europa que alcançaram 6 participações seguidas na *UEFA Champions League*. Tal ascensão demandava uma nova postura de um clube que visava se estabelecer entre os gigantes milionários da Europa, e parte desta postura, para Houlier, era a manutenção das estrelas do plantel, o que incluía Michael Essien. Ao ser questionado sobre o interesse do *Chelsea* e o *Manchester United* ao jovem ganês, o técnico francês respondeu: “Para mim, ele tem a mesma influência que um Lampard no *Chelsea*, um Gerrard no *Liverpool* ou um Michael Ballack no *Bayern Munich*. E não foi por acaso que todos esses clubes ganharam alguma coisa na temporada passada.”¹¹⁷ Foi seguido pelo presidente da agremiação, Jean-Michel Aulas, que afirmou: "Eu disse a Peter Kenyon [então diretor executivo do *Chelsea*] que ele não queria vender Lampard até onde eu sabia - e foi o mesmo para nós com Michael.”¹¹⁸

Na matéria de Tony Banks, as falas de Houlier e Aulas descortinam um novo cenário de mudança de estigma dos jogadores africanos. Outrora baratas moedas de trocas (inclusive os jogadores mais consagrados), eles agora faziam parte de um projeto que visava ao sucesso. Essien era vislumbrado como um astro no patamar dos principais jogadores europeus do momento, como estabeleceram em comparações o técnico e presidente da equipe francesa. Isto aos 23 anos e sem nunca ter disputado uma Copa do Mundo sequer.

Outro derivado deste realocamento no patamar do jogador africano deu-se, inevitavelmente, nos valores financeiros, uma vez que o tradicional regramento do mercado interno europeu seguiu-se abúlico às questões ligadas a nacionalidades. Se Essien era comparável aos maiores jogadores da Inglaterra e Alemanha, seu valor de mercado deveria seguir o discurso prático, o que catapultou a estimativa do *Olympique Lyonnais* que pedia a quantia de 32 milhões de libras, o maior valor a ser pago, até então, por um jogador ganês e africano.¹¹⁹

Em outro artigo de Tony Banks, também no *Daily Express*, outro cenário inédito neste enquadramento fora a insólita concorrência para a contratação de um africano. Em

¹¹⁷ BANKS, Tony. Don't go, Michael. *Daily Express*, Londres, 20 Jul. 2005.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Ibidem.

2005, no tradicional e movimentado período em que a janela de transferências do futebol europeu fica aberta, costumeiramente no início da temporada, alguns dos mais ricos clubes da Inglaterra tiveram expostos um ferrenho certame que visava atrair o jovem Essien para seus plantéis. No artigo, Banks traz uma mudança de perspectiva para o futuro do jogador ganês após, já encaminhado para seguir sua carreira no *Chelsea*, ver o *Manchester United* tentar atravessar as negociações do time londrino com o *Olympique Lyonnais* no intuito de adquirir o passe do atleta.¹²⁰

Na mesmo período, o *BBC* expunha o desejo de outro milionário da *Premier League*, o *Arsenal*, que já contava com atletas africanos em ascensão, como o também ganês Quincy Owusu e os marfinenses Emmanuel Eboué e Kolo Touré, de contar com a força de trabalho de Michael Essien.¹²¹

À priori, a ascensão mercadológica inédita para o mundo não-europeu de Essien surtiriam lépidos efeitos no que diz respeito as movimentações dos atletas africanos dentro da Europa, como o encarecimento dos passes de jogadores camaroneses, marfinenses, nigerianos, ganeses e de outros países de África com certa tradição no futebol. Este súbito estrelato e espaço de protagonismo denotavam claramente um aumento na relevância de torneios internacionais dentro do continente, como aponta o antropólogo Mattia Fumanti ao enxergar que a presença nestes torneios entre nações da África de famosos futebolistas africanos, como Michael Essien e Didier Drogba, do *Chelsea*, Samuel Eto'o, do *FC Barcelona*, e muitos outros jogadores africanos de sucesso, que exerciam as suas habilidades nos campos de futebol dos principais países europeus foram, sem dúvida, um dos fatores que contribuiram para a crescente visibilidade, audiência e patrocínio na Taça das Nações Africanas, por exemplo. A própria expectativa acerca do desempenho das seleções africanas na Copa do Mundo de 2010 era maquinal à este fenômeno.¹²²

Contudo, mais simbólico do que isto, pelo menos em uma perspectiva vista de dentro para fora no contexto britânico, Essien, assim como demais jogadores ganeses e africanos, fizeram parte de um ponderoso projeto de engrandecimento e fortalecimento de clubes ingleses. O *Chelsea* fora o melhor exemplo disto.

¹²⁰ BANKS, Tony. As clubs clash over Lyon star. *Daily Express, Londres*, 12 Mai. 2005.

¹²¹ AUTOR DESCONHECIDO. Man Utd and Arsenal in for Essien. *BBC, Londres*, 01 Ago. 2005

¹²² FUMANTI, Mattia. *Black Chicken, White chicken; Patriotism, morality and the aesthetics in the 2008 African Cup of Nations in Ghana*. In: BALLER, Susann; MIESCHER, Gregorio; RASSOOL, Ciraj. *Global Perspectives on Football in Africa: Visualising the Game*. Londres: Routledge, 2013. Pg. 128.

Primeiramente, debruçemo-nos sobre o que as fontes nos revelam acerca dos valores envolvidos na chegada de africanos. A transferência de Michael Essien custou aos cofres do clube londrino a soma de 24.4 milhões de libras, o à época concretizou-se como o mais alto valor pago por um jogador africano em toda a história do futebol¹²³. Até 2005, efetivação da ida de Essien do *Olympique Lyonnais* para o *Chelsea*, esta marca também pertencia ao time inglês que, na temporada anterior, em 2004, havia comprado o atacante marfinense Didier Drogba do *Olympique de Marseille*, da França, por 24 milhões de libras.¹²⁴

Na temporada 2006-07, foi a vez da chegada do nigeriano John Obi Mikel, que havia se destacado em um pequeno clube norueguês chamado *Fotballklubben Lyn Oslo*. O valor da negociação, 20 milhões de euros, também foi extremamente simbólico por se tratar de uma quantia paga para um clube de minúscula representação (mesmo no contexto norueguês), o que geralmente culminava em uma venda de baixa cifra.¹²⁵

Um bom parâmetro para que compreendamos o peso histórico de tais cotações é olharmos para outros processos de transferências de atletas africanos de destaque, como fora Geoge Weah. O liberiano, único jogador advindo da África a receber o título de melhor futebolista do Mundo, mudou-se, no auge de sua carreira, para o *AC Milan*, em 1995, por 6.9 milhões de euros, sem a mesma pompa e circunstância. Desde então, até o fim de sua carreira, em 2003, se envolveu em uma série de transações à custo zero.¹²⁶

A mídia britânica não deixara de exaltar como estes atletas africanos eram parte medular de um projeto audacioso que visava mudar o patamar do *Chelsea* dentro da Premier League. Em 2003, o clube, até então normalmente alocado no segundo escalão do futebol inglês dentro do discurso dos agentes ligados ao esporte, foi comprado por Roman Arkadyevich Abramovich, empresário russo e bilionário ligado ao petróleo, que decidiu fazer da equipe de Londres o seu principal investimento.

O *The Guardian* trazia em uma matéria a descrição do perfil de Essien e como as suas características eram fundamentais para que o “novo *Chelsea*” alcançasse o sucesso. Após equipará-lo aos já consagrados Frank Lampard e Claude Makélélé, que já estavam firmados na equipe e atuavam na mesma posição que o ganês, afirma que “em

¹²³ AUTOR DESCONHECIDO. Chelsea delight at Essien signing. *BBC*, Londres, 19 Ago. 2005.

¹²⁴ WINTER, Henry. Class tells as Drogba adds spark to Chelsea. *The Telegraph*, Londres, 25 Ago. 2004.

¹²⁵ Fonte: Banco de dados do *Transfer Markt*, disponível em: <https://www.transfermarkt.pt/john-mikel-obi/profil/spieler/30739> Fonte complementar: AUTOR DESCONHECIDO. Obi makes plea for Chelsea switch. *BBC*, Londres, 28 Jun. 2005.

¹²⁶ Fonte: Banco de dados do *Transfer Markt*, disponível em: <https://www.transfermarkt.com/george-weah/transfers/spieler/8542>

Essien, Gana e *Chelsea* têm um corredor incansável. Descrito pelos companheiros de equipe de *Lyon* como um 'monstro' físico, ele diz que nunca se sente exausto no final de um jogo”.¹²⁷

O *Daily Express*, também seguindo esta linha de inclusão de Essien e Drogba como principais elementos do supracitado debuxo londrino, promove um discurso conciliador do marfinense ao estilo britânico, buscando, supostamente, articular uma quebra no histórico estigma do jogador africano que “precisava ser domado”. No texto, Tony Banks desconstrói os aspectos “não-europeizados” de Didier Drogba e expõe seu sucesso na Inglaterra como fruto de uma adaptação a filosofia do futebol praticado no país, até mesmo na forma de lidar com o polêmico técnico português José Mourinho que, ao assumir a direção do clube, adotou uma postura extremamente provocativa em relação aos demais times da *Premier League*:

“É uma atitude que Drogba agora acredita ter se tornado parte da mentalidade de todos os jogadores do time do Chelsea, e um que significa que a equipe de Mourinho está tão faminta de sucesso quanto no ano passado, quando o clube ergueu seu primeiro título em 50 anos.

Essa ânsia por glória também é evidente fora do campo, revela Drogba, mesmo nos controversos pronunciamentos do treinador sobre o futebol e as autoridades do jogo, que muitas vezes colocam o ex-treinador do Porto em apuros. Mas, de acordo com Drogba, o treinador do Chelsea sabe exatamente o que está fazendo quando se lança em suas polêmicas fofocas. Seu objetivo deliberado é enfurecer e distrair seus rivais da tarefa principal na mão - ultrapassando sua equipe em campo.

O ex-atacante do Marselha, que conseguiu uma primeira temporada na Premiership no ano passado, apesar de ainda conseguir 10 gols, acredita que agora sabe como vencer, graças totalmente a Mourinho. Drogba disse: “Com José como treinador, a principal coisa que aprendi é como vencer. Ele é viciado em vitória e acabou contaminando todos nós.

“A única coisa que conta para ele é o sucesso - e eu quero dizer isso. Tenho certeza de que é por isso que ele se diverte com seus comentários provocativos. Tudo faz parte da estratégia dele. “Ele acha que, apesar de técnicos e treinadores adversários estarem incomodados com ele, eles não estão gastando seu tempo trabalhando na melhor forma de jogar conosco. Ele é um cara esperto.”¹²⁸

¹²⁷ AUTOR DESCONHECIDO. Chelsea feel force of nature. *The Guardian*, Londres, 21 Ago. 2005.

¹²⁸ BANKS, Tony. Drogba gets the Mourinho bug. *Daily Express*, Londres, 19 Ago. 2005. (Tradução minha)

Com mais intensidade, os jogadores africanos passaram a ser incluídos em posições de protagonismo, principalmente nos clubes enquadrados na categoria “New rich” (“Novos ricos”), agremiações que eram compradas por algum bilionário que via no futebol uma oportunidade de faturamento não encontrado em outros comuns investimentos do universo do entretenimento. Não incomum se tornou a ação de jogadores africanos transitarem dentro da própria Inglaterra com diferenças desmesuradas entre seus valores de compra quando chegaram ao país e de revenda para estes “Novos ricos”, como fora o caso de Kolo Touré que chegou ao *Arsenal*, advindo do marfinense *ASEC Mimosas*, em 2002, pela quantia de 185 mil euros e fora vendido, sete anos depois, ao *Manchester City*, que havia sido comprado pelo *Abu Dhabi United Group* e tornado-se uma das equipes mais ricas do Mundo, pelo valor de 21 milhões de euros.¹²⁹

¹²⁹ Fonte: Banco de dados do *Transfer Markt*, disponível em: <https://www.transfermarkt.pt/kolo-toure/profil/spieler/3202>

CAPÍTULO 4 – CONQUISTANDO NAÇÕES E NACIONALIDADES: A BARGANHA DE IDENTIDADES NO JOGO NEOCOLONIAL.

"Sou Mario Balotelli. Tenho 23 anos e não escolhi ser italiano", escreveu Balotelli. "Eu queria fortemente (ser italiano) porque nasci na Itália e sempre morei na Itália.

Talvez, como alguns de vocês dizem, eu não seja realmente italiano. Os africanos não culpariam um de seus irmãos. Nunca. Nisto, nós negros, como você nos chama, estamos anos-luz à sua frente.

"A desgraça não é aquela que perde um objetivo ou corre menos ou mais. Vergonhosas são essas coisas [críticas injustas]."

Mario Balotelli em uma rede social respondendo as críticas de torcedores italianos que, por conta de sua má atuação na Copa do Mundo, bradaram que o atleta não havia deixado de ser ganês, em 25 de Junho de 2014.

4.1 – A redefinição do projeto identitário dos novos ganeses na Europa: Danny Welbeck, irmãos Boateng e Mario Balotelli.

Em 14 de Junho de 2014, na Arena Amazônia, uma das partidas mais aguardadas pelo público e pela mídia internacional acontecia na primeira rodada de grupos na Copa do Mundo sediada no Brasil. Inglaterra e Itália colocavam em campo duas escolas historicamente tradicionais e influentes no futebol mundial. Contudo, para além das questões técnicas ligadas ao esporte, a partida colocava em lados opostos dois atletas com um laço em comum: a nacionalidade ganesa. Danny Welbeck, pelo time inglês, e Mario Balotelli, pelo esquadrão italiano, além de terem em comum a atuação na posição de atacante, compartilhavam a descendência na ex-colônia.

Daniel Nii Tackie Mensah Welbeck, filho de Elizabeth Tumtuo e Victor Welbeck, migrantes ganeses, nasceu em Manchester e foi considerado uma potencial estrela desde cedo pelos profissionais que já o observavam quando criança. Fez o caminho tradicional de praticamente todo jogador de futebol na Inglaterra; iniciou sua trajetória ainda na infância em um pequeno time local, *Fletcher Moss Rangers FC*, de Manchester, e, aos 8 anos, ingressou na academia para crianças do multi-campeão *Manchester United*.

No caso do jogador que defendia a seleção italiana, o caminho para se pensar uma identificação nacional seria um pouco diferente. Nascido Mario Barwuah, o atleta era filho de migrantes ganeses que se estabeleceram em Palermo para terem seu filho em território italiano, em 1993. Como muitas famílias de migrantes que se encontravam em situação de miséria no continente europeu, os pais de Mario conseguiram inseri-lo no *Foster Care*, um sistema no qual um menor era colocado em um grupo domiciliar (comunidade residencial de creches ou um centro de tratamento) ou residência particular de um “cuidador” certificado pelo estado, referido como “pai adotivo”, ou ainda com uma família aprovada pelo estado. Mario Barwuah fora então adotado por um casal de judeus italianos e, ao invés de cumprir as regras do programa onde a criança passaria de 3 à 5 dias sob os cuidados destes “cuidadores”, retornando assim ao convívio com os pais biológicos, mudou-se em definitivo para a casa de Silvia e Francesco Balotelli, quando assumiu o sobrenome dos que o adotaram e pediu a cidadania do país europeu.

Em ambos os casos, o nome profissional pode ser visto como um ponto em comum para a “desafricanização” da imagem dos atletas. Enquanto os nomes “Nii” e “Mensah”, tipicamente ganeses, eram declinados em detrimento a “Welbeck”, Mario Barwuah era anunciando pela mídia internacional, quando ganhou fama na *Internazionale*, a partir de 2007, como Mario Balotelli. Contudo, é partindo da discriminação do olhar da imprensa inglesa para os dois que podemos estipular cruciais conclusões acerca de um discurso neocolonial amalgamado na ideia de nacionalidade e pertencimento.

Em 2009, um artigo do *The Guardian* ganha espaço no *corpus* documental costumeiramente apresentado nos debates em programas televisivos sobre futebol. No texto, o jornalista Tom Kington busca expor o caráter racista como elemento típico do discurso das torcidas de futebol na Itália e trazer vozes dissonantes dentro do próprio país, como professores e políticos, que condenavam os atos segregacionistas que aconteciam contra Balotelli, como em uma partida da *Internazionale* contra a *Juventus*, de Turim, em que a torcida turinense entoava o canto “*Un negro non può essere italiano*” (“Um negro não pode ser italiano”), ou ainda quando a torcida do *Roma* atirou bananas em direção ao atleta.

Neste sentido, ao estabelecer a diferença no trato as questões raciais no futebol entre os países pertencentes a elite do esporte na Europa, Kington diz:

“Na Inglaterra, Alemanha ou França, Balotelli estaria nas manchetes das páginas esportivas como um dos mais promissores

jovens do esporte nacional. Na Itália, seu tratamento nas mãos de uma minoria de torcedores hostis está transformando-o em um símbolo da aparente inabilidade do país em abraçar uma identidade multiétnica. Na segunda-feira passada, a Juventus foi multada por cantos anti-Balotelli em uma partida pela segunda vez nesta temporada.”¹³⁰

Desdobremos uma problematização deste trecho em dois segmentos, mas que não estão necessariamente desassociados. No primeiro, é basilar entendermos a relação racial que parte da Europa e, mais intrinsecamente, a Inglaterra estabelecem no futebol a partir dos anos 2000 que direciona a ideia de “identidade multiétnica” de Kington, exposta no artigo.

Como apresentado na introdução deste trabalho, o futebol na França é um expoente, além de precursor, na “nacionalização” de atletas africanos. Consequência direta desta atividade foi a massificação da presença negra tanto em suas competições nacionais quanto na seleção principal, algo que fora reproduzida em outras ligas europeias. Na Holanda, fora um hábito extremamente comum jogadores de descendência africana, mas nascidos na Holanda (algo que diferencia as realidades holandesa e francesa) atuarem nas seleções de base do país. De 2000 à 2009, participaram deste processo jovens filhos de angolanos, cabo verdianos, congolese, ganeses, marroquinos, nigerianos e sul-africanos. Além desta forte presença de negros advindos do continente africano, a migração de atletas da Guiana Neerlandesa, que viria a se tornar Suriname após a sua independência em 1975, ocorre desde a década de 1950 e, a partir de 1990 passou também a incorporar este processo de nacionalização de jogadores. Os maiores expoentes deste fluxo que alcançaram o status de ídolos nacionais foram Edgar Davids (1992 – 2005) e Clarence Seedorf (1996 – 2009).¹³¹

Em Portugal, a assiduidade de atletas negros na seleção nacional se deu primordialmente pelo fluxo migratório de jogadores nascidos em ex-colônias, seja o Brasil ou países africanos. Vale ressaltar que o futebol português fora o europeu pioneiro em assimilar negros africanos à sua seleção; enquanto a prática intensificava-se nas outras seleções a partir da década de 2000, atletas pretos vestiam o uniforme nacional português desde a década de 1960, como pode ser visto no primeiro esquadrão que disputou uma Copa do Mundo, em 1966, que contava com Hilário Conceição, Eusébio e Mário Coluna,

¹³⁰ KINGTON, Tom. Italy's culture of racism exposed by fans' abuse of black football star. *The Guardian, Londres*, 13 Dez. 2009. (Tradução minha)

¹³¹ Dados disponíveis no arquivo digital do World Football em: <http://www.worldfootball.net/transfers>

todos nascidos na África Oriental Portuguesa, que anos mais tarde se tornaria Moçambique.¹³²

Na Alemanha, um processo mais restrito passou a ser adotados no final da década de 1990 e durante o decênio subsequente. Alguns atletas vindos do Togo, Gana, República Democrática do Congo, Camarões e Angola participaram de todas as camadas jovens da seleção alemã, contudo, ao atingirem o profissionalismo, passaram a jogar pelas seleções de seus países de origem. Entre as Copas de 2002 e 2010 dois jogadores negros estiveram no plantel nacional, o ganês Gerald Asamoah (que no país jogou no *Hannover 96*, *Schalke 04*, *St. Pauli* e *SpVgg Greuther Fürth*) e o brasileiro Cacau que se tornou ídolo no tradicional *Stuttgart*.¹³³¹³⁴

No caso do futebol inglês, a frequência de negros na seleção nacional se dá em outro processo. Entre as Copas do Mundo de 1998 e 2010, sete jogadores não-brancos passaram pela seleção compartilhando duas características: A primeira, em contrapartida aos outros países que dominavam economicamente o futebol europeu, o que inclui os dois citados por Kington, era a de que todos estes eram nascidos na Inglaterra, ou seja, a “multietnia racial” que transparece no discurso midiático é hereditária pelo prisma da nacionalidade. A segunda é que essa descendência é exclusivamente caribenha, ou seja, os filhos de ganeses e africanos ainda não haviam chegado ao *English Team* pelo caminho da naturalização. Estes jogadores eram: Aaron Lenon (Jamaica), Sol Campbell (Jamaica), Emile Heskey (Antígua e Barbuda), Ashley Cole (Barbados), Darius Vassel (Jamaica), Jermain Defoe (República Dominicana), Shaun Wright-Phillips (Trinidad e Tobago).

O sociólogo americano Edwin Wilmsen levanta uma dicotomia muito pertinente no tocante a realidade exposta neste cenário, onde etnicidade constituir-se-á em um campo específico desassociado de uma perspectiva identitária (que pode ser nacional):

“A identificação étnica nunca pode ser explicativa; é necessariamente um fenômeno constituído (cf. Comoroff que diz algo semelhante, mas não exatamente a mesma coisa). Ou seja, etnia e identidade referem-se a processos diametralmente opostos de localização de indivíduos dentro de uma formação social, a condições objetivas de desigualdade em uma arena de poder social, a outra a classificação subjetiva em um estágio de prática social.

¹³² Dados disponíveis no arquivo digital do World Football em: <http://www.worldfootball.net/transfers>

¹³³ Dados disponíveis no arquivo digital do World Football em: <http://www.worldfootball.net/transfers>

¹³⁴ Estas são consideradas as únicas presenças de atletas negros na seleção alemã até 2014, contudo, ao tomarmos em conta o esquadrão nacional da Alemanha Oriental na década de 1970, outros dois jogadores podem ser tidos como os primeiros jogadores não-brancos a jogarem pelo país: Jimmy Hartwig e Erwin Kostedde. O primeiro descendente de senegaleses, o segundo de afro americanos. FONTE

Como Comaroff coloca, ‘a etnicidade assume uma realidade existencial e experiencial convincente quando as características socioculturais são reificadas em uma premissa justificativa para a desigualdade’. Assim, consciência étnica e classe (parafraseando Silverman, 1976: 633) ‘representam dois sistemas entrelaçados de estratificação’.¹³⁵

Em um segundo segmento, traçamos uma melhor dicotomia entre os caminhos de Welbeck e Balotelli sob o olhar da imprensa inglesa. A partir do primeiro, é possível notarmos como a transposição de um discurso meritocrático, clássico do capitalismo liberal na transição do século XX ao XXI, de um contexto “clubístico” para um de representação nacional redireciona o nosso entendimento para as demonstrações de controle colonial nas relações modernas entre Estados.

Jogadores negros em ligas profissionais de futebol do Reino Unido passaram por períodos significativos de exclusões e perseguições racistas, como já fora explorado neste trabalho. Um dos grandes debates da mídia esportiva inglesa na década de 2010 era a de que isto era inconsistente e condicional à etnia e qual equipe ou nação estes representam. Mas o contraponto deste primeiro argumento, e o que ganhou força nestes centros de debate, era a visão popular de que o racismo é muito menos problemático do que costumava ser e que a meritocracia do futebol ajuda a encontrar e promover os melhores jogadores, desde a base até o palco global.

A meritocracia como justificativa moral da multicontinentalização do futebol europeu passou a obter um suporte muito significativo na mídia especializada quando esta entendeu que o processo de inclusão de atletas negros em suas principais ligas era irreversível. Contudo, o decurso anunciado na década de 1990 não caberia mais discursivamente no espectro micro identitário que englobava as agremiações esportivas. Ao passo em que cada vez mais africanos, latino americanos e asiáticos começavam a fazer parte das seleções nacionais europeias, a meritocracia no discurso imperial teve a sua abrangência e status redimensionados.

O *Boom* das duplas cidadanias (múltiplas, em alguns casos) na década de 2000 gerou uma dúvida nova no processo formativo de jogadores de futebol: “Qual seleção nacional defenderei?”. A dubiedade debruçava-se no caráter imutável da escolha, algo que não ocorria entre os clubes. Um jogador poderia jogar por diversas equipes durante a sua carreira, mas jamais, pelo menos no que se compreendia no futebol moderno, por

¹³⁵ WILMSEN, Edwin. *The Politics of Difference: Ethnic Premises in a World of Power*. Chicago: The University of Chicago press, 1996. Pg. 6 (Tradução minha)

mais de uma seleção.¹³⁶ Ou seja, o caráter da escolha determinava um certo caminho a ser percorrido por este atleta.

Welbeck viria a se tornar um dos símbolos desta meritocracia esportiva na Inglaterra. Por poderes de investimento discrepantemente menores do que os países europeus, as nações africanas possuíam ligas muito menos competitivas comparadas ao nível que era apresentado na Europa, o que culminava em uma dificuldade maior em revelar e desenvolver bons jogadores, logo, a tarefa de montar-se uma seleção nacional sempre ficava comprometida. Por conta disto, ser convocado para uma seleção africana não era tão laborioso quanto ser convocado para uma seleção europeia, onde, em teoria, a competição seria muito maior. A escolha de Welbeck em negar a nacionalidade ganesa, o que aumentaria muito as suas chances de disputar uma Copa do Mundo, por exemplo, era a amostra de que talento não era mais adquirido com capital, mas também pelas paixões identitárias.

Isto fica evidenciado em um artigo no jornal *Mirror* sobre o atleta, escrito por Darren Lewis, que traz o título “O herói da Inglaterra, Danny Welbeck, poderia ter jogado pelo GANA, mas resistiu à sua busca incansável”¹³⁷ (tradução minha). Como dá-se a entender no título, o texto faz a exaltação à “escolha mais difícil” feita pelo atleta, mesmo após um convite oficial feito por Kewsi Appiah, então técnico da seleção ganesa, em 2011. O mote fica bem claro (até mesmo pela escolha das palavras utilizadas no decorrer da matéria): Jogar pela Inglaterra era um sonho e Welbeck tinha talento o suficiente para não precisar ter de fazê-lo por Gana. A ideia de que renegar a nação africana era a demonstração de persistência aclamada e valorizada no futebol era propalada em diversos jornais, normalmente no intuito de reforçar o patriotismo britânico, como no *Telegraph*, em artigo publicado pouco antes da disputa da *Euro 2012*, dizendo que “filho de dois

¹³⁶ Há casos em que esta regra sofreu exceções, mas sempre foi contra-indicado pela FIFA e é necessário uma motivação política considerada extrema para que a permissão de permuta entre seleções fosse concedida. Um dos mais conhecidos sucedidos na história do futebol se deu com Ferenc Puskas, atleta húngaro, que, em 1956, enquanto sua equipe, *Honvéd*, fazia uma excursão na Espanha, aproveitou os acontecimentos da Revolução Húngara, movimento com ampla adesão popular em que a Hungria tentou livrar-se da excessiva influência soviética, para pedir asilo político para o governo espanhol, não retornando, assim, para o seu país. O atleta, que havia disputado a Copa do Mundo de 1954 pela seleção húngara, conseguiu permissão da FIFA para defender a seleção da Espanha, por quem jogou a Copa do Mundo de 1962, no Chile.

¹³⁷ LEWIS, England hero Danny Welbeck could have been playing for GHANA but resisted their relentless pursuit. *Mirror, Londres*, 09 Set. 2014.

assistentes sociais de Gana, Welbeck era elegível para a terra de seus pais, mas seu coração sempre esteve com a Inglaterra.”¹³⁸

Fato é que a nacionalidade de Welbeck nunca figura na imprensa britânica como uma problemática típica da geopolítica do futebol, como a típica estigmatização de características técnicas que sobressaem-se em seu lugar de origem. As poucas vezes que isto é mencionado, dá-se no fito de enaltecer o discurso de que com boa conduta e trabalho duro, qualquer jogador, mesmo um africano, poderia chegar à seleção inglesa. Em 2014, é possível vislumbrar que o caminho do herói (e do anti-herói também) dentro do futebol não está mais associado apenas com a sua força de trabalho, mas também está sujeito à uma conversão identitária que pode definir como a sua imagem de devoção ao esporte será designada.

Tomemos o exemplo dos meio-irmãos Boateng. Jerome e Kevin-Prince compartilharam o mesmo pai, Kevin Boateng, ganês que morava na Alemanha e havia se envolvido com duas mulheres do país europeu, mães dos jogadores. Por admiração e influência de um tio paterno que havia servido a seleção ganesa, ingressaram no futebol em pequenos clubes locais e, depois, em 1994, seguiram juntos para o *Hertha Berlim*, tradicional e rica agremiação do futebol alemão, até se profissionalizarem em 2004.¹³⁹

Considerados potenciais jogadores candidatos ao mais alto escalão do futebol mundial, logo chamariam atenção de grandes equipes do continente. Em 2007, Kevin-Prince aceitaria uma proposta para ingressar na *Premier League*, no *Tottenham Hotspurs*, enquanto Jerome decidia seguir no país germânico, mas com um contrato generoso, para os padrões europeus, no *Hamburgo*. Como jovens promissores na Alemanha, freqüentaram juntos as camadas jovens da seleção teutônica chegando no ano de 2010 com grandes chances de serem convocados para a defender os germânicos na Copa do Mundo que se realizaria na África do Sul.

Mas é exatamente a partir deste momento que há uma ruptura significativa para o olhar da mídia esportiva britânica que redireciona um discurso importante na concepção de rivalidade no esporte. Mesmo sendo um nome quase certo na lista de selecionados para o time alemão que disputaria a Copa do Mundo, o que, pelo menos no campo teórico, potencializava as oportunidades de triunfo em um torneio tão desigual, Kevin-Prince

¹³⁸ WINTER, Henry. Euro 2012: England striker Danny Welbeck reveals he is living out his childhood dream. *Telegraph, Londres*, 13 Jun, 2012.

¹³⁹ HUMPHREYS, Jason. George, Kevin-Prince and Jérôme Boateng: football's intriguing Brothers. *The Guardian, Londres*, 22 Abr, 2015.

optaria por abdicar da nacionalidade germânica e se tornar um cidadão ganês, entrando assim para o esquadão africano que disputaria o torneio internacional daquele ano.

Neste sentido, a perspectiva da representatividade, tradicionalmente posta em uma partida de futebol, seria exaltada no parâmetro “nacionalismo” pelo fato das seleções de Gana e Alemanha terem sido sorteadas ao mesmo grupo e, logo, terem de se enfrentar nesta edição da Copa do Mundo.

O cientista político Simon Akindes, debruça-se sobre o evento e diz:

“Curiosamente, os irmãos Kevin-Prince Boateng e Jérôme Boateng, nascidos na Alemanha com uma mãe alemã e um pai ganês, jogaram um contra o outro no Soccer City, o primeiro para Gana, o último para a Alemanha. A experiência dos irmãos Boateng no jogo Gana-Alemanha revelou tanto a importância como a futilidade do nacionalismo. A conurção de dois irmãos negros jogando um contra o outro no Soccer City minou entendimentos rígidos e conceituações e identidade.”¹⁴⁰

A exposição de Akindes é corroborada, sobretudo, pela cobertura da mídia escrita britânica e, de modo geral, europeia, acerca deste mesmo jogo e como cada atleta passou a ser retratado nos mais diversos aspectos desde que Kevin-Prince passou a atuar pela seleção africana. O periódico alemão *Spiegel*, à exemplo, lançara o artigo “O Duelo da Copa do Mundo dos irmãos Boateng”¹⁴¹ (tradução minha), ressaltando as características pessoais e técnicas de cada um, fosse da “disciplina européia” de Jerome ou da “irreverência e rebeldia tipicamente africanas” de Kevin, idiosincrasias costumeiramente atribuídas pela imprensa esportiva na década anterior a fim de estigmatizar os modos de jogo. Em um trecho da matéria vemos:

“Matthias Sammer, o diretor de esportes da Associação Alemã de Futebol, coloca desta forma: ‘A falta de disciplina e egoísmo pode ser percebida em Kevin-Prince. Quando se trata de sua constituição atlética e mental, Jerome é o jogador mais forte’. Em outras palavras, um irmão é um bom candidato para a Alemanha, enquanto o outro não é.”¹⁴²

Mesmo tendo sido convocado para todas as camadas jovens da seleção alemã, a opção pela nacionalidade ganesa de Kevin fizera com que os elementos

¹⁴⁰ ALEGI, Peter; BOLSMANN, Chris. *Africa's World Cup: Critical Reflections on Play, Patriotism, Spectatorship, and Space*. Michigan: The University of Michigan press, 2013. Pg. 124 (Tradução minha)

¹⁴¹ GROSSEKATHÖFER, Maik. The Boateng Brothers' World Cup Duel. *Spiegel*, 16 Abr, 2010.

¹⁴² *Ibidem* (Tradução minha)

tradicionalmente increpados aos jogadores africanos eclodissem no atleta, inviabilizando-o como um bom exemplo de esportista que uma seleção europeia buscava. O mesmo processo de construção discursiva da personalidade pode ser visto, no mesmo artigo, com Jerome, que havia decidido continuar na seleção alemã, portando sendo adjetivado como “racional”, “disciplinado e “equilibrado”, como pode ser visto no seguinte trecho:

“Parece que uma das razões que Kevin-Prince Boateng decidiu jogar pela seleção de Gana foi porque ele ainda tem contas para acertar com a Alemanha, mesmo que ele negue. Jerome Boateng está jogando pela Alemanha, porque parece lógico para ele. No seu caso, a razão é o fator motivador.”¹⁴³

O cenário exposto no “duelo” entre as duas seleções personificado nos dois irmãos propicia-nos notar, ao investigarmos a pluralidade das fontes da imprensa mundial que cobriu o evento, que jornais ganeses, congolese, camaroneses, nigerianos e sul-africanos arremedavam os estigmas impostos na mídia europeia por meio do espectro do nacionalismo. Um dos exemplos é encontrado no portal *Mail Guardian* da África do Sul, onde, em um artigo antes da partida entre Alemanha e Gana, Jerome e o técnico alemão são retratados como personagens racionais e centrados, enquanto Kevin é visto como alguém que agia em prol das emoções. O próprio título da matéria é elucidativo no sentido de mostrar-nos este processo de compra discursiva: “O ‘garoto do gueto’ Boateng pronto para a reação alemã.”¹⁴⁴

A exploração da imagem passional, sempre buscando a conexão com a ideia de periferia, fruto do processo de africanização de Kevin-Prince Boateng fora desenvolvida em outros campos discursivos do universo material do futebol. A violência, por exemplo, foi um destes campos dissecados neste processos de atribuir características ao ganês Boateng. Algo explícito quando, poucos meses antes da Copa do Mundo de 2010, em partida entre *Portsmouth* e *Chelsea*, pela *Premier League*, o atleta africano em uma determinada jogada lesiona o então astro maior da seleção alemã Michael Ballack e passa a ser acusado de ser um jogador sem técnica que abusa do jogo físico para tentar vantagens. Na ocasião, os veículos de comunicação esportiva alegaram que seu irmão,

¹⁴³ Ibidem (Tradução minha)

¹⁴⁴ GAUDICHET, Nicolas. 'Ghetto kid' Boateng set for German backlash. *Mail Guardian*, Johannesburgo, 23 Jun, 2010.

Jerome, por conta deste incidente, optou por, momentaneamente, cortar relações com o ganês.¹⁴⁵

Mas, provavelmente, as formas de racismo e suas conseqüências constituíram os episódios que melhor explicitaram a relação do atleta europeu-africano e do afro europeu com os modelos de constructo imagético propostos pela imprensa esportiva britânica.

Após as passagens dos irmãos Boateng pela liga inglesa (Kevin-Prince no *Tottenham Hotspurs* e *Portsmouth* de 2007 à 2010 e Jerome no *Manchester City* de 2010 à 2011), estes migraram mais uma vez para outros clubes dentro do continente. O primeiro iria para a Itália, no *AC Milan*, e o segundo, já identificado nacional e esportivamente com a Alemanha, voltaria ao país para atuar na agremiação mais tradicional e, até então, maior campeã da *Bundesliga*, principal liga nacional alemã, o *Bayern Munich*.¹⁴⁶

Na Itália, um amistoso entre o *AC Milan* e outro clube de uma divisão inferior, *Pro Patria*, teve de ser suspenso depois que cantos racistas começaram a ser entoados no meio da torcida. Deste modo, Kevin-Prince decidira sair do campo de jogo em protesto às ofensas que estavam sendo ali proferidas¹⁴⁷, promovendo a ida de outros atletas para o vestiário em sua solidariedade.

Enquanto isto, na Alemanha, Alexander Gauland, um dos mais conhecidos líderes do partido de ultradireita *Alternative fur Deutschland (AfD)*, disse, segundo o periódico *Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung* que "não gostaria de ter Boateng como vizinho", em um contexto que fazia alusão à sua etnia.¹⁴⁸

A dissonância da repercussão destes dois eventos na imprensa britânica atentamos para a apropriação do sentimento nacionalista em detrimento a raça no espectro geopolítico do futebol. No caso de Jerome, empresas de comunicação como a *FOX* e a *BBC* repercutiram o ato de xenofobia como absurda, uma vez que o jogador é nascido no país e que sua cor não deveria desclassificá-lo enquanto cidadão alemão, ressaltando a reação do atleta que disse ter "orgulho de ser alemão".¹⁴⁹

¹⁴⁵ PRESS ASSOCIATION. Kevin-Prince Boateng sorry for 'stupid' challenge on Michael Ballack. *The Guardian, Londres*, 18 Mai, 2010.

¹⁴⁶ Dados disponíveis no arquivo digital do World Football em: <http://www.worldfootball.net/transfers>

¹⁴⁷ AUTOR DESCONHECIDO. AC Milan friendly called off after racist chanting. *BBC, Londres*, 03 Jan, 2013.

¹⁴⁸ WEHNER, Markus; LOHSE, Eckart. Gauland beleidigt Boateng. *Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung*, 29 Mai, 2014.

¹⁴⁹ AUTOR DESCONHECIDO. Boateng: German right-winger's neighbour comment 'sad'. *BBC, Londres*, 31 Mai, 2014.

No caso de Kevin-Prince, os periódicos ingleses, que anteriormente esgotaram o caráter racista da torcida italiana no caso de Balotelli, se utilizou da figura de outros atletas negros, mas naturalizados europeus, para desqualificar a atitude de Boateng ao sair de campo. Deste modo, o Independent e a BBC apresentaram deram enfoque à opinião de Clarence Seedorf, jogador tido como uma lenda no AC Milan e, como dito anteriormente, fora nascinado no Suriname mas havia se naturalizado holandês, dizendo:

"Indo embora? Sim, você envia um sinal. Mas isso aconteceu mais de uma vez e eu não acho que isso realmente mude muito. Estamos apenas capacitando esse pequeno grupo com o comportamento deles para fazer essa bagunça."¹⁵⁰

Já no fim da primeira década do século XXI, era possível constatar que mercadologicamente, o futebol inglês (e europeu) havia enquadrado a posição da mão de obra ganesa (e africana) e que esta agora seria determinada pela condição nacional ligada ao mérito destes trabalhadores. Suas personalidades como constructo social por meio do discurso da imprensa esportiva passariam a usufruir de novos códigos ligados a representação nacional, seja ela por nascimento ou naturalidade.

O nacionalismo expresso como liberdade ou independência estava primariamente preocupado com o anticolonialismo, ou a luta contra a dominação estrangeira. Este objetivo foi melhor alcançado nas independências dos países africanos. Mas, liberdade ou independência também tinham outro significado mais profundo - a liberdade ou o direito de tomar suas próprias decisões, o direito à autodeterminação, algo que confrontava estes novos códigos em sua essência. E isto foi evidentemente observado na trajetória de Mario Balotelli.

O jogador ítalo-ganês que, após inúmeras polêmicas na liga italiana envolvendo racismo e até atitudes suas, transferiu-se para a Inglaterra a fim de se juntar ao bilionário *Manchester City*, em 2010, daria início ao “natural processo” de europeização de sua imagem, algo nítido em sua entrevista de apresentação em que buscava desconstruir a sua fama de encenqueiro repetindo com britânico sorrisos “I’m not a bad boy”.¹⁵¹ Contudo, na mesma data em que o jornal cobria a chegada do atacante ao clube inglês e sua “possível recuperação moral”, uma outra coluna era publica, de autoria do correspondente

¹⁵⁰ AUTOR DESCONHECIDO. Boateng walk-off alone will not end racism – Seedorf. BBC, *Londres*, 04 Jan, 2013. (Tradução minha)

¹⁵¹ TAYLOR, Daniel. I'm no bad boy, says Manchester City's new signing Mario Balotelli. *The Guardian*, *Londres*, 17 Ago, 2010.

italiano Paolo Bandini, fazendo um retrospecto de todas as confusões de 2010 que o atleta estava envolvido e questionando se o mesmo faria bem à *Premier League*.¹⁵²

No mesmo ano em que o *The Guardian* buscava trazer um Balotelli restaurado e adaptado a civilidade europeia, quase que como uma receita, apresentava o modelo do bom prospecto para que Mario e outros africanos pudessem seguir. No texto “Immigration: the rare success story of Mesut Ozil” (Imigração: a rara história de sucesso de Mesut Ozil”, Kate Collony mostra como o atleta turco, citado no título, rumou à direção oposta da generalidade de seus compatriotas que, assim como ele, se estabeleceram na Alemanha. Ozil que, apesar de ter nascido na Turquia, debutava pela seleção alemã em 2010, era centrado em uma problemática, apresentada por um professor universitário chamado Betul Dumaz, que alegava que os migrantes turcos eram a demonstração máxima do fracasso no “programa de multiculturalidade” do governo alemão que, entre outras coisas, promovia auxílios para que os novos migrantes pudessem se estabelecer com mais dignidade no país. Isto se devia, segundo o autor, pela falta de engajamento por parte destes estrangeiros em assimilarem-se à sociedade alemã por meio de suas tradições, costumes, religião e idioma. Neste sentido, o professor diz, parafraseado pela autora do artigo:

Os resultados, diz ele, podem ser vistos no parquinho infantil, onde ele aponta os grupos de crianças - turcos em um canto, libaneses em outro, um grupo menor de crianças alemãs amontoadas, todas falando em suas próprias línguas. Sua separação enfatiza o senso de divisão. "De fato, as crianças alemãs são tão minoria que muitas vezes são insultadas pelo resto delas", disse Durmaz, acrescentando que os termos populares de abuso são "cristãos" ou "picaretas de carne de porco", enquanto as crianças alemãs normalmente respondem com a frase "filho da prostituta".¹⁵³

Na concepção de Durmaz, Ozil tornara-se um raro caso de imigrante desejado por ter absorvido todos estes aspectos da vida alemã, da religião à alimentação e, no caso do esporte, a disciplina requerida para triunfar nas grandes ligas europeias. É possível vermos a mesma estratégia discursiva para com Balotelli no que tange ao seu

¹⁵² BANDINI, Paolo. Mario Balotelli has a reputation to live down at Manchester City. *The Guardian, Londres*, 17 Ago, 2010.

¹⁵³ CONNOLLY, Kate. Immigration: the rare success story of Mesut Ozil. *The Guardian, Londres*, 15 Nov, 2010. (Tradução minha)

distanciamento de uma identidade não-europeia, como aponta John Foot, também jornalista do *The Guardian*:

“Mas Balotelli sempre foi italiano. Ele fala a língua com um amplo sotaque bresciano, frequentou escolas locais italianas e aprendeu seu futebol lá. Sua "negritude" é, portanto, a questão, algo que o marcou em um país que passou por imigração estrangeira em massa desde meados da década de 1980. Mas Super Mario não é alguém que se esconda da publicidade. Ele não é humilde, mas extremamente seguro de si mesmo. Ele não se curva, mas parece gostar da notoriedade que recebeu de fãs e jogadores. Ele é negro e extremamente bom no futebol, e ele é um vencedor.”¹⁵⁴

Contudo, as oscilações na performance profissional assim como na vida pessoal do atleta era a régua que determinava a sua nacionalidade e etnia. Quando Balotelli jogava bem pelo Manchester City e pela seleção italiana era celebrado como um jogador de classe, um típico europeu, mas quando isto não acontecia, a torcida entoava cantos insultando-o e rememorando as suas polêmicas, que inclui ter atirado dardos nos jogadores da academia jovem do clube e ter incendiado a própria casa com fogos de artifício, atitudes imaturas e passionais, não pertencentes a uma genética tipicamente europeia.¹⁵⁵

E fora na Copa do Mundo de 2014, à serviço da seleção italiana, que a questão da nacionalidade de Balotelli ganharia um contorno diretamente ligado à um pressuposto identitário. Após a derrota para o Uruguai no Estádio das Dunas, no Rio Grande do Norte, que culminou em uma desclassificação precoce da Itália, a suposta atuação questionável do atleta rendeu uma série de ofensas nas redes sociais, onde basicamente a sua nacionalidade italiana era questionada. Como resposta, Balotelli publica: "Eu sou Mario Balotelli. Tenho 23 anos e não escolhi ser italiano. Eu o quis fortemente [ser italiano] porque nasci na Itália e sempre morei na Itália.”¹⁵⁶

Completo:

“Talvez, como alguns de vocês dizem, eu não seja realmente italiano. Os africanos não teriam culpado um de seus

¹⁵⁴ FOOT, John. Mario Balotelli as a black Italian hero: long may it last. *The Guardian, Londres*, 19 Jun, 2012. (Tradução minha)

¹⁵⁵ HATTENSTONE, Simon. Mario Balotelli's quirky lifestyle honoured with a chant of its own. *The Guardian, Londres*, 24 Out, 2011.

¹⁵⁶ ASSOCIATED PRESS. Mario Balotelli hits back at critics following Italy's World Cup exit. *The Guardian, Londres*, 25 Jun, 2014. (Tradução minha)

irmãos. Nunca. Nós negros, como você nos chama, estamos anos-luz à sua frente.

A desgraça não é aquela que perde um objetivo ou corre menos ou mais. Vergonhosas são essas coisas [críticas injustas]."¹⁵⁷

A Trajetória de Mario Balotelli até a Copa do Mundo de 2014 expõe-nos os meandros de um projeto que barganha identidades por intermédio da nacionalidade que serão inerentes ao processo de formação do herói e do anti-herói, personagens representativos no âmbito do futebol. Este segundo já não dar-se-á como fora com Nii Lamptey e a construção do arquétipo africano conectado à um caráter inocente, brutal e impensante. As dicotomias propostas entre Danny Welbeck e Mario Balotelli, assim como os irmãos Boateng, indicam-nos que este caminho é ressignificado para que o atleta ganês não só componha o cenário de enaltecimento do patriotismo inglês ou europeu como o antagonista, mas sim que este, quando conveniente, faça parte do mesmo, tomando para si a roupa da cultura dominante.

¹⁵⁷ AUTOR DESCONHECIDO. World Cup 2014: Mario Balotelli responds after Italy exit criticism. BBC, *Londres*, 25 Jun, 2014. (Tradução minha)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CELEBRANDO UMA FESTA QUE NÃO É NOSSA E A TUTELA DO FUTEBOL EUROPEU NA ERRADICAÇÃO DO AFRICANISMO.

“Por que a África deixou a Europa levar milhões de almas da África do continente para os quatro cantos do vento? Como poderia a Europa governar um continente dez vezes maior? Por que a África necessitada continua a permitir que sua riqueza atenda às necessidades daqueles que estão fora de suas fronteiras e, em seguida, siga atrás com as mãos estendidas para um empréstimo da própria riqueza que ela libera? Como chegamos a isso, que o melhor líder é aquele que sabe pedir uma parte do que ele já doou ao preço de uma ferramenta quebrada? Onde está o futuro da África?”

Ngũgĩ wa Thiong'o, em seu livro “Wizard of the Crow”, em 2006.

A Copa do Mundo de 2010 tivera dois motivos para que os sentimentos ligados ao conceito de africanidade fossem explorados ao máximo. O primeiro era óbvio. Tratava-se da primeira edição de um mundial de seleções realizada em um país do continente africano. O torneio que desde sua criação, em 1930, tinha a sua sede revezada entre Europa e América, com exceção de 2002 que fora estabelecido na Ásia, chegava à África do Sul, fazendo com que a mídia maciçamente voltasse os olhos, a atenção e os seus investimentos para o país. Este acontecimento corroboraria para que o sentimento de não pertencimento dos africanos para com a tradicional competição fosse alquebrado e que o histórico de isolamento e desmerecimento da FIFA para com o futebol africano fosse, no mínimo, olvidado.¹⁵⁸

Todo o rito da festa fora pensado e planejado para a exaltação deste envolvimento entre a Copa do Mundo e todo elemento, subjetivo ou não, que poderia ser entendido como pertencente à um discurso do universo cultural ou político da África. A

¹⁵⁸ O continente africano foi historicamente marginalizado nas edições da Copa do Mundo, mesmo sendo um dos continentes com maior número de associados a FIFA. Seu primeiro representante foi o Egito e isto se deu na segunda celebração do mundial, em 1934, na Itália. Após isto, a África só teve uma seleção na competição em 1970, tendo, a partir de então, uma equipe presente até 1994, quando esta quantidade foi dobrada. Somente em 2002 o número de equipes africanas participantes no torneio chegou a 5, equiparando-se com a América do Sul.

própria canção-tema desta edição do torneio foi parametrizada sob tal perspectiva. A FIFA contratara a cantora colombiana Shakira para compor e interpretar, juntamente com a banda sul-africana *Freshlyground*, a música oficial da competição que receberia o nome “*Waka Waka (This time for Africa)*”. A letra, no idioma Fang, comum na região central da África, em países como Camarões, Gabão, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe e a República do Congo, fora feita baseada na canção *Zamina mina (Zangalewa)*, criada em 1986, por uma banda camaronesa chamada *Golden Sounds*, e fazia menção aos *Tirailleurs*, grupo de soldados africanos na Segunda Guerra Mundial.¹⁵⁹

A festa de abertura, um show que adquiriu ares épicos e Hollywoodianos nas versões mais modernas da copa, também foi uma ode ao sentimento de africanidade. Desde a música com o grupo sul-africano *Soweto Spiritual Singers*, o nigeriano Femi Kuti e o argelino Khaled até o discurso do arcebispo da Igreja Anglicana, Desmond Tutu, consagrado com o Prêmio Nobel da Paz, em 1984, por sua luta contra o *Apartheid* e histórico companheiro político de Nelson Mandela. Em sua entusiasmada fala, que em momentos era interrompida pois o palestrante dançava, o religioso agradeceu à todos por virem às “sagradas terras africanas” e gritou com juncundidade e euforia “Viva Mandiba”, fazendo alusão ao ex-presidente sul-africano.¹⁶⁰

O segundo motivo fora a empolgante campanha da seleção ganesa no torneio. O time africano foi o único do continente a sobreviver a primeira fase; Costa do Marfim, Nigéria, Argélia e a anfitriã África do Sul se despediram mais cedo da competição e frustraram as expectativas de uma Copa do Mundo na África dominada pelos africanos.

Após vencer os Estados Unidos nas oitavas de finais, Gana ascender até o próximo estágio como apenas a terceira equipe africana a chegar tão longe no torneio. Somente Senegal, em 2002, e Camarões, em 1990, alcançaram este patamar onde foram ambos derrotados. A partida frente ao Uruguai teve um contexto dramático; nos noventa minutos regulares da partida, permaneceu-se um empate e, no tempo complementar, no último minuto, um jogador uruguaio, ao tentar impedir um gol ganês, interceptou a bola com a mão rendendo uma cobrança de pênalti aos ganeses. Contudo, Asamoah Gyan,

¹⁵⁹ HALBERT, Debora. *The State of Copyright: The complex relationships of cultural creation in a globalized world*. Londres: Routledge, 2014. P. 118. Ver também: MAILARD, Edgard. a theoretical model for a fang-french-english specialized multi-volume school dictionary. Tese (Doutorado em Literatura) – University of Stellenbosch. Stellenbosch, p. 333. 2007.

¹⁶⁰ O discurso de Desmond Tutu pode ser acessado em vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=ggCeazQ5Z4c>

considerado principal jogador da equipe e promissor atleta no *Sunderland*, da Inglaterra, desperdiçou a oportunidade e Gana fora eliminada em seguida pelos uruguaiois.

Em artigo, o historiador Craig Waite afirma que a cobrança de pênalti de Gyan foi um momento incorporado em um processo histórico de um século de adoção e adaptação de um jogo europeu pela África. Uma vitória ganense detinha o potencial de constituir e representar a igualdade e conquistas africanas em um cenário global. O êxtase invasivo da vitória foi substituído por um sentimento repugnante de que uma derrota se aproximava cruelmente e que para ganenses e africanos que abraçaram o s Estrelas Negras como porta-bandeiras do continente, a reafirmação da certeza de que colonizados não alcançariam o mesmo patamar dos colonizadores.¹⁶¹

Ao buscar uma comparação deste momento da seleção ganesa com os dos “Black Stars” de Kwame Nkrumah na década de 1960 e no período anterior à este, Waite aponta para outro importante processo:

“Então, como as Estrelas Negras da primeira década da independência se comparam à equipe da Copa do Mundo de 2010? Uma diferença óbvia é que vinte e um dos vinte e três jogadores da equipe da Copa do Mundo de 2010 estavam no exterior. Nos anos de 1960, todos os membros das Estrelas Negras estavam trabalhando em Gana. No entanto, uma semelhança importante [com a seleção ganesa pré-Nkrumah] é a raça e a nacionalidade do treinador principal. Durante a Copa do Mundo na África do Sul, não foi difícil escolher o técnico sérvio Milovan Rajeyac, para comandar a equipe, um solitário europeu branco de meia-idade cercado por uma dúzia de jovens jogadores negros no banco. Mas a questão mais interessante não é a do por quê o técnico de Gana em 2010 ainda é um homem branco, como na década de 1950. O mais fascinante é entender como as questões de administração esportiva de Gana hoje, que envolvem a escolha do técnico, debruçam-se sobre ideologias da década de 1950.”¹⁶²

A questão centralizada Waite retoma os moldes em que fora estruturada a administração do futebol ganês na transição do período colonial para o Estado que passaria a ter Nkrumah como líder político. A independência da Grã-Bretanha encorajou um pensamento mais autônomo em termos de estilos e táticas de futebol. Para que Gana pudesse se tornar mais competitiva, Emmanuel E. K. Epton, que trabalhava no escritório do Alto Comissariado de Gana, em Londres, foi encarregado em 1957 de selecionar um

¹⁶¹ ALEGI, Peter; BOLSMANN, Chris. *Africa's World Cup: Critical Reflections on Play, Patriotism, Spectatorship, and Space*. Michigan: The University of Michigan press, 2013. Pgs 99 e 100

¹⁶² Ibidem Pg 104. (Tradução minha)

técnico permanente para a nova seleção nacional do país. Após alguns meses de trabalho e pesquisa, George Ainsley tornou-se o primeiro treinador europeu de Gana. Ainsley, ex-jogador do Sunderland, Bolton e Leeds, membro efetivo da Associação de Futebol da Inglaterra, um tradicional *manager* inglês de terno e gravata, gerou grande entusiasmo e interesse científico entre os clubes e jogadores do país africano. Pregava uma filosofia de controle de bola e passes curtos que contrariavam as jogadas de bola longa e a opção de um jogo mais físico, clichês de qualquer equipe africana de futebol, logo, táticas costumeiramente empregadas pela maioria dos jogadores ganenses. Em dez meses, ele incremenou o interesse nacional em novos métodos científicos de *coaching*.¹⁶³

O investimento no cientificismo técnico do futebol fora o estágio preliminar antes que a federação ganesa partisse para a prática na filosofia proeminente de Nkrumah de que africanos são tão capazes quanto os europeus em todos os aspectos constitucionais do ser. Em um curto período, acreditava-se ser possível que os ganeses aprendessem as técnicas mais refinadas do esporte com os técnicos mais renomados do continente europeu. Após a saída de George Ainsley e seus métodos britânicos, investiu-se no experiente sueco Andreas Sojberg e, logo em seguida, o famoso treinador húngaro József Ember, que havia sido formador de uma geração vitoriosa do *Újpest* e professor de muitos outros treinadores na Europa.¹⁶⁴

Em 1963, ao aceitar a proposta de um novo projeto no futebol nigeriano, Ember se tornaria o último treinador branco e europeu deste processo de “aprendizagem” no futebol ganês. Charles Kumi Gyamfi, que havia sido atleta treinado pelos três europeus que passaram pelo comando da seleção ganesa e que havia feito cursos na Alemanha Oriental custeado pelo governo de Nkrumah, seria o primeiro técnico ganês a estar a frente da seleção do seu país em um período conhecido como “A era dourada do futebol ganês”, uma década em que a participação em Copas do Mundo ainda parecia como um sonho distante para as seleções do continente africano, fazendo com que a Copa das Nações Africanas fosse a simulação do maior evento mundial deste esporte. Competição que, como já exposto, fora dominada pelos comandados de Gyamfi na década 1960.

Ao voltarmos o olhar para o nosso recorte dentro do século XXI, notamos um processo similar, porém com dois diferenciais cruciais para entendermos como os

¹⁶³ Acerca do assunto, ver WILSON, Jonathan. *Inverting the pyramid: the history of football tactics*. Londres: Orion, 2009.

¹⁶⁴ YEBOAH, Thomas. A historical overview of coaches who have managed the Ghanaian national football team. *Pulse*, 14 Abr, 2014 e ANAMAN, Fifi. An African sports tale of romance, betrayal and tragedy. *Pulse*, 02 Dez, 2014.

elementos do neocolonialismo apropriaram-se da seleção nacional ganesa. O primeiro fora a considerável perda de importância da Copa das Nações Africanas, que continuava sendo o principal torneio do continente, mas imensamente desprestigiado em comparação a outras competições continentais de seleções, como a Copa América ou a Eurocopa. A cada dois anos, quando a CNA era disputada, as equipes da *Premier League* que cediam os jogadores africanos para jogarem por suas seleções, costumeiramente faziam reclamações públicas por meio de seus presidentes, diretores ou, até mesmo, técnicos sobre o fato de ficarem desfalcadas neste período. A relevância do torneio, ou a sua logística, era sempre questionada quando o mesmo afetava o planejamento de clubes na Liga Inglesa. O exemplo do *Portsmouth*, na edição de 2010 do torneio, fora extremamente explorado na mídia inglesa. O *The Guardian* publicou uma matéria, ainda em 2009, em que tratava da crise pela qual o clube estava passando e como perder seis de seus atletas para a competição africana seria um fato para que o mau momento da tradicional agremiação fosse agravado.¹⁶⁵ A *BBC* vai um pouco além e questiona, baseado no drama do *Portsmouth*, se contratar um número considerável de atletas africanos seria uma atitude sábia para um clube da *Premier League*.¹⁶⁶

No momento em que a CNA deixa de gozar do mesmo prestígio das décadas de 1950 e 1960, os atletas africanos aderem a Copa do Mundo como a principal vitrine para o seu trabalho e “exercício de sua africanidade”, o que, em comparação com o torneio continental, é extremamente mais difícil de ter tais objetivos alcançados, uma vez que a quantidade de equipes africanas é desproporcional em relação aos outros continentes e o nível técnico médio da competição é mais facilmente sufocante no tocante a concorrência.

A similaridade entre o processo supracitado no período do governo Nkrumah com o século XXI incorre também na segunda diferença entre eles. Assim como a seleção das décadas de 1950 e 1960, a geração 2000 também teve o comando de técnicos europeus. Após a demissão do ganhês Fred Osum-Duodu do cargo, a seleção ganesa teve em seu comando, em 2002, cinco treinadores brancos europeus passaram pela posição até a Copa do Mundo de 2006, a primeira participação de Gana no torneio: dois sérvios, dois alemães e um português. Até a Copa de 2010, um francês e mais um sérvio e, no percurso até a Copa de 2014, o quarto sérvio até a chegada do ganhês Kwesi Appiah.

¹⁶⁵ JACKSON, Jamie. Portsmouth seek delay to exodus of African players. *The Guardian*, Londres, 10 Dez, 2009.

¹⁶⁶ MAGOWAN, Alistair. Premier League set for African Cup of Nations exodus. *BBC*, Londres, 15 Dez, 2009.

Contudo, enquanto os Estrelas Negras de Nkrumah contavam com os nomes mais qualificados do competitivo futebol europeu, a histórica equipe africana que disputara 3 Copas do Mundo seguidas no século XXI (algo que só acontecera 2 vezes até então; uma com Camarões, entre 1990 e 1998, e outra com a Nigéria, entre 1994 e 2002), teve como técnicos, no período pré-Appiah, uma coleção de profissionais que não obtiveram nenhum resultado expressivo no Velho Continente, nem ao menos um título de menor expressão em divisões inferiores, ao ponto que um destes treinadores, o português Mariano Barreto, teve sua primeira experiência profissional no futebol (uma vez que o mesmo nunca havia nem sido jogador) como técnico de Gana. Para além disto, a própria nacionalidade destes *coaches* revela um pouco sobre este cenário acerca dos critérios de escolha destes profissionais, pois a Sérvia, diferentemente da Inglaterra, por exemplo, não constituía nenhuma escola tradicional de treinadores.

A tradição moderna de estabelecerem treinadores brancos, europeus e de pouca expressividade no âmbito do futebol internacional no comando de seleções africanas (dados estatísticos explorados na introdução deste trabalho) não corrobora com a tese habitualmente propalada na mídia internacional de que a África não produzia técnicos de excelência.

Na Tunísia, à exemplo, Faouzi Benzarti constitui uma carreira com inúmeros clubes e títulos de relevância nacional e continental entre 1979 e 2014 em clubes do próprio país, Omã, Emirados Árabes, Líbia (seleção) e Marrocos. Hassan Shehata, do Egito, entre 1983 e 2014, formou uma clássica escola tática no futebol nacional que rendeu vários prêmios individuais como melhor treinador, como o prêmio de melhor treinador africano pelo IFFHS (*International Federation of Football History & Statistics*)¹⁶⁷, em 2010, além de vários títulos nacionais e, mesmo tendo ótimos resultados com a seleção egípcia, entre 2004 e 2011, o que contabiliza o triunfo em três Copas das Nações Africanas, Shehata nunca foi convidado para trabalhar em outra seleção africana. Rabah Saâdane, argelino, é outro nome que engloba uma tradicional escola de técnicos africanos que iniciaram as carreiras nas décadas de 1970 e 1980 e não obtiveram espaço nas seleções do continente, mesmo ganhando títulos pelo *Raja Casablanca*, em Marrocos, e atingido sucessos em clubes da Arábia Saudita, Tunísia, Emirados Árabes e a própria Argélia.¹⁶⁸

¹⁶⁷ Acervo digital do IFFHS encontrado em: <https://iffhs.de/> último acesso em 12/04/2018.

¹⁶⁸ Informações disponíveis nos arquivos online da FIFA em: <http://www.fifa.com/fifatournaments/archive/> último acesso em 12/04/2018.

Da geração que passa a surgir a partir das décadas de 1990 e 2000, destacam-se vários treinadores africanos, como o sul africano Gordon Igesund e o senegalês Lamine N'Diaye, além dos que apareceram a partir da Copa do Mundo de 2010, como o cabo verdiano Lúcio Antunes e o congolês Florent Ibenge.¹⁶⁹

Stephen Keshi, nigeriano que fora jogador de futebol entre 1978 e 1998, atuando por quase todos estes anos no esporte africano, fora uma exceção no que se trata de atuação de técnicos africanos nas seleções do continente, uma vez que o mesmo percorreu toda a sua trajetória no cargo nas equipes nacionais de Togo, Mali e Nigéria, até falecer aos 54 anos, em 2016, tendo disputado 2 Copas do Mundo.¹⁷⁰ Mas Keshi também desenvolveu um trabalho de militância na mídia esportiva acerca da primordialidade em se oportunizar trabalho para os técnicos africanos em suas próprias seleções. Em 2013, ao dar uma entrevista para a *BBC*, diz:

"Treinadores africanos - quando [as federações] os empregam, [as federações] querem que eles ganhem a Copa do Mundo, a Copa das Nações Africanas e todos os jogos", disse um homem que conduziu a Nigéria às finais deste mês na África do Sul. "Enquanto isso, se você dá a uma pessoa branca o mesmo emprego, você diz à pessoa branca que precisa um ano para se adaptar, para conhecer o país e os jogadores - eles são informados 'não se preocupe, leve o seu tempo'¹⁷¹

Esta não era uma questão nova no meio dos profissionais da área. Outros treinadores africanos traziam à tona o mesmo debate que julgavam ser central para a reflexão acerca do profissionalismo da profissão em seus países de origem, como também fizera o treinador Kinnah Phiri, que ocupou o cargo de técnico na seleção do Malawi.¹⁷²

Ao passar-se a primeira década do século XXI, o desenho deste domínio neocolonial no futebol já se estabelecera em novos traços. Se o mercado e o poder financeiro garantiriam ao futebol europeu a mais talentosa mão de obra africana, as seleções da África também seriam um escape eficiente para o excesso de treinadores ociosos e sem espaço para atuarem nas competitivas ligas alemã, inglesa, holandesa,

¹⁶⁹ Informações disponíveis nos arquivos online da FIFA em: <http://www.fifa.com/fifatournaments/archive/> último acesso em 12/04/2018.

¹⁷⁰ CAVEL, Nick; OKELEJI, Oluwashina. Stephen Keshi will be remembered as an African pioneer. *BBC*, Londres, 08 Jun, 2014. O perfil do treinador nos arquivos da FIFA em <https://www.fifa.com/fifa-tournaments/players-coaches/people=52063/index.html>

¹⁷¹ AUTOR DESCONHECIDO. Keshi raises concerns over white coaches in Africa. *BBC*, Londres, 04 Jun, 2013. (Tradução minha)

¹⁷² AUTOR DESCONHECIDO. Malawi football coach calls for african countries to hire local coaches. *Pulsepoint*, 19 Jun, 2013.

francesa, espanhola, ou ainda para que profissionais sem perspectivas de um dia disputarem uma Copa do Mundo pudessem atingir este objetivo.

Sob tal perspectiva, traçamos um paralelo ao que Gavin Jack e Robert Westwood observaram acerca de uma dupla função econômica das colônias africanas: ao mesmo passo que elas forneciam uma fonte de matéria-prima muito útil para as variedades do capitalismo industrial em desenvolvimento na Europa na época, o mesmo era observado no aspecto de se obter fonte de força de trabalho barata, mais notoriamente organizada por meio do comércio escravo em ascensão. A mesma lógica fora adaptada, como já pontuado nos capítulos anteriores, no traslado de atletas africanos para a Europa em um cenário em que estes representariam uma fonte de mão de obra barata possível para as variedades do capitalismo (financeiro) em constante desenvolvimento no futebol europeu. Contudo, para além disto, o cenário exposto nas relações entre treinadores brancos e seleções africanas influi para um outro aspecto do colonialismo ocidental que é mais centralizado nos liames neocoloniais; que trata-se da imposição tanto por meio da submissão ideológica para além da conquista física e da exploração econômica, tendo como premissa a crença na superioridade suposta do colonizador e a inferioridade cultural e racial do colonizado.¹⁷³

Com base nos autores, é a partir do estabelecimento nestas contraposições binárias que o discurso do progresso (e toda a sua estética) foi composto de modo a sugerir a subalternidade racial; potências colonizadoras tinham a obrigação moral de assumir o controle e ajudar a desenvolver os povos inferiores; o conhecimento das colônias era considerado inferior; apenas o povo colonizador “desenvolvido” e “educado” era capaz de produzir conhecimento válido; aqueles inferiores não deveriam ser autorizados a falar por si, ou, ainda, incrementar técnicas em qualquer campo do conhecimento até que fosse julgado como "desenvolvido". Eram vistos pelas colônias como “os outros”, povos selvagens, inaptos à desenvolverem-se e à produzir a própria segurança, baseavam-se em mão-de-obra e almas perdidas que deveriam receber a salvação divina, provinda pela catequização e diversos processos de domesticação desses nativos.

O reforço do velho mote de que o que faltava para uma seleção africana conquistar um mais alto grau de prestígio internacional eram cabeças europeias pensantes, seja pelo viés da europeização dos atletas ou pela submissão das equipes nacionais à técnicos que não atingiram determinado sucesso no Velho Continente, infunde sobre a reprodução do

¹⁷³ JACK, G.; WESTWOOD, R. *International and Cross-Cultural Management Studies: A Postcolonial Reading*. Palgrave MacMillan, Londres: 2009

discurso colonial de tutela técnica, cultural e intelectual sob a égide do desenvolvimentismo para com os menos favorecidos.

A mídia esportiva britânica busca lugar nesta conjuntura a favor de uma integração fictícia entre “colonizados” e “colonizadores” por meio de uma consciência advinda de culturas dominantes no cenário do esporte. Nesta perspectiva, a Inglaterra, como pátria mãe do segmento, tornar-se-á também o bastião daquilo que se pode pensar por mais tradicional ou “puro” no tocante aos elementos técnicos a até administrativos que englobam o futebol. É neste aspecto que discorrer-se-á o entendimento do não sucesso das seleções africanas em termos de resultados, como podemos ver no artigo “Why do African teams under-perform at the World Cup?” (Por que os times africanos não atuam bem na Copa do Mundo?), escrito pela jornalista Antoinette Muller e publicado no *The Guardian*.¹⁷⁴ No texto, a escritora explora fala de jogadores da África e outros atletas negros, como John Barnes (filho de jamaicanos), que representou a Inglaterra nas Copas de 1986 e 1990, alegando ser necessário um ajuste mental e dizendo que "os africanos devem mostrar o mesmo desejo e disciplina ao jogar pelo seu país quando jogam em clubes europeus". Em outro texto, a mesma proposta pode ser vista nas palavras do escritor sudanês Mohammed Adam. Diz:

“A África está falhando não por falta de talento. O continente produziu alguns jogadores fantásticos que jogam em algumas das melhores ligas e são nomes conhecidos em todo o mundo. Equipes como a Costa do Marfim e Gana estão cheias de estrelas, mas não há espírito de equipe. Eles vacilam quando realmente importa. E eles falham por da má liderança e corrupção das pessoas que comandam o jogo, a ganância e a indisciplina dos jogadores e o curto mandato de muitos treinadores. Uma Copa do Mundo e eles se foram. Eles simplesmente não ficam tempo o suficiente para aperfeiçoar um sistema vencedor.”¹⁷⁵

Não apenas nos atributos técnicos e disciplinares dos jogadores encontra-se a vértice dos problemas das seleções africanas que culminam em seus fracassos. Mas, Muller, assim como Adam, também atenta para as questões ligadas a administração das federações, um histórico óbice na trajetória das equipes do continente, segundo a jornalista. Desta forma, ela também ancora-se no depoimento de jogadores que haviam

¹⁷⁴ MULLER, Antoinette. Why do African teams under-perform at the World Cup? *The Guardian*, Londres, 11 Jul, 2014.

¹⁷⁵ ADAM, Mohammed. Why African countries don't win the World Cup. *Ottawa Citizen*, Ottawa, 24 Jul, 2014. (Tradução minha)

atingido o estrelato na Europa para abarcar o tópico, como o camaronês Samuel Etoo, que diz : “O único problema na África são nossos líderes, que não nos respeitam. Até que sejamos respeitados, outros (continentes) nunca terão qualquer consideração por nós”.¹⁷⁶ Ou até mesmo busca na experiência dos técnicos europeus em seleções africanas para reforçar a tese de uma deficiência tipicamente africana, como é o caso do bósnio Vahid Halilhodzic, à época recém saído do comando da seleção argelina, e que sugere que o insucesso africano se deve graças a uma combinação de influência política e contexto sócio-econômico.

Retomando o discurso da redação, Muller conclui:

Uma coisa que é única no futebol africano é a forma como a maior parte do continente se reúne em torno das suas equipes. A África não é um país, mas o futebol africano certamente é. Isso raramente acontece em outras áreas. Somos africanos sempre que há uma Copa do Mundo e tendemos a apoiar uns aos outros. Você raramente ouve os europeus falarem sobre serem “europeus” ou equipes que carregam as “esperanças de um continente”. Esse entusiasmo poderia ser aproveitado. Uma vez que o potencial é percebido, o esporte vai crescer e Pelé pode ser provado direito - se um pouco prematuro.¹⁷⁷

Em 2012, em artigo chamado “The Question: is African football progressing?” (A questão: O futebol africano está progredindo?), Jonathan Wilson propõe uma reflexão partindo da pergunta supracitada por meio de múltiplos prismas. Em um primeiro momento, em uma subseção denominada “Anos de estagnação”, o autor demonstra estatisticamente as variantes nos desempenhos de africanos nas Copas do Mundo atribuindo que por 12 anos, entre 1978 e 1990, período que compreende a primeira vitória de uma seleção africana (Tunísia) no torneio e quando Camarões tornou-se o primeiro do continente a chegar às quartas de finais, houve algo que poderia ser chamado de “progresso”.¹⁷⁸

O recorte temporal escolhido pelo jornalista, para marcar este divisor de águas nas trajetórias destas seleções no torneio mais importante do Mundo, denota uma simples conexão que é completamente ignorada por ele em seu texto. A década de 1990 é o ponto

¹⁷⁶ MULLER, Antoinette. *Ibidem*.

¹⁷⁷ *Ibidem* (Tradução minha)

¹⁷⁸ WILSON, Jonathan. The Question: is African football progressing?. *The Guardian*, Londres, 17 Jan, 2012.

de partida para a massificação na ida de jogadores africanos para a Europa e, na visão do autor, também é quando o futebol africano dá início a este processo de “estagnação”. A elogiada campanha da seleção camaronesa em 1990 fora percorrida com metade de seu elenco atuando no próprio país, enquanto em 1982 ele era constituído por 17 atletas que jogavam na África em um grupo de 22 jogadores. A Tunísia conquistara a primeira vitória de uma seleção africana em Copas do Mundo, em 1978, com 20 jogadores trabalhando no próprio país. Na Copa do Mundo realizada na França, em 1998, quando Camarões terminara em último lugar na fase de grupos, não conquistando sequer uma vitória, apenas três jogadores atuavam no país. Em 2002, quando o fracasso da edição anterior fora repetido, com eliminação na primeira fase, nenhum atleta mais estava a trabalhar em sua própria nação.¹⁷⁹

Nos exemplos usados por Wilson, um aspecto, no mínimo, sobressalta-se: a europeização dos jogadores africanos não representou, de fato, nenhum progresso para que as equipes nacionais do continente. Em termos práticos, com exceção de alguns atletas da América Latina e Oriente Médio, a Copa do Mundo na transição dos séculos XX para o XXI tornara-se a celebração maior do futebol europeu, sejam quais fossem as nações representadas em campo, constituindo-se no arquétipo do fracasso e do sucesso.

Mesmo ao ignorar uma possível causa da estagnação do futebol africano em um contexto neocolonial, o autor, em um outro tópico, busca desconstruir a ideia de que os laços de dominação nas relações entre África e Europa possam ter infringido agravo aos resultados de seleções como Camarões, Tunísia, Nigéria ou Gana. Diz:

“Talvez até haja mesmo culpa por parte dos europeus ocidentais, a consciência de que há algo de desagradável em um sistema econômico que implica que os melhores jogadores da África, para serem devidamente remunerados, precisam se mudar para uma parte diferente do mundo afim de se realizarem em detrimento do benefício da Europa Ocidental. Isso pode até ser verdade em outras partes do globo, é claro, mas o desequilíbrio econômico não é tão grande e, em outros lugares, não há os mesmos ecos desajeitados da exploração colonial.

Falar de um novo tráfico de escravos é insuportavelmente emotivo, mas há um tráfego desagradável em jovens jogadores vulneráveis e muitas vezes ingênuos, e parece difícil negar que as exigências do mercado europeu moldaram o desenvolvimento tático do futebol africano. Tom Vernon, que dirige uma academia perto de Acra, no Gana, e procura pelo Manchester United, fala do modelo "Pape Bouba Diop": tendo visto o sucesso de grandes e

¹⁷⁹ Informações disponíveis nos arquivos online da FIFA em: <http://www.fifa.com/fifatournaments/archive/> último acesso em 12/04/2018.

musculosos jogadores da África Ocidental, os clubes vão para o oeste da África em busca de mais jogadores e então esse tipo de jogador é priorizado, algo que em parte explica a escassez de atletas criativos da África Ocidental na década entre Abedi Pelé, Jay-Jay Okocha e Kanu e a geração emergente de Kwadwo Asamoah, Dede Ayew e Gervinho.”¹⁸⁰

A tese de Jonathan Wilson não era surpreendente, nem extremamente inovadora em 2012 e, neste caso, nem proposital, mas oficializava por meio da imprensa algo que passou a ser conclamado por outras empresas de comunicação esportiva: a mais inescusável premissa de mercado, oferta e demanda, era um motor de execução de um domínio imperialista no seu sentido mais moderno. A tutela técnica, proposta de troca colonial entre Europa e África no futebol, era inviável em um contexto mercadológico, uma vez que os interesses entre desenvolvimento de técnicas e exploração de uma mão de obra específica eram em si conflitantes.

Se por um lado a imprensa britânica figura como precursora da negação de um domínio neocolonial em detrimento as limitações naturais do futebol africano, cabe o outro lado do espectro discursivo da mídia, a imprensa africana, fornecer tal ideal, pela própria lógica histórica das dominações coloniais. Algo que podemos ver no *Mail & Guardian*, em 2014, em um artigo de Luke Alfred em que o autor busca explicar a falta de qualidade do futebol sul-africano, atribuindo à fatores como a “falta de esforço”, qualidade que, sob a visão do autor, poderia ser algo aprendido vendo o exemplo dos europeus. Mas em um trecho específico, Alfred relata um acontecido com um atleta do país ao passar uma temporada na Europa, reforçando a proposta de Jonathan Wilson:

“Primeiro, uma história. Fora da época, um goleiro sul-africano saiu do país para treinar com um clube europeu. Este não era um clube de glamour - um *Real Madrid* ou *Manchester United* -, mas um que ocupa uma posição honrosamente medíocre em uma das três melhores ligas do continente, proporcionando um dos três "guardiões" da equipe nacional na Copa do Mundo.

Quando a visita terminou, o clube original do goleiro recebeu um relatório técnico da Europa. "Seu goleiro é muito pequeno", dizia o relatório. “Ele não tem habilidades de distribuição. Ele lutaria para jogar profissionalmente em nossa divisão B.”¹⁸¹

¹⁸⁰ *Ibidem* (Tradução minha)

¹⁸¹ ALFRED, Luke. Goals, interrupted: Why SA soccer sucks. *Mail Guardian*, Johannesburgo, 05 Set, 2014. (Tradução minha)

A reprodução de teses pilares da dominação pelos dominados vai de encontro com o que Pierre Bourdieu define em uma nota de rodapé de sua obra “O poder simbólico”: “As tomadas de posição ideológicas dos dominantes são estratégias de reprodução que tendem a reforçar dentro da classe e fora da classe a crença na legitimidade da dominação da classe”.¹⁸² Vertido no contexto preposto, esta imprensa especializada atua em um campo auxiliador das instituições ligadas ao futebol em um mesmo processo que se dava com as instituições coloniais: investir na produção de culturas exportáveis, assim, por meio destas, promovendo uma ideia de dominação que parta também do discurso do dominado.

A imposição das técnicas e a subalternização econômica nestas relações compulsaram as nações africanas, embora nominalmente independentes, que continuassem a viver na relação clássica da colônia com o seu “patrão” metropolitano, isto é, a produzir matérias-primas (jogadores) e a servir-lhe de mercado exclusivo, ou um receptor de produtos (técnicos europeus) que não conseguem ultrapassar as fronteiras de seus domínios, o que levou o futebol a espelhar o estado naquilo que Kwame Nkrumah aponta dizendo: “a essência do neocolonialismo é que o estado a ele submetido é teoricamente independente, possui todas as insígnias da soberania no plano internacional. Mas na realidade a sua economia e, conseqüentemente, a sua política estão manipuladas a partir do exterior.”¹⁸³

Neste campo de representações, o sociólogo Said Bouamama Do Galizacig coadjuva pare este entendimento exemplificando os agentes envolvidos no processo de definição do neocolonialismo:

“O especialista e o consultor substituem o colono e o militar. Já não se estuda a desigualdade dos crânios, mas sim os travões culturais ao desenvolvimento. Como já não se pode legitimar sobre a base biológica, a hierarquização do ser humano desloca-se na direção da cultura atribuindo às “culturas” as mesmas características que antes supostamente especificavam as raças biológicas.”¹⁸⁴

¹⁸² BOURDIEU, P. *O Poder simbólico*. 16 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. P. 11

¹⁸³ NKUMAH, Kwame. *Neocolonialismo: ultimo estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

¹⁸⁴ GALIZACIG, Said Bouamama. Colonialismo, Neocolonialismo e Balcanização: As três idades de uma dominação. Disponível em <https://www.geledes.org.br/colonialismo-neocolonialismo-e-balcanizacao-as-tres-idades-de-uma-dominacao/>

O decurso de regulação da geopolítica do futebol a partir da segunda metade da década de 1990 dá-nos a possibilidade de compatibilizar a proposta de Galizacig. Os agentes que participam da proposta de dominação neocolonial são constantemente reajustados, ou realocados, dentro de um sistema multável. É a reapropriação do mesmo futebol que outrora era mecanismo de propaganda pan-africanista de Kwame Nkrumah, ou símbolo de resistência de uma Gana independente, mas que impõe a recuperação dos espaços outrora ocupados institucionalmente, para se tornarem locais de investimentos de práticas culturais coloniais e pós-coloniais (este último considerando um prisma temporal).

Deste modo, a despeito do enrijecimento da legislação europeia para deter o aumento do fluxo migratório, a utilização de jogadores africanos em seus clubes e, posteriormente, em suas seleções nacionais rumou a estética e a estrutura do futebol internacional para um espaço de tolerância em uma festa (o futebol) em que todos são considerados iguais. Sob este talhe que consolidar-se-á o projeto neocolonial no século XXI por intervenção dos aspectos culturais do esporte; enquanto os torcedores africanos vibram com o sucesso de seus atletas em clubes ingleses, franceses, alemães e anseiam pelo conhecimento tático dos técnicos brancos, os torcedores europeus pedem o fim da migração de africanos para seus países, ao mesmo tempo que celebram seus gols com as camisas da Inglaterra, França e Alemanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA

AKINDES, Gerard; ONWUMECHILI, Chuka. *Identity and Nation in African Football: Fans, Community and Clubs*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

ALEGI, Peter; BOLSMANN, Chris. *South Africa and the Global Game: Football, Apartheid and Beyond*. Londres: Routledge, 2010.

_____. *Africa's World Cup: Critical Reflections on Play, Patriotism, Spectatorship, and Space*. Michigan: The University of Michigan press, 2013.

ARMSTRONG, G.; GIULIANOTTI, R. (Ed.). *Football in Africa: conflict, conciliation and community*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

BALLER, Susann; MIESCHER, Gregorio; RASSOOL, Ciraj. *Global Perspectives on Football in Africa: Visualising the Game*. Londres: Routledge, 2013.

BANDYOPADHYAY, Kausik. *Why Minorities Play Or Don't Play Soccer: A Global Exploration*. Oxon: Routledge, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, Homí K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. *O Poder simbólico*. 16 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BROWN, Adam. *Fanatics: Power, Identity and Fandom in Football*. Londres: Routledge, 1998.

BROWN, Wendy. "Tolerance as a Discourse of Depoliticization", in Wendy Brown (org.), *Regulating Aversion. Tolerance in the Age of Identity and Empire*. Princeton University Press: New Jersey, 2006.

BURDSEY, Daniel. *Race, Ethnicity and Football: Persisting Debates and Emergent Issues*. Londres: Routledge, 2011.

CANOVILLE, Paul. *Black and Blue: How racism, drugs and cancer almost destroyed me*. Londres: Headline Publishing Group, 2008.

CASTELLS, Manuel. *The informational city: Economic Restructuring and Urban Development*. Oxford, Blackwell. 1989.

- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.
- CHARI, Tendai; MHIRIPIRI, Nhamo. *African Football, Identity Politics and Global Media Narratives: The Legacy of The FIFA 2010 World Cup*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.
- COOPER, Frederick. *Descolonization and African society*. Cambridge: Cambridge University press, 1996.
- DARBY, Paul. *Africa, football and FIFA: politics, colonialism and resistance*. Cornwall: Cass, 2002.
- DICKINSON, Matt. *Bobby Moore: The Man in Full*. Londres: Yellow Jersey Press, 2014.
- DONNELLY, Peter; PETHERICK, Leanne. 'Workers' Playtime? Child Labour at the Extremes of the Sporting Spectrum', *Sport in Society*, 7: 3, 301 — 321, 2004.
- FAIR, Laura. "Kickin' It: Leisure, Politics and Football in Colonial Zanzibar, 1900s-1950s." *Africa: Journal of the International African Institute* 67, no. 2 (1997): 224-251.
- FULLER, Harcourt *Building the Ghanaian Nation-State*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.
- GALIZACIG, Said Bouamama. Colonialismo, Neocolonialismo e Balcanização: As três idades de uma dominação. Disponível em <https://www.geledes.org.br/colonialismo-neocolonialismo-e-balcanizacao-as-tres-idades-de-uma-dominacao/>
- GOLDBLATT, David. *The ball is round: A global history of soccer*. Nova York, Riverhead Books, 2006.
- GIULIANOTTI, Richard. *O estudo do esporte no continente africano*. In: MELO, Vicotor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (orgs). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- HABERMAS, Jürgen. The constitutionalization of international law and the legitimation problems of a constitution for world society. *Constellations*, v. 15, n. 4, 2008.
- HALBERT, Debora. *The State of Copyright: The complex relationships of cultural creation in a globalized world*. Londres: Routledge, 2014.
- HALL, Stuart (org.). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HILL, Thomas E. Jr. "Kantian Pluralism". *Ethics* 102.
- HILL, Dave. *Out of His Skin: The John Barnes Phenomenon*. Londres: WSC, 2001.

HINE, Darlene; KEATON, Trica; SMALL, Stephen. *Black Europe and the african diaspora*. Illinois: The University of Illinois press, 2009.

JACK, G.; WESTWOOD, R. *International and Cross-Cultural Management Studies: A Postcolonial Reading*. Palgrave MacMillan, Londres: 2009

KAINJA, Jimmy. Why do African countries hire non-African football coaches so much? *Africa is a Country*, Brooklyn (New York), Fev. 2010. Acessível em: <http://africasacountry.com/2013/02/why-do-africancountries-hire-white-football-coaches-for-their-national-teams>.

KING, Colin. *Playing the White Man*. New York: Berg, 2004.

KUPPER, Simon. *Football against the enemy*. Londres: Orion Group. 1996.

LUDLOW, Hellen. Ghana, cocoa, colonialism and globalization: Introducing historiography. *Yesterday&Today*, Witwatersrand, n. 8, 21 p. Dezembro, 2012.

MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark. *Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings*. Londres: Routledge, 2011

MAILARD, Edgard. a theoretical model for a fang-french-english specialized multi-volume school dictionary. Tese (Doutorado em Literatura) – University of Stellenbosch. Stellenbosch, p. 333. 2007.

MAMDANI, Mahmood. *Citizen and Subject: Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism*. New Jersey: Princeton Press, 1996.

MARKOVITS, Andrei; RENSMANN, Lars. *Going Global: Sports, Politics, and identities in Gaming the World: How Sports Are Reshaping Global Politics and Culture*. New Jersey: Princeton Press, 2013.

MARTUCCELLI, Danilo. Reflexões sobre a violência na condição moderna. *Tempo soc.*, São Paulo , v. 11, n. 1, p. 157-175, 1999 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000100008&lng=en&nrm=iso>.

MAZRUI, Ali. *Nkrumah's Legacy and Africa's Triple Heritage Between Globalization and Counter Terrorism*. Accra: Ghana Universities Press, 2004.

MEHLER, Andreas. Political Discourse in Football Coverage: The Cases of Côte d'Ivoire and Ghana. *GIGA*, Leibniz, n. 27, 25 p. Agosto, 2006.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MOORE, Robert. Forty Four Years of Debate: The Impact of Race, Community and Conflict. *Sociological Research Online*, n. 16, 2011. Acessado em <http://www.socresonline.org.uk/16/3/12.html>>

- MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Ed. Hedra, 2000.
- NKRUMAH, Kwame. *Neocolonialismo: ultimo estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PERCY, Martin; TAYLOR, Rogan. Something for the weekend, sir? Leisure, ecstasy and identity in football and contemporary religion. *Leisure Studies*, v. 16, n. 4, 37-49, 1997.
- PLATTS, Chris. ‘Money, money, money?’ The development of financial inequalities in English professional football. *Soccer & Society*, v. 11, n. 5, 2010.
- POLI, Raffaele. Africans’ Status in the European Football Players’ Labour Market. *Soccer & Society* 7, issues 2-3 : 14p. , 2006.
- RITZER, G. *The globalization of nothing*. Sage: London, 2004.
- RUHS, M.; ANDERSON, B. Semi Compliance in the Migrant Labour Market. Oxford: Centre on Migration, Policy and Society, 2006.
- SELL, Mariléia. Identidades em devir: um processo dinâmico, contínuo e inacabado. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis , v. 15, n. 2, p. 506-508, Aug. 2007 .
- STUART, Ossie. *The lion stir: Footbal in african society*. In: WAGG, Stephen. *Giving the game away: Football, politics and culture on five continents*. Londres: Leicester University Press, 1995.
- SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. *FIFA and the contest for world football*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- SZYMANSKI, S.; KUYPERS, T. *Winners and Losers: The Business Strategy of Football*. Viking: London, 1999
- _____ ; ANDREFF, Vladimir. *Handbook on the economics of sport*. Northampton: Edward Elgar, 2006.
- TAYLOR, Matthew. Football, migration and globalization: The perspective of history. *School of social, historical and literary studies*, 2007.
- WAGNER, Peter. *Theorizing Modernity. Inescapability and attainability in social theory*. Londres: Sage Publications, 2001

WILMSEN, Edwin. *The Politics of Difference: Ethnic Premises in a World of Power*. Chicago: The University of Chicago press, 1996.

WILSON, Jonathan. *Inverting the pyramid: the history of football tactics*. Londres: Orion, 2009.

ÁUDIO-VISUAL

Discurso de Desmond Tutu na plataforma do YouTube disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ggCeazQ5Z4c>

“Nii Lamptey - The Ghanaian Pele”. [Filme-vídeo]. Accra, Bwana, 2014. Stream, 8 minutos.

“Nkrumah & Ghana's Black Stars”. [Filme-vídeo]. Accra, Miracle Films Ghana Limited, 2010. Stream, 24 minutos.

FONTES ESCRITAS

DADOS E ESTATÍSTICAS

Arquivo online da *FIFA* disponível em: <http://www.fifa.com/fifa-tournaments/archive>

Arquivo online do *World Football* em: <http://www.worldfootball.net/transfers>

Arquivo online do *English National Archive* em: <https://enfa.co.uk/>

Arquivo online do *Transfer Markt* em: <https://www.transfermarkt.com/>

Dados e estatística retirados das atas oficiais das partidas da Copa das Nações Africanas de 1965 disponíveis em: <http://www.rsssf.com/tables/65a.html>

Informações acerca do projeto original do “Nkrumah Gold Cup” disponíveis em: <http://www.rsssf.com/tables/nkrumah.html>

Mídia jornalística e livros

ADAM, Mohammed. Why African countries don't win the World Cup. *Ottawa Citizen*, Ottawa, 24 Jul, 2014.

ALFRED, Luke. Goals, interrupted: Why SA soccer sucks. *Mail Guardian*, Johannesburgo, 05 Set, 2014

ANAMAN, Fifi. An African sports tale of romance, betrayal and tragedy. *Pulse*, 02 Dez, 2014.

AUTOR DESCONHECIDO. Chelsea feel force of nature. *The Guardian*, Londres, 21 Ago. 2005.

AUTOR DESCONHECIDO. Chelsea delight at Essien signing. *BBC*, Londres, 19 Ago. 2005.

AUTOR DESCONHECIDO. Obi makes plea for Chelsea switch. *BBC*, Londres, 28 Jun. 2005.

AUTOR DESCONHECIDO. Howard Gayle: I needed mental resilience to survive as Liverpool's first black player. *The Guardian*, Londres, 3 out, 2016.

AUTOR DESCONHECIDO. Man Utd and Arsenal in for Essien. *BBC*, Londres, 01 Ago. 2005

AUTOR DESCONHECIDO. Football after Independence. *The Sun Online*, Accra, disponível em: <http://thesunonlinegh.com/2015/03/football-after-independence/>

AUTOR DESCONHECIDO. AC Milan friendly called off after racist chanting. *BBC*, 03 Jan, 2013.

AUTOR DESCONHECIDO. Dowie's Palace Move. *Daily Express*, Londres, 06 Jan. 1995.

AUTOR DESCONHECIDO. Boateng: German right-winger's neighbour comment 'sad'. *BBC*, 31 Mai, 2014.

AUTOR DESCONHECIDO. Boateng walk-off alone will not end racism – Seedorf. *BBC*, 04 Jan, 2013.

AUTOR DESCONHECIDO. Keshi raises concerns over white coaches in Africa. *BBC*, Londres, 04 Jun, 2013.

AUTOR DESCONHECIDO. Malawi football coach calls for african countries to hire local coaches. *Pulsepoint*, 19 Jun, 2013.

BANDINI, Paolo. Mario Balotelli has a reputation to live down at Manchester City. *The Guardian*, 17 Ago, 2010.

BANKS, Tony. As clubs clash over Lyon star. *Daily Express*, Londres, 12 Mai. 2005.

_____. Don't go, Michael. *Daily Express*, Londres, 20 Jul. 2005.

_____. Drogba gets the Mourinho bug. *Daily Express*, Londres, 19 Ago. 2005.

CAVEL, Nick; OKELEJI, Oluwashina. Stephen Keshi will be remembered as an African pioneer. *BBC*, Londres, 08 Jun, 2014.

CONNOLLY, Kate. Immigration: the rare success story of Mesut Ozil. *The Guardian*, 15 Nov, 2010.

GAUDICHET, Nicolas. 'Ghetto kid' Boateng set for German backlash. *Mail Guardian*, 23 Jun, 2010.

GROSSEKATHÖFER, Maik. The Boateng Brothers' World Cup Duel. *Spiegel*, 16 Abr, 2010.

HEFFERNAN, Connor. Football, Dr Kwame Nkrumah & The Quest For African Unity. Punditarea, Accra, disponível em: <http://www.punditarena.com/football/cheffernan/football-kwame-nkrumah-and-the-quest-for-african-unity/>

HUMPHREYS, Jason. George, Kevin-Prince and Jérôme Boateng: football's intriguing Brothers. *The Guardian*, 22 Abr, 2015.

FIFIELD, Dominic. Jack Wilshere enters the Januzaj debate: 'Keep England for the English'. *The Guardian*, Londres, 9 out, 2013.

FOOT, John. Mario Balotelli as a black Italian hero: long may it last. *The Guardian*, 19 Jun, 2012.

GLANVILLE, Brian. Dark continent yields up false treasure. *Sunday Times*, Londres, 26 Jan. 1992

HATTENSTONE, Simon. Mario Balotelli's quirky lifestyle honoured with a chant of its own. *The Guardian*, Londres, 24 Out, 2011.

HAWKEY, Ian. Africa rising. *Sunday Times*, Londres, 14 Jan. 1996.

_____. Out of Africa. *Sunday Times*, Londres, 22 Fev. 1998.

_____. Profits fair on foreign exchange. *Sunday Times*, Londres, 05 Fev. 1995

HOLDEN, Jim. Can Rooney survive life in the last line? *Sunday Express*, Londres, 26 Out. 2003.

_____. Lamptey the clockwork orange kid. *Daily Express*, Londres, 11 nov, 1991.

_____. Quinton in search of fame and his fortune with Spurs. *Daily Express*, Londres, 11 nov, 1991.

_____. The Ghetto. *Sunday Express*, Londres, 26 Mai. 2002.

HUGHES, Rob. A ray of light from the dark continent. *Sunday Times*, Londres, 15 nov 1992.

JACKSON, Jamie. Portsmouth seek delay to exodus of African players. *The Guardian*, Londres, 10 Dez, 2009.

KELSO, Paul; TREMLETT, Giles. Real Madrid eye up Beckham - the £40m brand name. *The Guardian*, Londres, 25 Abr, 2003.

KINGTON, Tom. Italy's culture of racism exposed by fans' abuse of black football star. *The Guardian*, Londres, 13 Dez. 2009.

LEWIS, England hero Danny Welbeck could have been playing for GHANA but resisted their relentless pursuit. *Mirror*, Londres, 09 Set. 2014.

MAGOWAN, Alistair. Premier League set for African Cup of Nations exodus. *BBC*, Londres, 15 Dez, 2009.

MANGAN, James Anthony. *Athleticism In The Victorian And Edwardian Public School The Emergence And Consolidation Of An Educational Ideology Sport In The Global Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MUNGAZI, Farayi. Ghana legend laments money culture. *BBC*, Accra, Jan. 2008. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/africa/7185929.stm>

PHILLIPS, Owen. Paul Canoville: Chelsea pioneer on racism, rehab and redemption. *BBC Sports*, Londres, 26 set, 2013.

PINKNEY, Robert. *Ghana Under Military Rule 1966–1969*. Londres: Methuen & Co Ltd, 1972.

PRESS ASSOCIATION. Kevin-Prince Boateng sorry for 'stupid' challenge on Michael Ballack. *The Guardian*, 18 Mai, 2010.

RICE, Simon. Clarence Seedorf critical of Kevin-Prince Boateng's racism walk-off. *Independent*, 04 Jan, 2013.

TAYLOR, Daniel. I'm no bad boy, says Manchester City's new signing Mario Balotelli. *The Guardian*, 17 AGO, 2010.

The Stephen Lawrence Inquiry: Report of an Inquiry by Sir William Macpherson of Cluny, CM4262-I, Londres: The Stationary Office; also at www.official-

documents.co.uk/document/cm42/4262/4262.htm; zejména 6. kapitola o rasismu, s. 26-28.

THOMPSON, W. Scott. *Ghana's Foreign Policy 1957–1966*. Princeton: Princeton University Press, 1969.

WHITWELL, Laurie. Arthur Wharton recognised at St George's Park as statue is unveiled in memory of the world's first black professional footballer. *The Dailymail*, Londres, 14 out, 2014.

WEHNER, Markus; LOHSE, Eckart. Gauland beleidigt Boateng. *Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung*, 29 Mai, 2014.

Wille, Paul. 'Future Policies on Prevention and Trafficking of Human Beings in Europe'. Documento apresentado na *IOM-Conference on Prevention of and fighting against trafficking in human beings with particular focus on enhancing co-operation in the process to enlarge the European Union* (2002). P. 5.

WILSON, Jonathan. The Question: is African football progressing?. *The Guardian*, Londres, 17 Jan, 2012.

WINTER, Henry. Jack Wilshere fuels debate over foreign players after insisting Adnan Januzaj should not represent England. *The Telegraph*, Londres, 8 out, 2013.

_____. Class tells as Drogba adds spark to Chelsea. *The Telegraph*, Londres, 25 Ago. 2004.

_____. Euro 2012: England striker Danny Welbeck reveals he is living out his childhood dream. *Telegraph*, 13 Jun, 2012.

YEBOAH, Thomas. A historical overview of coaches who have managed the Ghanaian national football team. *Pulse*, 14 Abr, 2014

ANEXOS

ANEXO 1



Inauguração da estátua de Arthur Wharton. Chris Powell, Keith Curle, Chris Ramsey, Dave Regis e Leslie Ferdinand.

ANEXO 2



Selo produzido na URSS em homenagem à Kwame Nkrumah, em 1989.

ANEXO 3



Kwame Nkrumah sendo condecorado pelo presidente do *Real Madrid*, Santiago Bernabéu, em excursão da seleção ganesa pela Europa, em 1962.

ANEXO 4



Ndlovu: goals of breathtaking vision

Olyn Kirk

A ray of light from the dark continent

THRILL US, for heaven's sake, thrill us! How often in the Premier League do we see a born crowd-pleaser communicating the joy of playing, the feeling that his best friend is the ball? If you have watched Coventry City, you will be aware that their early season flourish has much to do with Peter Ndlovu.

He brings an African soul to English methods. Instinct moves him, but for how long we cannot say, because Ndlovu is the expression of youth, and maturity tends to rub ordinariness into the young, gifted and free.

A glance at Ryan Giggs, Manchester United's most exciting winger since George Best, confirms that. Giggs, for all his pace and touch, has become a thinker, a worrier. So, while that is a phase which may end when the tension eases within a struggling team, the baton has passed from him to Ndlovu.

He is Zimbabwean, he speaks English and, in common with Ghanaians and Nigerians, he grew up believing England to be the cradle of football. Thank goodness we have him. He might be the one to dispel the island mentality which makes Britain virtually the last European country to plunder Africa's talents.

It is significant that En-

gland's manager waits anxiously to see if John Salako is fit for Wednesday's World Cup qualifier. Were John Barnes also available, I suspect Graham Taylor would use both on England's wings. Salako was born a Nigerian, Barnes a Jamaican.

Our stereotyped, combative game needs their improvisation. Although Salako and Barnes were schooled and naturalised here, traces of original footwork and unpredictability (yes, unreliability too) are precious. Ndlovu has not yet shed his coat of innocence, nor the element of surprise that foxes opponents. Coventry discovered him on the verge of manhood when they toured Zimbabwe three years ago.

John Sillit, their manager in those days, invited him and his older brother, Adam, for trials. Peter stayed, with a cheque for £10,000 passing to Butawayo Highlanders. Adam had to wait his chance until this month, when Manchester United asked him for a second trial. Perhaps they think in Manchester that genius is genetic.

The brothers are symbols of an African majority who yearn as children to play in England. Abedi Pele, the Ghanaian uncrowned king of African football, spent years

Rob Hughes marvels at the talents of Coventry's winger, Peter Ndlovu

telling his Marseille roommate (one Chris Waddle) what he would give to play in this country. Ricky Owubokiri, from Nigeria, became Europe's top goalscorer with his Portuguese club this summer, yet he too has one regret — that at the age of 32 the call may never come from an English club.

We have not yet seen how Ndlovu would react in a struggling Coventry side, nor how mud might claw at his skills and his lightweight frame. But this time last year when, at the age of 18, he featured briefly in the League side, he instinctively preyed on an error to score at Highbury. This season he has regularly swooped in from the flank to score goals of breathtaking vision and quality.

We have seen the ear-to-ear grin, the boyish openness with which he admits that Liverpool were his dream team. But we have little knowledge of what is inside him, and Bobby Gould, his manager, wants it to stay that way for a while.

"We are not intending to throw a permanent cloak over him," Gould said. "But we are telling all press men we don't want him exposed to the limelight yet. He's a very, very exciting prospect, but we want him to earn his acclaim."

Gould is shielding more than the player. He and the Coventry coach, Phil Neal, arrived at Coventry just 18 weeks ago, unsure of Ndlovu's best position. "We are monitoring everything he does," Gould said. "We're asking for a few weeks more to settle him down, get him and us used to one another, before he does any interviews."

Fair enough. But the media's curiosity is natural. Here is something new, something out of the ordinary, and it is their duty to try to get as close to it as they can, especially in such a boring league.

Gould does say that "the naivety in Peter is beautiful", and God forbid that he should tamper with it. But, like everybody else, an African abroad needs a father figure. He needs to be discovered, liked, developed, and cared for.

In France, for example, where 35 Africans play in the First Division, Monaco this summer sold George Weah, a Liberian they bought in 1988 for £75,000, for £5m. Weah shot straight to the

top of the scoring charts for Paris St Germain, yet a few days ago complained that he felt victimised by his new coach, and that in Paris he was valued neither as a man nor a player.

Perhaps it is this — the exposure of an intrinsically shy man — that concerns Gould in Ndlovu's case. It certainly concerns Roger Milla, the Cameroon player who toiled with England in the 1990 World Cup, and who sees the traffic out of his continent as "a kind of slavery".

Possibly. But if so they are the best-paid slaves in history. There are now 300 earning their fortune in European football. And lately Pele, at Marseille, and Anthony Yeboah, at Frankfurt, were given private jets to enable them to play for their clubs and represent their nations within days.

Ndlovu is not yet in that class. Coventry have allowed him to go to and fro between England and Zimbabwe by scheduled aircraft. And on those journeys the little player from Butawayo may have found his mentor: his companion is Bruce Grobbelaar, the Liverpool goalkeeper, who once fought in Ian Smith's Rhodesian army against the African guerrillas who came to rule Zimbabwe.

Artigo de Rob Hughes ao *Sunday Times* prospectando o "Espírito Africano" no futebol inglês. No título: "Um raio de luz do continente das trevas".

ANEXO 5



Nii Lamptey, em 1991, ao sagrar-se campeão por Gana, na Copa do Mundo Sub-17.

A British trio has set up shop in inner city Miami in the search for future soccer superstars EXCLUSIVE: JIM HOLDEN

STEVE RUTTER, one of England's finest youth coaches, should have been flying out to the World Cup this weekend among the small army of spies the Football Association uses at major tournaments to assess opposition teams.

Instead, this little-known Englishman has decided to head for football's final frontier, boldly going where no scout has gone before. Rutter last week began searching for the ghosts of Miami - searching for a new Pele or a new Maradona, for the kids who might be the heroes of the 2010 World Cup.

The mean streets of Miami may seem a dangerous and unlikely place to find soccer superstars of the future, as far away from the World Cup as it is possible to be.

But the black urban wastelands of modern America are perhaps the last districts of the world yet to be conquered by soccer.

Rutter believes there is football gold to be mined here - and along with two English sporting entrepreneurs, Andy Middleton and Paul Stevens, is setting up the first soccer academy aimed at discovering, and then developing with care, a wealth of untapped talent.

"We held our first trials a few days ago," said Rutter, formerly a coach to England national youth teams and an FA scout at the Euro 2000 tournament, where his job was to provide reports on France and Yugoslavia.

On the first day a little Argentinian kid turned up who had fantastic skills. He would walk straight into the England Under 15 side without any more coaching at all. And there are probably hundreds more like him, especially in the large immigrant Latin and Hispanic communities in cities like Miami.

"The aim of our academy is to give kids like this a chance in life. It will take time, but I'll consider it a success if a few years down the line some of these boys make it into the major football clubs of Europe and play for national teams in the World Cup."

"I could have stayed with the FA, and I had offers to join a couple of Football League clubs too. But I'm really excited by this idea. I'm sure there are superstars out there."

Soccer academies are one

of the fastest growing areas of sport. They have all but engulfed Africa, the most spectacular example being Senegal, whose national side will face France in the opening match of the World Cup finals on Friday.

The first academy was set up in the West African state only 10 years ago by French club Monaco. Now there are more than 100 football schools in Senegal, one headed by Arsenal's Patrick Vieira, who was born in the country.

Five of the likely Senegalese side to play France (and Vieira) grew up together in that first academy, including current Monaco goalkeeper Tony Sylla, who says he owes everything to it.

"It changed my life," he said. "You can't imagine how difficult life can be going to train when you are hungry, walking home without a penny in your pocket."

So many great footballers through the ages have emerged from poverty-stricken backgrounds, a natural talent for sport providing a passport to a new life.

But the avenue to success must exist before it can be travelled. In Africa the pathways had to be artificially imported from abroad and the search to trace urban America, according to Middleton.

"Many of the kids love soccer, said the former Royal Marine commando, who made a small fortune in the phone industry and is now investing his cash in the soccer world of sport.

"But there is simply no system for them to join. The game in the USA has been very popular, but largely a preserve of the white, middle classes. And with no real professional system to support it, there is no clear route to the top for American youngsters."

"I'm convinced we have found a real gap. American football has never produced a truly great player, but I believe a new 'Maradona' is there to be discovered."

So are key backers of the project, which was officially launched in Miami two days ago. Carlos Valderrama, the former Colombian World Cup star, has joined up as a star ambassador, while many clubs in England and Europe have already shown enthusiastic interest.

Of course they have. European clubs are voracious consumers of promising youngsters, and in the past there have been scandalous tales of neglect to set against the classic rags-to-riches stories. The most famous case, perhaps, is that of Nii Lamptey, a wonder kid from Ghana, who was smuggled out of his home country at the age of 14 in the boot of a car to join Anderlecht.

He was swiftly dubbed the new Pele, and his career briefly dazzled when he played in the Champions League at the age of 18. But after a dozen different clubs (including Aston Villa and Coventry) and many disappointing experiences round the globe, he is now playing anonymously in the Chinese league. Another appalling case we



SUCCESS: Monaco's Tony Sylla benefited from an academy

highlighted in these pages last year was the slave trade in teenage Brazilians who were taken to Belgium and left to fend for themselves in a strange land by unscrupulous agents, who vanished when the kids were rejected by clubs.

FIFA have since imposed new regulations forbidding young players moving countries until they are at least 18 years old.

But abuses still happen - and the Englishmen in America know the success of their dream will depend on forging a reputation for looking after talent as well as discovering it.

They have called their firm CareerSports, and say the unique idea is to provide social as well as sporting

THE GHETTO

Artigo de Jim Holden ao *Sunday Express* falando sobre o "garimpo" de futuros jogadores de sucesso nos "guetos" do Mundo (2002).



JIM HOLDEN
CHIEF SPORTS CORRESPONDENT
e-mail your comments to jim.holden@express.co.uk

PADU HARVESON is swapping the press officer's job at Manchester United for a similar role with Prince Charles. It's another tough assignment, but at least he will be allowed by the boss to do the job properly.

Can Rooney survive life in the fast lane?

DAVID MOYES was once a star-struck teenager plunged into the first team at a big football club. He remembers the bar-room backslappers telling him of the glory and riches that lay ahead as surely as the sun would rise each morning over the great stadiums of soccer.

He remembers how it was, how the dreamers of becoming a hero at his beloved Celtic were swept away by reality.

In the case of Moyes, that was the blinding revelation of a tormented European night spent chasing the shadow of the magical Marco van Basten.

He knew he would have to find different pleasures from the game: the satisfaction of a journeyman career in the lower leagues, where his unceasing endeavour made him a fan favourite, and then a rise into the spotlight as by far the most accomplished young football manager in Britain.

Moyes had the good sense to realise early on that his particular talent would be for management.

And as he put in the days and months and years of hard graft necessary for success. He earned the most useful job in his spare time, and then he coached them to success.

He spent hours and hours analysing matches when his peers were in the stocker beds. He studied a flat with Joe Jordan and looked at the vintage hero's intensity. He looked and listened and learnt, and kept an absolute focus on the goal ahead.

The success of the young manager who has transformed Everton did not happen by accident. He made the most of what nature granted him.

Now he has the task of his life - that of persuading Wayne Rooney that modern football is a tough, dirty, difficult game where glory comes from blood and sweat and

very few hours. Sure, the kid is a super talent. But how many young comets have faded out prematurely? Talent is no guarantee of success, very often it can make the journey a struggle.

"Nobody has had a talent like Wayne in this country for a long, long time," says Moyes. "But when you're young you don't really understand what you've come into. You don't think too deeply about how it will change your life, and as time goes on it becomes a bigger drain mentally."

They were wise words spoken to Moyes on the eve of Rooney's 18th birthday, to be celebrated with a shrewd party at Anfield on Saturday.

Whoever made that decision it was far from thoughtful. Celebrating a goal. A horde of bar-room backslappers. Will they help Rooney to think about the reality of his football?

The question needs no answer. As athletes across all the sporting disciplines will tell you, there are several requirements for success. Ability is one. So is outstanding fitness. The most important by far is mental discipline and toughness.

Can Rooney cope with the pressure?

That question does need an answer. We are already witnessing what seasoned pros call second season syndrome with this young footballer.

He has scored one goal for Everton in this campaign. But he has collected five yellow cards and one suspension.

It suggests opposition teams have worked him out and worked him over. They stop him scoring and they relentlessly prey on a suspect temperament.

Moyes is a manager who assiduously studies the statistics of sport, and he knows the figures don't lie. Nor does a career total of 11 goals and 14 cards in 54 matches.

There isn't a great player in history who collected more yellow cards than goals. None. Not a great striker with a scoring ratio

of merely one in five. That is journeyman material.

Everton's manager is trying to make Rooney think about his life and his football. His advisers and his family should do the same. It is not about being a hero. It is about figuring out the hard, hard business of sport.

The current yellow card frenzy betrays a mental weakness, however physically mature and skilled he may be.

If Rooney can't understand that, if he can't focus on the development he requires, if he can't alter those numbers in the next 12 months, if he can't make the most of what nature has granted him - then it won't matter a damn what the backslappers say because the hype will vanish and so will the celebrity parties.

And the manager simply won't pick him any more.

Many years ago, I spoke to a young kid called Nii Lamptey, who scored on his European Cup debut for Anderlecht at just 15.

Paul called him "my natural, natural, natural successor".

He was even better than Rooney, he was the more philosophical kid I ever saw.

Lamptey was last heard of playing at an obscure club in China after years of private tuition in many countries from Italy to Argentina to England.

He wasn't able to cope with great expectations put on him - and he couldn't cope with reality.

Can Wayne Rooney?



Harmison repays the faithful

SITTING in the press box at the Oval three months ago, the cognoscenti of cricket were adamant that England should ditch the wayward Steve Harmison, their one and only genuinely fast bowler. However, six wickets in the first Test of the series, albeit against Bangladesh, proves that coach Duncan Fletcher was right to keep faith with the raw potential of Harmison. And that England are right to keep faith with Fletcher himself.

Artigo de Jim Holdem ao *Sunday Express* trazendo um comparativo entre o fracasso de Nii Lamptey e o futuro de Wayne Rooney (2003).

ANEXO 12

The screenshot shows the top navigation bar of The Guardian website with categories like News, Opinion, Sport, Culture, and Lifestyle. The article title is "Italy's culture of racism exposed by fans' abuse of black football star" by Tom Kington, dated Sun 13 Dec 2009. The sub-headline reads "Born in Sicily to Ghanaian parents, Inter Milan's Mario Balotelli personifies a refusal to accept a multi-ethnic society". A photograph of Mario Balotelli in an Inter Milan jersey is featured. On the right, a "most viewed" sidebar lists other articles such as "Manchester United veto José Mourinho's transfer wishlist" and "Summer transfer window verdict: how every Premier League club fared".

Artigo de Tom Kington, publicado pelo portal eletrônico do *The Guardian*, acerca dos casos de racismo por parte dos torcedores italianos envolvendo o descendente de ganeses Mario Balotelli, em 2009.

ANEXO 13



Em partida válida pela Premier League, Mario Balotelli, ao marcar um gol no clássico entre Manchester United e Manchester City, levanta a camisa e mostra a mensagem “Why Always me?” (“Por que sempre eu?”) fazendo alusão as polêmicas exploradas pela mídia envolvendo sua vida pessoal.

ANEXO 14



▲ Italy striker Mario Balotelli climbs on to Uruguay's Álvaro Pereira to earn an unnecessary booking. Photograph: Kamil Krzaczyński/EPA

Mario Balotelli has reacted to harsh criticism - some of it discriminatory - for Italy's group-stage exit from the World Cup, as the fallout turned into an ugly hunt for scapegoats.

"Balotelli was not the only one to lose but he was certainly disappointing," said the Italian Olympic Committee president Giovanni Malago, who oversees all sports in Italy. Next to a video with someone saying: "Mario, you're really not Italian. Go away," Balotelli posted a long reply on Instagram. "I'm Mario Balotelli. I'm 23 years old and I didn't choose to be Italian," Balotelli wrote. "I strongly wanted [to be Italian] because I was born in Italy and have always lived in ITALY."

Matéria do *The Guardian*, em 2014, após eliminação da seleção italiana da Copa do Mundo destacando uma fala de Mario Balotelli sobre as críticas que recebeu por "não ser italiano".

ANEXO 15



Seleção ganesa da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul.

ANEXO 16



Os irmãos Jerome e Kevin-Prince Boateng, filhos de ganeses, em uma partida entre Alemanha e Gana, na Copa do Mundo de 2010, em equipes diferentes.

ANEXO 17



Jogadores do *AC Milan* se aquecendo e trazendo em suas camisas mensagens contra o racismo, logo após os ataques que Kevin-Prince Boateng sofrera.

ANEXO 18



Em partida da *Premier League*, em 2010, quando Kevin-Prince Boateng lesiona o astro alemão Ballack o deixando de fora da Copa do Mundo.

ANEXO 19



Kwame Nkrumah, em 1964, como de costume, saudando os *Black Stars* antes de uma partida oficial.